

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Programa de Pós-Graduação em Educação-PPGEDU

PRESENCAS EM MOBILIDADE: uma aprendizagem das co-moções

SUELLEN FERREIRA LUZ

PORTO ALEGRE

2022

Suellen Ferreira Luz

PRESENÇAS EM MOBILIDADE: uma aprendizagem das co-moções

Defesa de Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação. Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Lages e Silva

Linha de pesquisa: Aprendizagem e Ensino

PORTO ALEGRE

2022

### CIP - Catalogação na Publicação

Ferreira Luz, Suellen  
PRESENCAS EM MOBILIDADE: uma aprendizagem das  
co-moções / Suellen Ferreira Luz. -- 2022.  
102 f.  
Orientador: Rodrigo Lages e Silva.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Acolhimento de refugiados. 2. Aprendizagem  
inventiva, . 3. Acompanhamento Terapêutico. I. Lages e  
Silva, Rodrigo, orient. II. Título.

Suellen Ferreira Luz

PRESENÇAS EM MOBILIDADE: uma aprendizagem das co-moções

BANCA EXAMINADORA:

---

Profª. Dra. Analice Palombini  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Luis Antônio dos Santos Baptista  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof. Dr. Luis Artur Costa  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Sérgio Roberto Kieling Franco  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

“Livre no meu ofício, eu gosto de cantar o Brasil caboclo. Tão longe de tudo aqui, e, eu canto esse Brasil como quem faz uma prece para que ele resista apesar da mão do progresso vazio que insiste em dizimá-lo e para que suas modas de viola com seus encantamentos ainda, por muito tempo, façam vibrar os nossos corações”.

Maria Bethânia (2010)

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a presença dos participantes dessa pesquisa. Sem o espaço de partilha, não seria possível inscrever vida nessas páginas de mundo.

Ao meu filho João Pedro, com quem vivo uma história de aprendizagens mútuas. Grata pela invenção desse amor generoso e destemido. Tua presença traz um colorido diferente aos meus dias e revigora muitos encantamentos.

Ao Deividi, pelo abraço demorado. Por tramarmos um amor cúmplice. Nos teus braços encontro descanso e isso é precioso.

Ao Rodrigo Lages, por apostar junto. Por estar ao lado nessa parceria que se expande ao longo dos anos. Tua presença pacientemente me acompanhou em muitas viradas de eixo. Teus questionamentos éticos inquietam um bocado de coragens. Obrigada por acolher o meu modo “descompensada” e traçar ritmo nas quedas e nos tropeços.

À Cristiane Knijnik, por me ensinar sobre a poesia da vida, pela presença vital que produz encantamento com o mundo.

Aos colegas do grupo de pesquisa INOMINAAR, pelo espaço de partilha que forjou tantos debates e sustentou transformações significativas nesse processo intenso que é “aprender”, e aprender a aprender. Grata pelas trocas afetivas que aqueceram a vida em sua amplitude.

À Aline Miranda, pelas provocações e disponibilidade. Tuas artesanias provocaram inspirações, fruto de uma presença atenta e mobilizadora.

À Sofia Nazário, pela doçura e acolhimento. Teus gestos de carinho e trocas afetivas fizeram corpo para muitas sensações.

Às minhas amigas, parceiras de vida, agradeço às andanças em bando. Jéssica Messaggio e Sida Maiá inspiram intensidades de vida. Nossos encontros carregam essa marca de despertar sonhos e estampá-los sobre a realidade.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul por seguir aberta recebendo estudantes de todo o mundo. Por resistir, de algum modo, tentar se manter aberta às pluralidades dos modos de existir e efetuar mundo. Por aceitar sustentar meus problemas de pesquisa e inquietar esse processo, que se desdobra em outras complexidades dentro e fora da instituição.

Aos grupos de extensão dos quais participei. Obrigada por firmarem um não saber partilhado, numa aprendizagem atípica nesse percurso em meio à pandemia do COVID-19.

À vida, gracias pelas surpresas!

## RESUMO

Investigo a relação entre aprendizagem sob o ponto de vista da cognição inventiva e acolhimento educacional de estudantes em situação de refúgio no ensino superior da Universidade Federal do Rio Grande do Sul no período pandêmico. Para tanto, foi realizada uma aproximação entre os temas de saúde mental e educação, tendo em vista que saúde e aprendizagem se tornam indissociáveis nos processos de integração. A metodologia de pesquisa foi inspirada no método cartográfico, que se caracteriza como pesquisa-intervenção. O dispositivo que orientou esse percurso foi o do Acompanhamento Terapêutico (AT), que conduziu uma prática clínica porosa, composta pela polifonia de vozes desse percurso. Nessa imersão, surgiram eixos analíticos que fomentam debates sobre os temas: xenofobia, racismo, acolhimento e aprendizagem nos processos de subjetivação, tomando como horizonte a experiência cotidiana da habitação de espaços públicos e privados. Invisto em um percurso de co-moções com o intuito de transversalizar esses diálogos e trazer mobilidade para o tema da aprendizagem sob a ótica da cognição inventiva. A aposta ética que se faz é a de uma educação que transgride fronteiras e os lugares pré-concebidos.

**Palavras-chave:** Acolhimento de refugiados, Aprendizagem inventiva, Acompanhamento Terapêutico.

## **RESUMEM**

Investigo la relación entre el aprendizaje desde el punto de vista de la cognición inventiva y la recepción educativa de los estudiantes refugiados en la enseñanza superior de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul durante el período de la pandemia. Por lo tanto, se hizo una aproximación entre los temas de salud mental y educación, considerando que la salud y el aprendizaje se vuelven inseparables en los procesos de integración. La metodología de investigación se inspiró en el método cartográfico, que se caracteriza como investigación de intervención. El dispositivo que guió ese camino fue el Acompañamiento Terapéutico (AT), que condujo a una práctica clínica porosa, compuesta por la polifonía de voces a lo largo de ese camino. En esa inmersión surgieron ejes analíticos que propician debates sobre las temáticas: xenofobia, racismo, recepción y aprendizaje en los procesos de subjetivación, tomando como horizonte la experiencia cotidiana de la vivienda en espacios públicos y privados. Invierto en un camino de co-mociones con el objetivo de transversalizar estos diálogos y llevar la movilidad al tema del aprendizaje desde la perspectiva de la cognición inventiva. La apuesta ética que se hace es la de una educación que traspasa fronteras y lugares preconcebidos.

Palabras clave: Acogida de refugiados, Aprendizaje inventivo, Acompañamiento Terapéutico.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>1 NA CHEGADA: PERCURSOS DE UMA HABITAÇÃO DO PRESENTE</b>	<b>12</b>
<b>2 PERSPECTIVAS ALIADAS: SOBRE O MÉTODO</b>	<b>15</b>
<b>3 SOBRE A EXPERIÊNCIA DO AT</b>	<b>21</b>
<b>4 ITINERÁRIO AFETIVO</b>	<b>27</b>
<b>4.1 Política de escrita: um espaço de abertura</b>	<b>27</b>
<b>4.2 Aproximações: como-ver?</b>	<b>29</b>
<b>4.3 Co-mover a escuta: acolhimento, hospitalidade e integração</b>	<b>31</b>
<b>4.4 Saída de campo e um campo propondo saídas: encontro co-movente</b>	<b>40</b>
<b>5 APARIÇÕES: FICÇÃO, AUTORIA E TESTEMUNHO</b>	<b>46</b>
<b>6 ENTRE O VISTO E O RECONHECIMENTO</b>	<b>49</b>
<b>6.1 Deslocamentos: lampejos de aparições</b>	<b>52</b>
<b>7 DA RACIALIZAÇÃO DA PESQUISA: PRIVILÉGIOS E RESPONSABILIZAÇÃO</b>	<b>58</b>
<b>8 SOBRE A HISTÓRIA MAL CONTADA</b>	<b>62</b>
<b>8.1 Lacunas da história: uma narrativa</b>	<b>63</b>
<b>9 CO-MOÇÕES: SOBRE UMA APRENDIZAGEM DO ACOLHER</b>	<b>69</b>
<b>9.1 Confabulações sobre saúde mental: AT e co-moções</b>	<b>74</b>
<b>9.2 Tateando um bem viver: a experiência do AT e seus desdobramentos</b>	<b>78</b>
<b>10 APRENDIZAGENS: ACESSANDO IMAGENS E INSCREVENDO SONHOS</b>	<b>84</b>
<b>11 EDUCAÇÃO E TRANSGRESSÃO: APOSTAS COM VIDAS</b>	<b>89</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>98</b>

## INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi realizada em uma perspectiva de pesquisa-intervenção de inspiração cartográfica sobre o processo de acolhimento educacional de estudantes refugiados no ensino superior. Integra uma pesquisa maior que se propõe a pensar os processos de aprendizagem, integração e permanência dos estudantes que ingressaram no edital especial realizado em 2017, com entrada na instituição em 2018, para pessoas em situação de refúgio na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) na cidade de Porto Alegre.

A pesquisa maior é intitulada Refugiados no ensino superior: uma investigação sobre a relação entre políticas de acolhimento e aprendizagem sob o prisma da cognição incorporada, que está sendo desenvolvida na UFRGS e tem como responsável o professor Dr. Rodrigo Lages e Silva, que também orienta meu percurso no mestrado.

O referido percurso tem inspiração cartográfica e caracterizou-se como traçado de pesquisa que é também intervenção, ao passo que se realiza por um “mergulho na experiência que agencia sujeito e objeto, teoria e prática, num mesmo plano de produção ou de coemergência” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17). Nesse traçado, a ideia inicial foi pensar um projeto que pudesse proporcionar encontros em grupo, de cunho quinzenal, em espaços itinerantes, a fim de pensar a cidade e o cotidiano destes estudantes nos processos de aprendizagem. A itinerância apareceria como dispositivo de trânsito pela cidade, habitando assim espaços ordinários que aproximam a experiência da vida comum com as aprendizagens da academia. Encontramos recalcitrância<sup>1</sup>, porque a vida de todo dia propõe imprevisto, e precisamos reinventar o percurso durante os impactos provocados pelo período pandêmico.

A chegada da pandemia incitou outras confabulações a respeito das práticas que estávamos desenvolvendo. Não foi possível levar adiante a ideia do grupo, tendo em vista os protocolos sanitários e a proteção de todas as pessoas envolvidas nesse processo de aprendizagem. Iniciamos a aproximação com o campo a partir de uma demanda apresentada pelo Bará<sup>2</sup> - Programa de Acolhimento de Estudantes Refugiados e Portadores de visto humanitário da UFRGS.

---

<sup>1</sup> Conceito elaborado por Bruno Latour: Latour, B. (1997). Des sujets recalcitrants. In: *Recherche*, Setembro de 1997, 301

<sup>2</sup> O BARÁ – Programa de Acolhimento de Estudantes Refugiados e Portadores de Visto Humanitário da UFRGS, é uma iniciativa do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Migração (NEPEMIGRA), formado pela Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM-UFRGS), pelo Grupo de Assessoria a Imigrantes e Refugiados (GAIRE-SAJU) e pelo Grupo de Pesquisa sobre Refugiados Imigrantes e Geopolítica (GRIGS-FCE). O objetivo do programa é qualificar as condições de integração social na universidade a partir da reunião de práticas de acolhimento já existentes e da construção coletiva de novos modos de acolher e integrar os estudantes em situação de refúgio, por meio da articulação entre as instâncias institucionais e as ações de ensino, pesquisa e extensão da UFRGS.

Uma das primeiras ações do Bará foi a elaboração de questionários, não para fins de pesquisa, mas para orientar ações de extensão. Neste questionário, a saúde mental foi levantada pelos estudantes como uma das principais causas de prejuízos em relação às suas aprendizagens e a sua permanência na UFRGS. Quatro dentre dezessete estudantes referiram à saúde mental como uma das suas maiores dificuldades. Também foram relatados à equipe do Bará episódios de racismo e xenofobia sofridos pelos estudantes refugiados dentro da UFRGS, sendo esses episódios, dentre outras razões, sinalizados como elementos agravantes de sofrimento psíquico.

A aproximação com o campo nos fez pensar na indissociabilidade entre educação e saúde. Aprender abrange uma multiplicidade de elementos que transitam entre saúde, educação e experiência. Ao visualizar essas dimensões na pesquisa, planejamos uma ação como dispositivo clínico-político que pudesse intervir e aquecer esse debate promovendo movimento e acolhimento aos estudantes.

Na impossibilidade de realizar o grupo neste momento, propomos a incorporação na etapa pesquisa-intervenção à estratégia do Acompanhamento Terapêutico que é uma modalidade de atuação mista entre a intervenção clínica e o apoio transitório (ROCHA; PALOMBINI, 2017). No Acompanhamento Terapêutico, a(o) psicóloga(o) acompanha o sujeito em sofrimento psíquico em alguns trânsitos ordinários (ida a consultas, retirada de documentos, passeios etc.) na cidade ao mesmo tempo em que busca auxiliá-lo a se integrar em uma rede de cuidados e de suporte comunitário, identificando pessoas e serviços que promovem saúde e buscando consolidar laços entre o sujeito em sofrimento e as estratégias vigentes na comunidade.

Durante meu processo de aprendizagem na graduação em psicologia, tive experiências com o AT. Era a primeira vez que eu escutava algo sobre um cuidado que acolhia a diferença, a loucura, sem a prerrogativa da exclusão ao convívio social. Aprendi um cuidado que acolhe a dimensão do imprevisto como produtora de saúde no espaço da cidade, da comunidade, da universidade numa implicação com as vidas e os processos de subjetividade.

A experiência com o AT reposicionou as práticas que eu vinha desenvolvendo. Fizeram-me pensar que a saúde mental está atrelada à dimensão coletiva que altera perspectiva e promove saúde e também adoecimento. As dimensões macro e micro ampliaram o panorama das posições que ocupamos enquanto sujeito e tensionaram uma ambiguidade daquilo que somos constituídos. A experiência com o AT ressignificou o entendimento biomédico que eu vinha acreditando até então. Na época, eu intuía que a experiência era bem mais do que a que estava posta nos livros de diagnósticos psicológicos, contudo, fui

surpreendida pelo tanto de vida que encontrei.

O AT apareceu como uma prática que possibilita o movimento e o trânsito em diferentes dimensões na encruzilhada que habitamos na produção de subjetividade, o que, de certa forma, permitia maior mobilidade e ampliação do campo de possibilidades. Aproximei-me da ideia de micropolítica e, com isso, o campo se mostrou mais próximo e acessível no território existencial<sup>33</sup>. Nesse sentido, a habitação de um território existencial está mais ligada a uma disposição de composição do que à execução de normas técnicas. Não busca [...] um domínio do campo pesquisado, mas um fazer com, compondo com os elementos envolvidos (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 148).

Essa foi uma das primeiras decisões éticas que tomamos no que diz respeito às intervenções com os estudantes. O AT traz com ele uma dimensão política da experiência e do movimento. Faz levante de um campo de possibilidade num caminho que é feito lado a lado. Nos pareceu uma interessante aposta que compõe bem com a proposta de pesquisa e também com a ideia de acolhimento das possibilidades e impossibilidades colocadas pelo campo de atuação.

O AT foi readaptado, em função do agravamento da crise sanitária, os encontros que num primeiro momento aconteceriam presencialmente, foram repensados para modalidade on-line, sendo realizados por videochamadas com a duração de mais ou menos 1h cada encontro. Mesmo alterando a modalidade de contato, buscou-se não se perder de vista o acompanhamento terapêutico, pois, ainda que de maneira remota, foi possível partilhar de diferentes espaços e posições. As alternâncias das posições compuseram uma noção de revezamento que sustentou o tônus das presenças em mobilidade no que tange a saúde e educação possível em tempos de pandemia. E essa noção de revezamento e partilha é uma pista que está no cerne do percurso desta dissertação. No capítulo Co-moções abordarei mais sobre essa noção.

Tendo em vista que o AT foi repensado em tempo de pandemia, também precisamos reformular o acesso aos serviços e agentes institucionais que compõem a rede de educação e saúde. Foi necessário dialogar também com atores institucionais envolvidos com a temática do refúgio a fim de adentrar nesse emaranhado de nós que compõem o tema do acolhimento a estudantes e situação de refúgio. Foi realizada entrevista com uma estudante que ingressou no

---

<sup>3</sup> O território é uma assinatura expressiva que faz emergir ritmos como qualidades próprias que, não sendo indicações de uma identidade, garantem a formação de certo domínio. As funções e as direções das condutas não podem dar conta da formação do território. A assinatura expressiva se encarna em condutas, não podendo, no entanto, ser explicada por estas. Pista 7, Cartografar é habitar um Território Existencial. (ALVAREZ; PASSOS, 2009, p. 133).

primeiro edital e três entrevistas com atores institucionais de diferentes áreas do conhecimento. Em relação ao acompanhamento terapêutico, 5 estudantes foram acolhidos e 3 deles permaneceram em acompanhamento ao longo do ano de 2021. Todas as ações dessa pesquisa contaram com o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido<sup>4</sup>.

Os leitores desse percurso de pesquisa encontrarão as narrativas dos participantes em itálico. As interlocuções realizadas por Ainka, personagem ficcional, também estarão em itálico por se tratar de uma composição plural com as vozes do campo. As passagens do diário de campo estão em caixas de texto para sinalizar a diferenciação entre um modo de narrar e outro. Nas expressividade dos textos, buscou-se uma linguagem neutra em termos de gênero sempre que foi feita referência a determinado coletivo composto por mais de um gênero.

A escrita da dissertação figurou como um dispositivo de intervenção e acolhimento aos estudantes em situação de refúgio. Os achados metodológicos relacionados com as experiências vividas compõem a polifonia das vozes. Nesse percurso, o leitor encontrará surpresas, improvisos e co-moções.

---

<sup>4</sup> Foram aprovados pelo Comitê de Ética da UFRGS pelo número de processo: 36756220.9.0000.5347.

## 1 NA CHEGADA: PERCURSOS DE UMA HABITAÇÃO DO PRESENTE

A cidade era estranha aos olhos de Ainka. Estagnada na parada de ônibus questionava o próprio movimento. Qual a via de fluxo? Para onde desembocam as ruas? Quais avenidas atravessam a cidade? Imobilizada pelas imposições da existência, buscava um meio de chegar a determinado lugar. Não sabia por onde, pra onde e nem o porquê. Foi orientada na chegada do país que só era cidadão quem tinha identidade, se tornava morador quem tinha comprovante de residência, e só transitava “livremente” pelas ruas quem possuía identificação. E sobre o acesso à educação no ensino superior? Ingressava numa Universidade Federal quem conseguia articular burocracias e validações.

Tinha notícias de um rumo. Um endereço rabiscado num pedaço de papel parecia o único trajeto possível. No lugar indicado havia uma possibilidade de ser levada em consideração<sup>5</sup> por alguma autoridade deste país.

Ainka cresceu em uma casa habitada por palavras. Em meio à pobreza econômica, colhia nos livros a possibilidade de narrar sua história. Com a força das palavras, rejeitou o silenciamento que lhe impuseram desde tão nova. Entendeu que o medo que acompanha a maioria dos habitantes de seu país é silenciador. A condição de vida lá é aterrorizada sobre o véu da prerrogativa da morte. Impossibilitada de permanecer em seu país pela prevalência da violência e da opressão, partiu em fuga num ato de sobrevivência.

Chegou num país desconhecido, sobretudo numa cidade estranha sob todos os aspectos. A migração se deu-se no ano de 2017, não necessariamente por uma escolha e sim pela falta dela. Ameaçada pela atmosfera de guerra de seu país, que enfrenta crises humanitárias e econômicas, migrou para o Brasil em busca de refúgio. Buscou abrigo para um desejo de infância: uma vida com condições de diferentes escolhas e ampliação de possibilidades. Uma vida ao modo de uma ocupação que borre as delimitações estabelecidas para uma refugiada. Aposta numa aparição que presentifique experiências menos violentas (BUTLER, 2015).

...

---

<sup>5</sup> Judith Butler (2015) discorre sobre o conceito de aparição. Segundo ela, a possibilidade de ser visto é o que garante a valoração de uma vida na moldura social. Partindo da premissa de uma ética da convivência, a visibilidade traz para cena a importância de uma vida, introduz uma dimensão de autoria pública e interroga a responsabilidade ética na relação com esta mesma vida.

Como uma rede de co-moções<sup>6</sup>, o percurso desta pesquisa - sua dissolução e criação- emerge de vozes plurais. Na habitação do campo, busquei seguir os rastros das diferentes vozes que nos constituem, de modo a performar uma escrita/experiência polifônica que se aproximasse de uma prática contra-hegemônica. Essa prática porosa fomentou debates, narrativas e fez surgir uma produção de conhecimento que intui, instrui e acolhe a porosidade da vida.

Ao apresentar interpelações críticas que forjam experiências incorporadas no que tange à práticas de acolhimento e aprendizagens mútuas, compartilho nesta apresentação um panorama de um itinerário afetivo. Esse itinerário-trama que vai se desenhando é também um convite às comoções com vozes plurais que compuseram espaços de partilha e tonificaram presenças nesse percurso de pesquisa. Essas vozes são de diferentes nacionalidades à saber: Congo, Haiti e Guiné Bissau.

O contato com as vidas das pessoas em situação de refúgio, articulado com a temática nas instituições e com as instituições provocaram ações de diferentes dimensões. Podemos dizer que uma rede interdisciplinar foi nos aquecendo e sendo aquecida nesses percursos de experiências vívidas.

Há um trabalho integrado que amplia os espaços de movimento e partilha. Os grupos de extensão proporcionados pelo NEPEMIGRA<sup>7</sup> foram pontos de encontro que ampliaram o campo de relações aumentando, com isso, as chances de produção de acesso, vida e saúde. A Cátedra Sérgio Vieira de Mello<sup>8</sup>, vinculada à UFRGS, criou o eixo acolhimento com o intuito de mapear os serviços de Porto Alegre que trabalham com a temática do refúgio para fazer essa aproximação de reconhecimento e articulação, assim como provocar o que chamamos de “acolhimento” quando pensamos nas redes de cuidado e proteção. Ocorreu também a aproximação dos responsáveis pela saúde mental do município de Porto Alegre, assim como

---

<sup>6</sup> No capítulo 9, o tema das co-moções será abordado.

<sup>7</sup> O Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão sobre Migrações (NEPEMIGRA) surgiu em 2018 com o intuito de coordenar as diversas atividades de extensão e pesquisa realizadas na UFRGS, relacionadas aos fenômenos contemporâneos da migração. Entre esses, o Grupo de Pesquisa sobre Refugiados, Imigrantes e Geopolítica (GRIGs), o Grupo de Assessoria a Imigrantes e a Refugiados (GAIRE), a Cátedra Sérgio Vieira de Mello - UFRGS (CSVM) e Programa de Acolhimento de Estudantes Refugiados e Portadores de Visto Humanitário da UFRGS - BARÁ. O Núcleo também promove, anualmente, o Seminário Estadual sobre Migração e Refúgio e editora a Revista Limiares: Migração Vista pelo Sul.

<sup>8</sup> A **Cátedra Sérgio Vieira de Mello (CSVM)** – existente como programa do ACNUR desde 2003 e na UFRGS desde 2014 – atua como caixa de ressonância de uma agenda multilateral consagrada à proteção e promoção de Direitos Humanos, com especial atenção à questão das pessoas em situação de refúgio. Trata-se, portanto, de um ponto de contato entre as Universidades brasileiras e a mais importante organização internacional em funcionamento: a Organização das Nações Unidas. Para além disso, gostamos de imaginá-la como espaço de fomento e fortalecimento de culturas acadêmicas democráticas, amigas da diversidade humana, capazes de forjar subjetividades sensíveis ao sofrimento, não alheias à dor experimentada por sujeitos e povos, onde quer que se encontrem.

sindicatos e coletivos. Houve uma ampliação da rede de atuação em diferentes contextos da diversidade dessa população. Projetos foram criados com os estudantes potencializando a expansão e autonomia desses estudantes no ambiente acadêmico e para além dele.

Tais ações foram se integrando à dissertação tendo em vista a dimensão de cuidado, integração e acolhimento que produzimos. A partilha desses momentos criando um cuidado em rede, um cuidado que transformou alvos de cuidado em agentes de cuidado. Em um primeiro momento, houve uma aproximação para exercer o cuidado com os participantes da pesquisa. Em um segundo momento, foram eles que pensaram ações de cuidado com um grupo interessado em acolher outros estudantes, tendo como prática uma política do revezamento, que é também uma posição de alternância e alteridade.

Dentre os projetos, destacar o da ANFÒM<sup>9</sup> que integra estudantes de diferentes cursos com agentes da Saúde de Porto Alegre e também a produção de conhecimento perante a comunidade acadêmica. A Cátedra Sérgio Vieira de Mello tem promovido saídas de campo com estudantes e professores, a fim de aproximar territórios e promover o conhecimento e reconhecimento na cidade de Porto Alegre.

A integração entre os grupos e a circulação pelos espaços públicos têm contribuindo com o desenvolvimento de ações que primam alargar os horizontes no que diz respeito aos acessos e acolhimentos dos estudantes em situação de refúgio nesse território existencial.

---

<sup>9</sup> ANFÒM- O NEPEMIGRA, o setor Saúde do Imigrante/Núcleo de Equidades da Secretaria Municipal de Saúde (SMS), o Projeto Parte de Comunicação Popular e a Associação da Integração Social (AINTESO) firmaram uma parceria para a Elaboração de Materiais Informativos Bilíngues para a População Imigrante residente no Município de Porto Alegre. Neste Grupo de Trabalho são criados, traduzidos, impressos e divulgados os materiais informativos com temáticas voltadas às principais demandas da população imigrante.

## 2 PERSPECTIVAS ALIADAS: SOBRE O MÉTODO

O método desta pesquisa é o da atenção às co-moções. Essa atenção está atrelada ao campo de sensações que instigou afetos e promoveu movimentos nesse campo de relação. A dimensão sensível nos permite agir potencializando aprendizagens de momento a momento. O pesquisar está intrinsecamente conectado às posições de mobilização aprendiz.

As co-moções estão no cerne desse trabalho. Elas surgiram como surpresa nos encontros que foram se fazendo. Emergiram nesse vai e vem entre os encontros do AT e os grupos de pesquisa e projetos de extensão. Apareceram como aposta metodológica nesse processo de aprendizagem e integração. Primeiro sendo um conjunto de emoções que provocava estranhamento e segundo como co-emergência das potencialidades do encontro.

Nunca se sabe como uma pessoa aprende; mas, de qualquer forma que aprenda, é sempre por intermédio de signos, perdendo tempo, e não pela assimilação de conteúdos objetivos. Quem sabe como um estudante pode tornar-se repentinamente "bom em latim", que signos (amorosos ou até mesmo inconfessáveis) lhe serviriam de aprendizado? Nunca aprendemos alguma coisa nos dicionários que nossos professores e nossos pais nos emprestam. O signo implica em si a heterogeneidade como relação. Nunca se aprende fazendo como alguém, mas fazendo com alguém (DELEUZE, 2003, p. 21).

Tramando um campo impregnado de singularidades, afetos e sensações, encontrei em Deleuze (2003) o conceito de signo que incorpora essa ação de abertura aos ínfimos movimentos que produzem diferença e diferenciação. Elementos da diferença provocando deslocamentos mútuos que transformam os sujeitos envolvidos, alargando as dimensões do mundo. A pluralidade consiste no fato de que “estes signos não são do mesmo tipo, não aparecem da mesma maneira, não podem ser decifrados do mesmo modo, não mantêm com o seu sentido uma relação idêntica” (DELEUZE, 2003, p. 5).

Os signos são elementos materiais espalhados em um tempo e espaço que compõem e situam as experiências. São rastros com reminiscências cintilantes que irrompem o presente e embaralham a cronologia das histórias de vida. Essa ideia de sentir-pensar que é ação foi elaborada em um espaço de partilha onde vários se co-movem num campo que é intervenção e pesquisa.

Nessa perspectiva de encontrar surpresa na experimentação do campo de relação, encontrei no debate de Roberto Machado (2014) sobre Proust e memória, a inquietação que

fala de estranhamentos cotidianos como possibilidade de novos surgimentos de mundo. Segundo ele, os estranhamentos propõem uma interrupção na cronologia do tempo, animam a memória e compõem um tempo presente disruptivo, onde a percepção difere de si mesma. Os estranhamentos são provocados pelos movimentos ínfimos que evocam memórias que não vêm para confirmar o que já existe e se sabia previamente, mas surgem como diferença. Ao experimentar esses estranhamentos cotidianos, abre-se uma dimensão sensível. Trata-se de um exercício dos sentidos.

Caminhei pela cidade. Vinha de um passado caminhando para um futuro. Imagens do “que fazer” apareciam como holofotes direcionando alguns percursos, o corpo foi assumindo um ritmo que possuía características da cidade. Os passos apressados me passavam a ideia de que meu corpo estava atrasado, certamente em dívida com algum horário marcado. As nuvens pareciam mover-se rapidamente, mas fiquei na dúvida se o tempo do céu era o mesmo da terra. Minha impressão é de que as nuvens fazem movimentos tão suaves, já os corpos sentem o atrito das passadas que alternam, se afetam pelo embate entre a leveza e o concretocimentado. A cidade interrompeu o atrito do mundo num instante. Avistei uma infância atravessando a rua, pés descalços cheios de delicadeza nas passagens. Os dedinhos dos pés mal conseguiam sustentar a estrutura do corpo, contudo, seu caminhar parecia alegre e curioso. A passagem da sensibilidade dos pés no cinza escuro do asfalto, espantou pessoas, pássaros e semáforos. Literalmente o trânsito parou. Trânsito parado pelos sinais da infância e não mais pelos comandos das luzes vermelhas. Os dedinhos suaves tensionando as pegadas interrompeu a linearidade do curso. Aquela infância brincava na rua, não sabia do risco, tampouco a rapidez dos passos lhe interessava. Havia uma suspensão bonita de experimentar. Depois da curva de uma infância, o dia continuou, só que diferente. As sensações daquela imagem trouxe a erupção de um presente. No instante em que aquela infância apareceu, o tempo das nuvens e os passos no cimento ficaram em suspenso. Olhei ao redor e havia tanto mais entre o céu e a terra, havia tantos mais entre uma borda da rua e outra, havia tantos mais no espaço do meu passo (DIÁRIO DE CAMPO).

Um deslocamento pela cidade, por exemplo, pode evocar memórias e sensações que enfraquecem o hábito, tornando algo diferente na percepção daquele momento, atribuindo ao

presente outros significados. Trata-se de uma experiência sensível que produz a ressurreição de uma memória passada no presente. Cria um “entre” que permeia passado e presente sem, contudo, se fixar apenas numa memória passada ou perpetuar um estado no presente. (O tempo Simultâneo em Proust- Roberto Machado, PPGH-UF, nov. 2014, Youtube).

Em Butler (2018), vemos que essa experiência sensível é vivida no corpo. Um corpo presente, expandido e atravessado pelos percursos da história atribuída a um presente que desloca e coloca uma atualização nos sentidos de um tempo que não é linear.

Toda capacidade de resposta ao que acontece é uma função e um efeito da vulnerabilidade, seja ela uma abertura para registrar uma história que nunca foi contada ou a receptividade àquilo por que outro corpo passa ou passou, mesmo quando esse mesmo corpo já se foi. [...] os corpos estão sempre em algum sentido fora de si mesmos, explorando ou navegando pelo seu ambiente, estendidos e por vezes até mesmo privados por meio de seus sentidos. Se podemos nos perder um no outro, ou se nossas capacidades táteis, motoras, hápticas, visuais, olfativas ou auditivas nos conduzem para além de nós mesmos, é porque o corpo não permanece no seu próprio lugar (BUTLER, 2018, p. 209).

Butler (2018) traz a ideia de que a noção de corpo é uma dimensão estendida, esparsa em um tempo e espaço onde há simultaneidade e diferença entre objetos, matéria, sensações. O corpo está envolto por signos que se conectam efetuando vida. Essa dobra que performa um corpo pode ser entendida como algo que situa uma experiência naquilo que é imanente. Nesse sentido, a experiência de pesquisa torna-se um espaço heterogêneo, afirmador de diferença, aberto às mutações de si e do mundo. Pretende-se como obra inacabada. A obra é compreendida como:

Algo que não tem lugar, que luta por espaço, que produz descobertas a cada vez que a tocamos, e isso nunca é reduzido a uma forma, ou seja, ela não é fato, é operação, atos de mutação. A obra é, assim, algo que nem sempre se compreende, mas que provoca, convida; é um momento sublime, mas de intensidade, que resgata outras virtualidades (ROCHA, 2013, p. 375).

Trata-se de uma experiência incorporada. A ideia de uma aprendizagem que não se restringe ao campo do intelecto, mas que passa também por um conjunto de sensações na dimensão desse corpo em composição com os elementos do mundo (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1993), impregnado por experiências e afetos que atuam nos processos de aprendizagem.

A ideia de um corpo expandido fez com que relembresse o texto de Carlos Cardoso (2016) quando ele faz um debate sobre a experiência de imanência que é vivida no cotidiano urbano. Abordando a ideia de um corpo constituído por elementos esparsos, ele aponta que a relação que se estabelece entre consciência e a memória na cidade ampliam a noção de inconsciente que corrobora com a perspectiva de uma subjetividade distribuída.

Esta perspectiva de inconsciente apontada por Cardoso (2016) amplia a noção de inconsciente e aborda as contingências do mundo como composições de estados de vida. A subjetividade distribuída continua agindo e transformando para além da consciência individual. As memórias podem estar vinculadas aos neurônios, mas também as cores dos carros transitando nas ruas, nas árvores florescendo nos parques, em dedinhos suaves atravessando os semáforos fechados ou nos trânsitos de bicicletas em determinados horários.

Aprendi a andar de bicicleta! Fiquei entusiasmada e com medo ao mesmo tempo. Tem olhares pesados nas ruas, há muitos carros e pessoas que constringem. Fui descobrindo horários e pontos da cidade que jamais tinha visto. Encontrei um tempo mais calmo, ganhei segurança no pedalar e hoje faço trajetos de dia e não mais a noite. É estranho. Eu já tinha tentado andar de bicicleta no Congo, e não conseguia. E aqui tem muitas bicicletas acessíveis e partes da cidade específicas para quem quer andar de bicicleta. Saí do Congo desejando aprender a andar de bicicleta e aqui tive coragem de tentar pedalar e me equilibrar entre as rodas. Agora eu literalmente voo as tranças pela cidade (NARRATIVA ELIKIA).

As cenas cotidianas se repetem em certa dimensão, em outras, há diferenças interferindo nos pensamentos e ações do dia a dia. Estar atento a essas variações ressignifica o modo como ocupamos os espaços. As conexões afetivas nos envolvem num campo de sensações que acessa um imaginário capaz de criar, reeditar e trazer múltiplos sentidos para uma determinada representação. A partir destas sensibilidades vão se compondo narrativas de experiências com representações fracas<sup>10</sup> (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1993) que dão vazão à cognição inventiva e reposicionam relações de ensino e de aprendizagem.

Sou uma mulher autônoma, independente. Sempre busquei minha independência! Em Porto Alegre, eu tive mais oportunidades de trabalho e de fazer o que gosto. Sou tranquista e trabalho no cuidado e aceitação do cabelo negro, fortalecendo a nossa cultura. Aprendo com essa experiência e auxílio às mulheres negras brasileiras a gostar dos cabelos delas. Trabalho

<sup>10</sup> Para Varela, Thompson e Rosch (1993), os processos cognitivos acontecem por representações. Para eles, as representações fracas dão vazão à dimensão de criação, acontecem de baixo para cima, envolvidas em um conjunto de sensibilidades e emoções. As representações fortes seriam esse domínio da experiência mais rígida, onde existe pouca variação. Nesse segundo exemplo, as representações fortes são parte central da experiência

essa questão cultural aqui no Brasil. Em Guiné Bissau, o povo conhece e utiliza tranças desde criança. Quero poder compartilhar essa história com o Brasil e fortalecer mulheres negras que aqui vivem (NARRATIVA FAYOLA).

Para Bell Hooks (2013), a aprendizagem está atrelada à experiência cotidiana, no reconhecimento das presenças que trazem a pluralidade como espaço de vitalidade e legitimação dos modos de existir. Esse reconhecimento não se refere à inserção dos códigos do que é aceito ou não aceito na relação com o mundo, mas fundamenta por meio da narrativa uma vida que acolhe a diversidade dos modos de existir.

Pesquisar inspirada na cartografia envolve uma dimensão de estranhamento; pressupõe que as surpresas de um cotidiano importam na produção dos sentidos que constituem o presente e transformam a realidade. Uma experiência que escreve e inscreve histórias no mundo. O território não coincide apenas com seu valor de propriedade utilizável. Seus pedaços inúteis, esse estágio de não-utilização fazem parte do material de uma pesquisa que se orienta pelo que chamo de estética dos vestígios. Vestígios são esses elementos espalhados pela cidade, distribuídos no mundo, são matéria de um tempo e espaço que despertam afetos e interpelações que ressignificam os sentidos e provocam uma transformação na percepção da vida. “Toda transformação contém implicitamente uma dose de transgressão, de violência. A partir desses vestígios, desses rastros, que se traça a ficção, o imaginário, a invenção” (CIDADE, 2008, p.15).

No choque desses vestígios é que se constituem experiências singulares incorporadas à ciência. Encontros que evocam outros saberes que questionam a universalidade da palavra. Criam tensão e controvérsias na pesquisa, provocando furos, rasgando e cerzindo outras formas no mundo. “Como uma tarefa construtiva, a busca desta expansão torna-se motivada pela própria pesquisa científica” (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 1993, p. 31).

O que é um bife? Eu pedi no açougue um bife de costela. O açougueiro não entendeu o que eu queria. O que é um bife aqui (Rio Grande do Sul-Porto Alegre)? Não é a carne de boi? No Haiti, quando a gente pede bife, nos dão um pedaço de carne de boi. Aqui, pelo que entendi, não é assim. Não nos entendemos muito bem, eu e o açougueiro, eu falava de uma coisa e ele de outra. Voltei pra casa com um pedaço de carne que eu queria, mas não sei o que isso quer dizer (NARRATIVA COURAGEUSE).

Foi uma surpresa onde chegamos com a pergunta “O que era um bife”? Foi difícil encontrar palavras para descrever com precisão o que é um bife. Começamos de um jeito, depois fomos para outro, e depois para outro. Fomos nos atualizando das imagens que percorriam a palavra. Para ela, um bife era um pedaço (inteiro) de carne bovina. Para mim, era um corte que poderia acontecer em diversos tipos de carne. Não estávamos conseguindo nos compreender em um primeiro momento, mas nosso interesse foi nos aproximando de uma comunicação inteligível. Como nos movimentos de ginga, fomos traçando ritmo nas presenças. E isso se tornou matéria importante na condução de compreensões e escolhas de palavras que hibridizam a experiência, convocando uma certa abertura entre a palavra universal e o ínfimo movimento da palavra. A experiência aponta que não se trata apenas da compreensão, mas de um interesse, de um gesto de interpelação com acréscimo de movimento. O açougueiro estava presente nas palavras que ele acessou, nos signos e sua diferenciação, na diversidade cultural, na disponibilidade da escuta em construir junto. Ela voltou para casa com o pedaço de carne que desejou, contou que o açougueiro foi muito atencioso e tentou compreendê-la. Uma comunicação que necessariamente escapa à semântica das palavras, mas que, contudo, opera no plano material, provocando novas inscrições (DIÁRIO DE CAMPO).

Cenas ordinárias do dia a dia podem contar sobre os entraves, diferenças e possibilidades de aprender, de viver, de integrar. E essa experiência também compõe os espaços educacionais. A tentativa de integração deixa registros que contribuem ou dificultam, mas sempre são elementos presentes no contexto das aprendizagens. Não há como segregar a experiência da vida de todo dia, das formalidades do aprender. Aprender não está restrito à sala de aula, ainda que no referido ambiente possam ocorrer muitas aprendizagens.

O cotidiano é também essa dimensão que escapa e propõe a construção de artifícios na inscrição de uma realidade existente. O linguajar articula observadores e mundos rompendo dicotomias, movendo uma rede de consonâncias que com-versam com a pluralidade do mundo (KROEFF; FARIAS; MARASCHIN, 2019).

### 3 SOBRE A EXPERIÊNCIA DO AT

A chegada da pandemia trouxe uma inconsistência difícil de acompanhar. O território existencial ganhou aspecto movediço. Iniciamos o Acompanhamento Terapêutico de forma presencial, porém o agravamento da crise sanitária fez com que repensássemos a disponibilidade presencial no território geográfico. Demorei até entender esse território remoto como modulação das experiências existenciais. A pandemia é ela mesma um elementoreal interferindo e fundindo os processos de aprendizagens do presente.

Durante as orientações, seguidamente eu repetia “preciso do campo”, preciso ir ao campo, preciso do trânsito na cidade, preciso do deslocamento, do movimento, dos encontros de presenças mútuas. Rodrigo, paciente com minhas urgências, foi me convidando a enxergar o campo nas disposições em que ele estava colocado. O campo, a cidade, o deslocamento, os movimentos poderiam ser experimentados por outras vias, existiam vias legítimas de aproximação e efetuação de vida.

Realizamos a aproximação com o grupo acadêmico do Bará, que vinha promovendo ações com os estudantes em situação de refúgio. Na época, o Bará havia disponibilizado um questionário interrogando sobre as condições de vida e de acesso ao estudo remoto no período pandêmico. O retorno do questionário foi bastante expressivo e, a partir dessa devolução dos estudantes, algumas ações foram sendo realizadas. Dentre elas, foi organizada a distribuição com a biblioteca de computadores para facilitar o acesso ao ensino remoto. Muitos estudantes relataram dificuldades em lidar com o momento pandêmico, outros manifestaram situações de racismo, xenofobia e questões relacionadas à precarização da saúde mental.

Paralelo com a referida aproximação, iniciei entrevistas com alguns dos estudantes que ingressaram no primeiro edital especial para estudantes em situação de refúgio e também com atores institucionais envolvidos com essa temática. As entrevistas ocorreram de forma remota na modalidade on-line. A movimentação e aproximação com o campo ocorria no sofá da minha casa e isso me assustava bastante.

Em cada horário agendado, eu me colocava disponível para aquele encontro. Demorei a me habituar com os ruídos da rua enquanto eu estava dentro de casa, os latidos dos dois cachorros do meu vizinho disputavam o tom alto da escuta, meu gato miava para entrar e sair de casa, inevitavelmente fiquei em um caos sonoro e também afetivo. Foi um período de

perturbação e também de prontidão ao que acontecia. Eu estava sentada no sofá da minha casa e essa intimidade distante causava confusão. Entendi que estava vivenciando uma espécie de luto da minha circulação no mundo. Aos poucos, fui percebendo os fios que possibilitam esse diferente modo de conexão.

No processo, fui percebendo os movimentos do “agora” ganhando força nesta pesquisa. O agora é entendido como esse momento em que passado, presente e futuro se presentificam podendo criar uma descontinuidade do tempo cronológico (MACHADO, 2014). No início, a necessidade de acessar um computador para encontrar provocava frustração. O dispositivo que permitia comunicação era um objeto tecnológico. Minha percepção estava contrariada, o computador parecia fazer uma aproximação contraditória, as imagens apareciam quadriculadas e inconsistentes. A presença parecia estar em outro lugar. O fato de precisar dele para encontrar presenças me provocava desconforto.

O desconforto vem porque quando vejo as pessoas pelas telas, vejo um rosto, vejo um corpo pela metade, vejo um cômodo, vejo algum plano de fundo. Vejo também as interferências de um outro campo que está atuando junto. Quando enxergo pelas telas, vejo um quadrado que possibilita que eu enxergue aquele quadrado que me é permitido naquele momento, muito diferente de quando eu encontro uma presença e sinto o cheiro, o calor, visualização espacial e ampla com um campo de possibilidade imenso. Por que levanto essa percepção no processo de pesquisa? Porque estamos em uma pandemia. A pesquisa aconteceu, está acontecendo e é preciso considerar também que o “remoto” foi a via possível para manter conexão. “Ao invés de isolarmos os objetos em descrições formais que buscam incansavelmente a simplificação, assumimos uma escrita perdulária que fala das potentes riquezas existentes no nosso encontro-mundo, dando forma às suas fugas e devires para além da identidade estanque” (COSTA, 2014, p. 58).

Não se trata de questões morais de bom e ruim, certo e errado, nem de um saudosismo do que poderia ter sido. Trata-se de encarar as perguntas do presente, encontrar esse campo de relações e as produções que o campo traz. E vivê-lo, ao passo que, viver percebendo a materialidade da existência, produz a própria materialidade da existência. “Não se trata de um idealismo centrado na experiência do sujeito nem de um realismo ingênuo que segmenta a existência do objeto da experiência do mesmo: a realidade dos objetos é garantida exatamente pela nossa articulação com os mesmos e não pela separação sujeito objeto” (COSTA, 2014, p. 57).

Estávamos, estamos reinventando um presente. O modo “encontro” foi atualizado. Para encontrar indivíduos, bastava um combinado e também um corpo disponível transitando

pelos espaços. Talvez precisássemos caminhar quadras, quem sabe, pegar transporte coletivo ou até mesmo compartilhar uma condução, tentar uma carona. Hoje, nas disposições do momento em que vivemos, para encontrar é preciso plugar o fio do notebook na tomada, estar vinculada às ondas de fibra ótica, ativar a webcam para enxergar os traços singulares.

Para escutar, é necessário estar em contato com as vozes narrativas, mas também coma repetição dos ecos por meio dos aparelhos, bem como das imagens precárias de uma habitação do presente. Presenças são constituídas como imagens quadriculadas tentando comunicação. A fala picotada, imagem congelada, um cai, outro retorna, o link já não abre, é preciso criar outro, trocas pelo Whats para sustentar as presenças, estamos tentando. Travou, não deu pra escutar! Repete por favor! Teu microfone está dando interferência no som, há ecos. Desliga a câmera pra ver se te escuto melhor! Vou desligar a minha câmera e você continua falando, “estou aqui”! São tantos repertórios insurgentes. Ufa, quantos artifícios sustentam uma presença?

Nessa insistência de sustentar presenças, fomos firmando um tônus da voz e da própria experiência. Courageuse tem experiência em firmar a presença mesmo com a distância geográfica. Desde que chegou ao Brasil, vem sustentando encontros com seus familiares por meio de diálogos pelo Whatsapp ou por vídeo chamada. Esse modo de relação é importante para Courageuse, para Elikia e também para Christophe. Mesmo quando a internet não ajuda, tem algo da presença que insiste em comunicar. Afetos perpassam essa insistência, fortalecendo algo vital no processo de migração.

Falo com minha família todos os dias. No Haiti, tenho minha mãe, meu pai e um irmão. Às vezes conversamos por mensagem e quando a internet está boa lá, nós conversamos por vídeo chamada. É assim que conseguimos matar um pouco da saudade que sentimos uns dos outros. É assim que conseguimos interagir e saber o que acontece (NARRATIVA COURAGEUSE).

Ao nos encontrarmos semanalmente, um vínculo foi ganhando consistência e o espaço de partilha invocava uma conversação sobre diferenças culturais que não tinham o intuito de generalizar, mas de nos situar em um estado de presença singular e irreproduzível. Riqueza daquele tempo-espaço em que estamos. Fui invadida pela experiência de palavras legítimas ansiando legitimação. Pelas telas e por meio delas, tem uma vida que acontece ali, aqui, acolá, e não cansa de escoar, de se fazer presente na ocupação de uma habitação.

Mesmo nesse campo remoto, as dimensões do campo geográfico também estavam colocadas para nós duas. Courageuse é curiosa e, ao longo de nossos diálogos, ela conta a

história de suas experiências em Porto Príncipe, capital do Haiti. Nos momentos em que ela narra vivências em seus países, ela questiona “como é aqui no Brasil”? A diversidade cultural faz questões em qualquer modalidade de encontro se tratando da estrangeiridade. Desde os primeiros contatos, as interrogações sobre a diferença estiveram colocadas. “No Haiti, o povo negro garantiu sua libertação antes da independência do país, aqui no Brasil foi diferente, o país proclamou sua independência mesmo tendo mais de 4 milhões de pessoas negros sendo escravizados” (NARRATIVA CHRISTOPHE). As histórias do mundo nos compõem e nos atravessam de modo singular.

Adentrar no território existencial significa acessar um processo de alteridade onde o território que conhecemos experimenta uma diferença constituinte dos processos de subjetivação. O Brasil é diferente aos olhos de quem chega. Ao mesmo tempo, provoca estranhamento em quem já está. São interrogações históricas, culturais e singulares que fazem furo na clausura do familiar.

Há elementos de diferença e diferenciação nessa habitação em Porto Alegre. Há marcadores sociais e vetores de força fazendo emergir questões. A narrativa de Christophe se torna também uma questão sobre a estrutura racista que percorre a história do mundo, sobretudo a história do Brasil. As questões sobre a estrutura racista, sobre xenofobia e apropriação da língua, aparecem como um vetor que provoca constrangimento e violências, contribuindo com as dificuldades de integração e pertencimento.

Quando Courageuse fala de sua cultura, ela faz referência ao seu país de origem (Haiti) da mesma maneira. Quando ela questiona a cultura Brasileira, ela faz uma localização de onde estamos. Entendi que questionar “o Brasil” tem a ver com um desejo de abertura e pertencimento nesse Brasil do qual eles habitam na região metropolitana e nos espaços educacionais.

No Brasil, fala-se português. No Haiti, fala-se francês e também krèole haitiano. As interpelações sobre o Brasil não estão relacionadas com um modo universal, mas falam sobre as diferenças culturais que nos atravessam e situam uma narrativa. Não quer dizer que todos no Brasil vivem do mesmo modo, mas há algo que nos constitui como brasileiros. Há códigos de legitimação e deslegitimação que perpassam a nacionalidade “perguntam sobre se as formas de obrigação ética se sustentam entre aqueles que não compartilham um sentido de pertencimento geográfico ou linguístico” (BUTLER, 2018, p. 27).

Falo com minha mãe e meus familiares em Krèole haitiano. Falo também francês, que é uma outra língua falada no Haiti. O francês é uma língua intelectual e elitizada. Só fala francês quem conseguiu estudar. Há poucos livros escritos em kreòle, a maioria são escritos em francês. Os poucos livros em kreòle são apresentados para os alunos apenas no ensino básico, no ensino médio e superior são apresentados livros apenas no francês. Francês é a língua do colonizador. É a língua oficial do país com o kreòle. Existem alguns lugares e eventos que vão apenas intelectuais e só se fala em francês e isso muitas vezes é motivo de exclusão e preconceito com quem não frequentou a escola por não ter tido a oportunidade ou porque não quis. Aqui no Brasil todos falam português, quem estuda e quem não estuda. Independentemente do que cada um escolhe, todos falam a mesma língua, ainda que a forma de falar seja diferente em cada região (NARRATIVA COURAGEUSE).

Para se comunicar no Brasil desde de sua chegada, Courageuse precisou se aproximar da língua portuguesa. Ela fala bem o português, sente-se inserida em espaços nos quais consegue ser compreendida e entende a língua portuguesa, todavia, ela ressalta que mesmo as pessoas que não conseguem ser inseridas na língua oficial do país precisam ser acolhidas. Courageuse vem desenvolvendo com a universidade um trabalho de mediadora cultural<sup>11</sup>. Foi a partir de sua experiência com a língua em um processo de integração que ela encontrou essa potência em relação à interculturalidade.

As questões que eles vêm formulando no percurso de vida em Porto Alegre e também junto à universidade têm provocado indagações que alteram perspectivas e os modos de relação no que diz respeito aos migrantes e pessoas em situação de refúgio. A presença dela nos espaços provoca rupturas e tensionam a anestesia do saber cristalizado. Courageuse seguidamente firma o tônus da voz e tensiona as posições que trazem constrangimento para os estudantes em situação de refúgio. “Se um trabalho é em grupo, então, o trabalho é coletivo, não é cada um fazer a sua parte sozinho e depois juntar. Não, é um trabalho pensado junto” (NARRATIVA COURAGEUSE). Faz uma aparição que caracteriza uma convivência a partir das presenças nos espaços. É desse modo que vamos chacoalhando a perspectiva de acolhimento na educação e também na saúde mental.

Certa vez ela me disse que, ao transitar pela cidade de Porto Alegre, recém-chegada, percebia que as pessoas não tinham tanta disponibilidade para perguntas. Não gostavam de ser interpeladas na rua. As presenças quase sempre fugidias em negação a esse “outro” que habita os espaços urbanos, ignoravam o tanto de mobilização que ela carrega. A experimentação dos percursos pela cidade traziam questões que ela precisava compartilhar com as pessoas que

---

<sup>11</sup> No projeto ANFÔM, a função de mediadora cultural trabalha com a tradução de materiais audiovisuais do português para o crioulo. Geralmente, esses materiais traduzidos têm a intenção de facilitar o acesso de estrangeiros aos serviços de saúde e também a espaços educacionais.

partilhavam daquele tempo-espaço da cidade.

Quando eu transito pelas ruas de Porto Alegre percebo o pessoal mais fechado. Andam num ritmo acelerado. Desconfiam das perguntas quando são interpelados. É difícil encontrar alguém disposto a responder perguntas que orientam o deslocamento (Narrativa, Courageuse). Às vezes são informações simples como “onde fica a rua tal”, outras vezes são perguntas mais complexas que embaralham a posição do interrogado. “Como é no Brasil? (NARRATIVA COURAGEUSE).

As interrogações que surgem dizem respeito aos aspectos subjetivos de uma habitação do presente. Os elementos de uma vida política situada e interrogada pela polis, em sua dimensão instituinte, tensiona com frequência nosso diálogo. “Aqui as pessoas passam e não te cumprimentam, não olham nos olhos, e quando enxergam às vezes é constrangedor (NARRATIVA COURAGEUSE), sensação que surge a céu aberto, na via pública e provoca tensão”. Não estamos falando apenas de um campo de relações privado, mas de convivência social. Courageuse traz notícias de um percurso urbano, de uma convivência em um espaço público que interfere diretamente na vida singular que a situa em uma experiência.

A partir dos encontros com os acompanhantes terapêuticos, emergiram problemáticas que tento enfrentar. Não se trata de encontrar conclusões, sobretudo, acompanhar processos. “O método cartográfico, útil para descrever processos mais do que estados de coisa, indica um procedimento de análise a partir do qual a realidade a ser estudada aparece em sua composição” (PASSOS; EIRADO, 2009, p. 109). Os achados metodológicos desestabilizam formas e provocam abertura na tessitura de uma outra realidade. Acompanhar é também traçar e intervir. O itinerário afetivo vai conferindo esse traçado mútuo, em que sujeito e objeto se misturam no processo.

## 4 ITINERÁRIO AFETIVO

### 4.1 Política de escrita: um espaço de abertura

Destacar a riqueza e a amplitude da circulação de ideias que não sabemos onde começa, que se entrelaçam, que se propagam [...] criando comunidades de saber cujas fronteiras são imprecisas.

Jurema Werneck

Tivemos nosso encontro. Essa é uma dimensão afetiva que implica e movimenta esse percurso, “a sensibilidade trêmula tornando tudo ao redor mais sensível e tornando visível, com um pequeno susto”<sup>12</sup>. No início, havia apenas a ideia, uma certa presunção do encontro, pistas metodológicas, éticas, projetos em construção e firmamento disso que chamamos de pesquisa nas ciências humanas e educação. Depois o verbo veio ao encontro da ideia, encarnando presenças. O susto chegou quando nem o verbo, nem a ideia já não eram mais meus, tornaram-se de vários. Aliás, o encontro produz a partilha que desestabiliza os paradigmas do individualismo ou da propriedade privada.

Espaços de partilha, acolhimentos, aprendizagens. Tudo se move va-ga-ro-sa-men-te, ou pula de um tema ao outro, circula, desconexo e com nexos. Para legitimar uma escrita acadêmica, é necessário seguir algumas premissas, “tudo isso a fim de que outros possam replicar o procedimento e verificar se levam de fato à verdadeira verdade encontrada a princípio” (MIZOGUCHI, 2016, p. 34).<sup>13</sup>

O hábito acadêmico muitas vezes traz a reprodução, mas busco encontrar o rigor. Aprendo, na formatação de uma dissertação, que há saberes codificados que atravessam a experiência. A política de escrita me diz outra coisa. Ela está no auge do seu rigor, convocando a suspensão de algo. Quando a escrita atravessa, ela estranha o mínimo gesto, empurra para qualquer outra forma de aprender que suspende as idiosincrasias, momento em que partículas de vulnerabilidade se chocam para firmar a bricolagem das experiências e das palavras. A escrita é esse salto no não saber quase nada daquilo que se gostaria tanto de saber.

<sup>12</sup> Um sopro de vida (LISPECTOR, 1999, p. 58).

<sup>13</sup> Amizades contemporâneas (MIZOGUCHI, 2016, p. 35).

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. Escrevo para registrar o que os outros apagam quando falo, para reescrever as histórias mal escritas sobre mim, sobre você [...] Para mostrar que eu posso e que eu escreverei, sem me importar com as advertências contrárias. Escreverei sobre o não dito, sem me importar com o suspiro de ultraje do censor e da audiência. Finalmente, escrevo porque tenho medo de escrever, mas tenho um medo maior de não escrever (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Nessa perspectiva, há um abandono da noção de neutralidade que garante um lugar seguro na apreensão dos saberes. Nesse exercício de abertura, a escrita figura como uma ação que aceita o risco. “O reconhecimento do desejo do outro em hipótese alguma ocorrerá na neutralidade, na benevolência ou no liberalismo: reconhecer esse desejo implica nele penetrar, perder o equilíbrio, e terminar por encontra-se nele” (BARTHES, 1990, p. 226).

Para esse mergulho, precisei me situar nessa experiência, precisei revisitar minha posição de brasileira, mulher branca e estudante em uma universidade federal. Frequentar os espaços educacionais com os estudantes em situação de refúgio provocou sensações de alternâncias. Ora me situava como colega, ora como pesquisadora. Ora como objeto de pesquisa, ora como agente institucional. Ora como parceira de projetos, ora como coautora de produções textuais. Ora como acompanhante terapêutica, “pela desestabilização das formas, pela sua abertura (análise) que um plano de composição da realidade pode ser acessado e acompanhado” (PASSOS; EIRADO, 2009, p. 109). Percebi que se tornou uma prática. O revezamento das posições muito bem delimitadas flexibilizou diálogos e abriu espaço para que outras forças circulassem.

Uma tentativa frívola de borrar as delimitações erguidas que fazem barreira à circulação dos pensamentos e afetos em movimento. “Transformamos a realidade para conhecê-la e não o inverso [...] essa transformação está sob a égide do cuidado e é por isso que a cartografia gera conhecimento de interesse (inter-esse)” (PASSOS; EIRADO, 2009, p. 110). Pesquisar inspirada na cartografia provoca subversão na ideia de neutralidade que protege a noção de pureza dos dados científicos. Em alguns casos, a posição neutra produz um sujeito oculto que age sem se responsabilizar com as presenças nos espaços em que circula.

A cartografia destaca a dissolução do ponto de vista do observador. Há uma imersão em um território existencial que trama a vida de maneira multifacetada, não se restringindo a

determinado campo do saber nem a outro, mas nessa circulação entre os saberes. “O cartógrafo deixa-se penetrar pela emergência de mudanças de ponto de vista que surgem no território como problemas ou crises existenciais e que podem permitir a abertura para o reconhecimento de uma maior liberdade autogestiva dos indivíduos e coletivos” (PASSOS; EIRADO, 2009, p. 123).

No encontro com outras vidas, esses rastros afetam, deslocam realidades, questionam saberes, práticas e políticas atuais. Tais escritas apresentam-nos outras perspectivas e, como tal, são em si ação política e produção de conhecimentos, capazes de promover uma crítica de nosso tempo (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 183).

O paradigma surge quando a ação política do conhecimento acaba sendo também a do cuidado e acolhimento. Não um conhecer para cuidar, mas o do cuidar como única forma de conhecer. Nesse sentido, fazer ciência e destacar a cartografia como um tema traz a inseparabilidade entre cuidar, acolher e conhecer.

#### 4.2 Aproximações: como-ver?

Pesquisei informações sobre refugiados<sup>14</sup>, sobre países com crises políticas e econômicas. Pesquisei no Google sobre crise migratória, encontrei revistas e jornais falando sobre precariedade<sup>15</sup> da vida e inacessibilidade de oportunidades<sup>16</sup>. O acesso à educação pareceu uma impossibilidade no Haiti, no Congo e também em Guiné Bissau. Fui em sites como o Alto-comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR) desvendar as diferenças sobre imigrante, sobre migrante, refugiados e quem possui vistos humanitários. Aprendi o que caracteriza cada uma dessas posições. Legalmente, verbalmente, judicialmente. O problema não é aprender sobre os dados, possibilidades e impossibilidades.

---

<sup>14</sup> Definição de refugiado no site da ACNUR: São pessoas que estão fora de seu país de origem devido a fundados temores de perseguição relacionados com as questões de raça, religião, nacionalidade, pertencimento a um determinado grupo social ou opinião política, como também devido à grave e generalizada violação de direitos humanos e conflitos armados

<sup>15</sup> Informações sobre refugiados no jornal CNN: pessoas sem pátria e sem terra: a crise mundial de migrantes e refugiados em 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/pessoas-sem-patria-e-terra-a-crise-mundial-de-migrantes-e-refugiados-em-2021/>

<sup>16</sup> Transitei por muitos sites a partir do Google colocando palavras como: Haiti, Congo, Visto humanitário, Refugiados no Brasil, Refugiados no mundo, o que é crise migratória, educação e refúgio, procedimentos para o reconhecimento da situação de refúgio, xenofobia, serviços, ongs, associações para pessoas em situação de refúgio. Autores refugiados, filmes com a temática do refúgio, músicas e composições feitas por pessoas em situação de refúgio.

O problema é tomar esse saber uma expertise e ignorar a experiência das vidas que produzem diferença na relação com esses dados. Ler, buscar me informar não diz sobre a vida daquele ou daquela estudante que me propus a encontrar. Apenas me dá acesso às informações universais, de cunho global. Particpei de “treinamentos” (esse é o nome que eles intitulam) oferecidos pela Organização das Nações Unidas (ONU), foram informações e aprendizagem importantes, contudo, elas isoladas não produzem sentido. Quando aspectos dessas aprendizagens foram se vinculando aos processos subjetivos com os estudantes é que pude experimentar uma aprendizagem incorporada<sup>17</sup>.

Preciso ir à Polícia Federal preencher minha documentação. Acho que está tudo fechado por causa da pandemia. Sabe de algum telefone ou contato? Preciso regularizar meu reconhecimento como refugiada para conseguir estudar, trabalhar e permanecer no Brasil. (NARRATIVA COURAGEUSE).

Nessa relação, as informações caem bem com a dimensão da vida, porém elas não vêm para sanar uma questão. Elas entram em um jogo de relações com diferentes dimensões, micro e macro que produzem subjetividades. Permanecer e ser reconhecida é algo mais complexo do que podem oferecer as prerrogativas do Estado. Quando visualizamos a informação descolada da experiência, ela acaba por reproduzir uma lógica da conservação que atravessa a aprendizagem e provoca a manutenção de sistemas homogeneizantes, nos protegendo e protegendo as instituições da variação do mundo, variação complexa e intrínseca à multiplicidade dos modos de existir. “A complexidade, nesse contexto, significa um tipo de variação que não é ordenada e previsível, mas também não é aleatória” (BAUM; KROEFF, 2019, p. 23). Trata-se da complexidade de um campo de relações em um tempo e espaço.

As arestas do mundo estão entrelaçadas com os processos de subjetividade que constituem o presente. Diferente de uma lógica conservadora, que isola e individualiza os dados científicos a fim de garantir sua pureza, debruçamo-nos sobre a multiplicidade da experiência, acolhendo a noção de que estar vivo é estar em contato com o sujeito cognoscente e o mundo conhecido. Essa dinâmica de coprodução dá lugar a sujeitos ativos que atuam na emergência de si e do mundo (BAUM; KROEFF, 2019).

---

<sup>17</sup> Varela, Thompson e Rosch (2003). Livro: A mente incorporada. Uma aprendizagem que não se restringe ao campo do intelecto, mas atua em uma perspectiva mais ampla. Aprende-se com o corpo inteiro, com suas sensações, afetos, emoções envolto de campo relacional.

Podemos fazer um convite para esse evento, mas antes teremos que pensar no acolhimento dos imigrantes e refugiados. Eu acho bom ser um encontro aberto, não só para acadêmicos, mas para várias comunidades de imigrantes e refugiados (NARRATIVA COURAGEUSE).

As abordagens e confabulações dessa pesquisa apresentam um caráter coletivo e atuante, ressonante de uma rede de relação que fomenta e inventa as dimensões do que há e do que pode haver. A ética que venho experimentando tem a ver com essa dimensão coletiva que tendo “desaguado em nós, nos transformam em argila, matéria moldável, reconfigurável, capazes de olhar o mundo como as figuras de um caleidoscópio, sempre preparadas para se desmontar e se remontar seguidamente, em um contínuo e inacabado desenho” (OLIVEIRA *et al.*, 2019, p. 181). A materialidade do mundo se manifesta a partir do encontro<sup>18</sup>. O que dele emerge, sustenta um agir-pesquisadora que compreende um vai e vem constante entre os procedimentos orais e escritos da linguagem, entre diálogo e relato, entre história e ficção, ficção e teoria, tramando instrumentos metodológicos de investigação na pesquisa (PALOMBINI, 2007).

Afetar-se nesse emaranhado provoca contradição na percepção das boas intenções que povoam pesquisadores de todo o mundo. Questiono esse prepotente saber do a priori e com isso, passo a interrogar minha posição, para que a ética da convivência desse percurso possa fazer nascer outra práxis na interlocução com a trama do refúgio. Essa posição irrequieta parece a condição de seguir pesquisando com uma atenção aguda no presente para perceber, então, os declínios e aparições que interrompem a linearidade do tempo (DIDI-HUBERMAN, 2011).

#### **4.3 Co-mover a escuta: acolhimento, hospitalidade e integração**

Nesse itinerário afetivo, a escuta é também vetor de abertura. Chega como ação e não como gesto passivo. A escuta aparece como agente ativo condutor de interesse e disponibilidade em compor com a diferença que habita os processos de subjetivação. Escuta-se também “o que é implícito, indireto, suplementar [...] há uma abertura da escuta a todas as formas de polissemia, de diferentes motivações, de superposições, há um desmantelamento da Lei que prescreve a escuta única (BARTHES, 1990, p. 227).

---

<sup>18</sup> No texto *Cartografia: uma outra forma de pesquisar*, Luciano Bedin traz que um encontro é algo que se passa entre dois, transitando pela multiplicidade de coisas e signos que povoam o momento singular do encontrar-se

O que é saúde mental? Estou conversando contigo por que estou louca? Vem acontecendo algo comigo, mas não me considero louca. Só ando um pouco ansiosa e queria conversar. Lá no Haiti quem precisa de psicólogos vai internado. Como é no Brasil? (NARRATIVA COURAGEUSE).

Não respondi de imediato porque escutei a pergunta dela e a questão dela provocou ecos naquele encontro. Eu também incorporei esse questionamento: como é a saúde mental no Brasil? Essa pergunta acessou um espaço impessoal e de partilha do não saber. Respondi que era diferente do Haiti e que seguiríamos conversando, essa era a proposta, e aos poucos íamos desmistificando essa questão. Naquele momento, pareceu-me mais interessante firmar minha presença ao lado, que oferecer discursos prontos de perguntas das quais eu não sei a resposta. Sim, sei de bastante informações a respeito de saúde mental, afinal é minha área de atuação, contudo, não era disso que se tratava aquele momento. No acolhimento, pareceu-me mais pertinente afirmar que alguém permaneceria durante um tempo, em uma relação de duração, interpelando e sendo interpelada, sustentando perguntas que transformam ambas. Essa era a ponte que precisava ser construída (DIÁRIO DE CAMPO).

Ao ser interpelada sobre saúde mental, outra questão saltou aos ouvidos. Como escutar? Como acolher? Entendo que no campo da saúde mental essas dimensões são traços que sustentam uma prática. Contudo, como escutar e acolher estudantes em situação de refúgio? Nesse momento, escutar passou a figurar uma ação de abertura.

Derrida (2003) faz um debate sobre as relações de poder e problematiza a ideia de acolhimento a estrangeiros. O tema da hospitalidade é trazido em consonância com o tema da hostilidade. Para o autor, os recém-chegados, os estrangeiros, são acolhidos sob a condição de exclusão. Segundo ele, o estrangeiro oferece risco por acrescentar diferença à complexidade das relações. Os refugiados são acolhidos mediante muitos imperativos. Oferecer hospitalidade requer a presença de um anfitrião, de um senhor, do poder, do Estado que se inclina ao acolhimento de forma, muitas vezes, arbitrária. Algumas dessas formas envolvem o esquecimento de suas origens, pois a história de vida constituída em um país que passa por intensas crises, oferece risco e hostilidade.

A problematização trazida por Derrida (2003) complementa a de Hannah Arendt (2014). No texto “Nós, os Refugiados”, ela fala desse ato de acolher condicionado por

renúncias, o que se diferencia da violência do país de origem, mas ainda contém marcas de violação. Primeiro é preciso um abandono das origens, um distanciamento da língua materna e um apagamento da cultura. Nessa perspectiva, o estrangeiro para ser acolhido precisa antes de tudo ser colonizado. “A questão da hospitalidade começa aqui: devemos pedir ao estrangeiro que nos compreenda, que fale nossa língua, em todos os sentidos do termo, em todas as extensões possíveis, antes e a fim de poder acolhê-los entre nós?” (DERRIDA, 2003, p. 15).

No PPE,<sup>19</sup> recebi orientações. Eu e meus colegas questionamos a obrigatoriedade de fazer esse programa de português. Em Guiné Bissau, fala-se português. Por que eu precisaria passar pela obrigatoriedade de frequentar esse programa para ter acesso à universidade? Eu fiz o programa, mesmo contrariada, pois não queria perder a oportunidade de entrar na UFRGS (NARRATIVA FAYOLA).

Hannah Arendt (2013) discorre sobre o acolhimento cheio de reservas que infringe a integridade dos refugiados na medida que desconsidera o estatuto social político e legal de quem chega. Ao descrever sua experiência de refúgio, ela revela que só o que resta ao refugiado é uma humanidade que precisa ser conservada por meio da desesperançada mudança de identidade “Quanto menos livres somos para decidir quem somos ou para viver como gostamos, mais tentamos levantar uma fachada, para esconder factos e representar papéis” (ARENDR, 2013, p.14).

Tomando as problematizações sobre acolher, assumimos um gesto de escuta-ação como modo de acolhimento. O encontro com a voz narrativa produz deslocamentos e não tem a ver apenas com a decifração de códigos ou até mesmo com a condição de sancionar as vozes e ruídos, mas sim trazer para escuta essa ação de liberdade no gesto de acolher:

uma escuta livre que circula, que permuta, que desagrega, por sua mobilidade, a malha estabelecida que era imposta à palavra. Já não é possível imaginar uma sociedade livre, aceitando de antemão nela preservar os antigos espaços de escuta: do crente, do discípulo, do paciente (BARTHES, 1990, p. 228).

A noção de uma escuta que não é passiva, mas um gesto de ação no acolhimento, é elamesma o tecido móvel que transforma a palavra em possibilidade e abertura de um porvir.

---

<sup>19</sup> O **Programa de Português para Estrangeiros** (PPE) é um programa de extensão que promove cursos de português para falantes de outras línguas, cursos de formação de professores, desenvolve pesquisa e material didático na área e promove intercâmbios com instituições de ensino nacionais e internacionais.

Aqui o saber ganha caráter distribuído e a escuta já não compõe apenas os ouvidos, mas está também os olhos, os gestos, as vísceras, os poros. Gesta-se uma escuta que convida as sensibilidades do mundo a tramar um espaço-tempo em que as presenças se encontram na presentificação da experiência.

Estranhei o ritmo de Porto Alegre. Aqui as pessoas são fechadas, passam na rua correndo, não enxergam as outras pessoas. Em Guiné Bissau era diferente. Lá a gente se cumprimenta, se olha, se enxerga, se conhece. Aqui é diferente, é um ritmo corrido (NARRATIVA FAYOLA).

Quando passei a escutar estudantes em situação de refúgio, fui surpreendida com um “aqui e acolá”. Ora falávamos do território em que estamos, ora os diálogos percorriam o mundo em diferentes nacionalidades. Uma narrativa intercultural foi perpassando nossos encontros. Fui questionada em muitos momentos sobre a cultura brasileira e fiquei espantada com tantos afetos e histórias que não imaginava antes do encontro. Um de meus primeiros desassossegos foi na ideia de saúde mental na migração e no refúgio. Não existiam sinais de adoecimento psíquico baseados em um modelo psiquiátrico ou até biomédico no qual a psicologia de funda. Nossos diálogos passavam muito mais pela via da troca entre estudantes, espaços de fala e legitimação, do que propriamente o manejo de situações de sofrimento isolados e individualizados.

Existia mais a noção de uma sociedade com dificuldades de acolher essa estrangeiridade que propriamente os e as estudantes com questões primordiais da vida constitutiva. Em determinados momentos, reconheci-me sendo a brasileira que contribuía com essa ideia de saúde mental que coloca os estudantes em uma condição de fragilidade por se tratar de uma situação de refúgio. Sim, há uma vulnerabilidade intrínseca na referente problemática, contudo, não se trata de estereotipar com a prerrogativa de um adoecimento. Fui surpreendida não só pela vulnerabilidade, mas também pela potência das pessoas em situação de refúgio.

Sinto falta de pessoas para debater ideias. Tenho muitas coisas a dizer. Às vezes, meus amigos dizem que não sei discutir. Mas é que tenho vontade de dizer e fazer com que as pessoas compreendam minhas ideias (NARRATIVA ELIKIA).

Nesse momento, passei a questionar a demanda e os lugares postos. Aliei-me aos estudantes no sentido de recusar essa demanda e construir uma outra que fizesse mais sentido

com o que estávamos vivendo. Estávamos? Sim. Sou uma estudante, assim como as pessoas com quem mantive contato. A aprendizagem sob a ótica da cognição inventiva (KASTRUP, 2001) não diz respeito a um sujeito isolado aprendendo conteúdos, mas diz dessa troca, dessa experimentação e estranhamento que acompanha a imprevisibilidade do encontro. Ainda que tivéssemos uma constância nos encontros (nos encontrávamos em dia e hora combinados), a narrativa aparecia algo inédito. “Adoro conversar. Me sinto empolgada. Gosto desse entusiasmo. Isso me desperta interesse” (NARRATIVA ELIKIA).

Na alternância das posições, foi elaborada uma trama de educação, saúde e integração. Passei a transitar pela instituição com os e as estudantes, mesmo de maneira on-line. Existia uma sensação que acompanhava alguns encontros:

Lembro da igreja católica em muitos momentos nos encontros de âmbito institucional em que participamos. Estranho algumas nuances do acolhimento e escuta. As dimensões do sujeito carenciado e da tutela estão, muitas vezes, em plano de fundo sustentando práticas pastorais. “Abro um espaço aqui, mas você precisará ocupar outro mais adiante”. “Se você fizer essa fala aqui, poderá ter chances de ocupar outros espaços nos holofotes da visibilidade social”. Para quem chega em busca de oportunidade, as ofertas aparecem como possibilidades. E são. O que é problemático é esse cerceamento e a prerrogativa da “condição” atribuída à aprendizagem. Há uma demanda exaustiva que os estudantes em situação de refúgio assumem para que haja um estado de pertença. Monta-se uma agenda de trabalho extracurricular para que haja reconhecimento. É evidente que as atividades potencializam a integração, mas essa não pode ser a única via possível. Trata-se de engajamento ou servidão? É potência ou medo? Sim, nos encontros com a instituição aparecem trocas fabulosas, todavia até que ponto elas consideram a despreziosidade das participações ou em que momento essa participação é condição de reconhecimento e legitimação? Há possibilidade de exercer as microliberdades nesse espaço? Nem o sono e nemo sonho parecem ganhar espaço (DIÁRIO DE CAMPO).

Tomemos o exemplo dos editais<sup>20</sup> abertos para pessoas em situação de refúgio na

---

<sup>20</sup> O primeiro edital para ingresso de refugiados na graduação da UFRGS foi publicado no ano de 2017 para ingresso para a seleção em 2018. O ingresso foi aprovado pelo Conselho universitário por meio da Decisão n. 366 do CONSUN, de 2015. Nesse ingresso especial, exige-se que a conclusão do ensino médio do candidato seja reconhecida por instituição brasileira. Para muitos candidatos esse documento é difícil de obter, devido às singularidades da condição de refúgio.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O edital foi uma conquista dentro da estrutura educacional. O primeiro edital foi aberto em 2017, com ingresso em 2018, e nessa dissertação estamos problematizando como esses pré-requisitos se relacionam com o ingresso e permanência destes estudantes.

Para a inscrição, é necessário que os estudantes em situação de refúgio cumpram características e alguns pré-requisitos, ao mesmo tempo, quando esse estudante ingressa na universidade, as oportunidades são precarizadas. Durante o percurso desta dissertação, o edital que viabiliza o ingresso desses estudantes está suspenso. No período da pandemia, não foi aberto o edital, nem em 2020 e nem em 2021. Essa suspensão do edital acaba sendo problemática tendo em vista que tantos outros editais seguiram seu curso habitual, mesmo com as dificuldades provocadas pela situação da pandemia.

Os estudantes, com os grupos do NEPEMIGRA e Cátedra Sérgio Vieira de Mello, estão debatendo essa questão e articulando modos de intervenção que possam tensionar e garantir o direito ao ingresso pelo edital especial mesmo no período pandêmico.

A respeito do acesso e permanência, também encontramos outras dificuldades a partir do diálogo com tais estudantes. A possibilidade de se inscrever em bolsas de estágio, em projetos de extensão, ou até mesmo uma busca específica no site, não contempla a estada deste estudante na universidade. Ou seja, as informações básicas e o acesso a determinados espaços de permanência na universidade muitas vezes são negligenciadas.

No início do curso, houve uma celebração para calouros do curso, mas nada especificamente para estudantes em situação de refúgio. Parece que ninguém sabia sobre o ingresso por esse edital especial. No dia da matrícula, eles não sabiam do que se tratava (NARRATIVA FAYOLA).

Esse ingresso encontra pouca mobilidade e muitos caminhos fechados. Essa política de abertura não é discutida, poucos sabem sobre a existência do edital na própria instituição. A integração na comunidade acadêmica acaba encontrando dificuldade pelo véu da displicência. Outra questão é que os estudantes que ingressam, via de regra, passam por situações constrangedoras que reproduzem estereótipos que violentam e interferem na permanência na universidade. É comum imperar a dimensão da tutela ceifando, assim, a potência de existir constituinte dos modos de mobilidade e subjetivação.

Em uma das entrevistas com uma agente institucional envolvida com a temática do

refúgio, ela conta que as COMGRAD´S<sup>21</sup> não sabem sobre o edital especial. Isso acaba dificultando as orientações para os estudantes que ingressam. Sem orientação, eles ficam deslocados, pois adentram na universidade em outro país, em uma cidade diferente, com uma cultura distinta. Pâmela Marconatto<sup>22</sup> comenta que um exercício de sensibilização com os agentes institucionais poderia ajudar na permanência desses estudantes na instituição.

Falar sobre algumas problemáticas encontradas nesses editais, sobretudo na UFRGS, não tira a dimensão de conquista dessa luta por acessos à universidade pública. Trata-se de uma abertura importante o ingresso de estudantes em situação de refúgio nas universidades federais. Falar das dimensões desse acesso pode trazer força de integração, para que haja permanência e um modo de acontecer com menos violências. “No convívio do dia a dia, algumas perguntas incomodam, incomodam porque as pessoas não me deixam responder. Perguntas que carregam uma imagem estereotipada, perguntas constrangedoras. Parece que todas as pessoas negras vieram da África e convivem com animais” (NARRATIVA FAYOLA).

Se examinarmos criticamente o papel tradicional da universidade na busca da verdade e na partilha de conhecimento e informação, ficará claro, infelizmente, que as parcialidades que sustentam e mantêm a supremacia branca, o imparalismo, o sexismo e o racismo distorcem a educação a tal ponto que ela deixou de ser uma prática de liberdade (HOOKS, 2013, p. 45).

A universidade ainda mantém essa expressão de práticas imperialistas. O ingresso na universidade não deve ocorrer com a autorização do constrangimento, da negação da indiferença a determinados grupos e culturas. Muito se avançou nos debates envolvendo o tema da interseccionalidade, entretanto, há que se manter o debate aceso e expandi-lo para que esse “estar na universidade” seja composto por um campo de relações que reconheça a diversidade das presenças transitando nos espaços. Na comunidade acadêmica, “nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros” (HOOKS, 2013, p. 17).

---

<sup>21</sup> Os cursos de graduação são coordenados por Comissões de Graduação, constituídas por representantes dos Departamentos que ministram atividades de ensino do curso, com mandato de 2 (dois) anos de acordo com o Regimento Geral da Universidade, e pela representação discente na proporção de 1 (um) aluno para cada 5 (cinco) docentes, escolhidos de acordo com o Regimento Interno da Unidade.

<sup>22</sup> Profa. Dra. Pâmela Marconatto ingressou como docente na UFRGS em 2019. Desde seu ingresso, aproximou-se das ações envolvendo a temática do refúgio e migração, pois é um tema que ela vem problematizando em seu percurso acadêmico. Pamela é coordenadora do NEPEMIGRA e responsável pelo desenvolvimento dos projetos de extensão Bará e ANFOM. É também coordenadora da Cátedra Sérgio Vieira de Mello ao lado do Prof. Dr. Rodrigo Lages e Silva.

Estou também, ao ser uma pesquisadora, imersa nesse campo de relações atravessadas pelas instituições. Aprender tem a ver com essa costura que envolve a contradição. Nisso consiste a possibilidade de acolher a variação do mundo. Enquanto escrevo essa dissertação, já fui agente de reprodução desses mesmos estereótipos, pois eles também passam por mim. No entanto, manter esse exercício de atenção e abertura no campo permite que as histórias não se findem e que os estereótipos não enrijeçam e determinem as vidas que encontramos nestes espaços. Como dizia Arendt (2013), muita violência foi autorizada em nome do otimismo dos bons. Courageuse traz dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para situar que mais de 50% da população brasileira é composta por negros. Então, por que as pessoas perguntam pra ela se ela vem do Haiti ou do Senegal como se apenas nesses países existissem pessoas negras? Essa interrogação endereçada a Courageuse parte de um pré-suposto. É uma pergunta afirmativa que já tem uma resposta previamente construída. É uma pergunta que não tem o interesse de abrir, mas sobretudo perpetuar uma lógica. E para suportar esse trânsito, Courageuse recorre aos dados oficiais que trazem legitimidade à sua fala. Por que a voz de Courageuse não parece suficiente para comunicar sua própria experiência? As perguntas que ignoram as vidas, fazem afirmações sobre a origem dos estudantes em situação de refúgio baseadas em um estereótipo colonialista que circula no âmbito das informações que nos constituem. Escutar as perguntas com o interesse de cuidar para conhecer<sup>23</sup>, parece-me uma pista importante na quebra desses estereótipos que circulam e subjetivam vidas.

Fora do Brasil, lá no Haiti, também há estereótipos sobre o Brasil. Ele é visto como um país com poucas oportunidades. Lá todo mundo acha que as mulheres querem apenas se casar e ter filhos e não priorizam os estudos. Também precisei desfazer alguns estereótipos quando cheguei aqui (NARRATIVA COURAGEUSE).

A narrativa é a própria condição de habitar esse espaço híbrido onde a vida pode variar. Essa variação está conectada com espaço de diferença e diferenciação das relações colocadas em disposição. Uma disposição ao outro, uma disposição ao outrem, disposta a abandonar os pontos rígidos dos vetores já desenhados nas coordenadas do mundo. “As pessoas gostam de fazer conclusões sobre a vida das pessoas. No Haiti, tem

---

<sup>23</sup> “Seu paradigma não é o do conhecer, mas o do cuidar, não sendo também o do conhecer para cuidar, mas o do cuidar como única forma de conhecer, ou ainda, o paradigma da inseparabilidade imediata entre cuidar e conhecer” (PASSOS; EIRADO, 2009, p. 122).

um ditado que é o seguinte: quer destruir uma vida comece contando a história da pessoa pela segunda parte” (NARRATIVA COURAGEUSE).

Uma narrativa aparece como um modo de inscrição. Como narramos a própria história, como testemunhamos a história do outro, como essa história circula é um modo de ação no mundo. Contar algo que não se sabe tem a ver com a atenção aos vestígios, ainda que a narrativa seja permeada pelo que já existe, há uma forma de rearranjo muito peculiar. Palavras são incorporadas e, por vezes, inventadas na condição de possibilidade de um mundo impregnado de impossíveis. “O perigo de uma história única. Há tanto a se contar sobre nossas experiências que não tem nada a ver com o que está escrito na internet, ou nos livros escritos por alguns europeus que tem o interesse de apagar a nossa história” (NARRATIVA COURAGEUSE).

Não se trata de negar a dimensão universal, mas afirmar que existe algo que foge à lógica, luzes reminiscentes espalhadas no tempo que trazem sinais de outras histórias vívidas. Essa experiência se entrelaça com a imagem dos Vaga-Lumes trabalhada por Didi-Huberman (2011), sobre presenças em constelação, poeira de estrela que cintila e compõe o momento presente. Trata-se, sobretudo, de escutar, testemunhar, abrir para contar outras histórias. E reconhecê-las, incitá-las, circulá-las, tonificá-las na composição do mundo que conhecemos.

A gente precisa ocupar os espaços que desejamos estar. Eu sinto orgulho dos meus colegas que falam e me representam. Sinto orgulho em cada palavra que mostra a força da voz. Eu incentivo minhas colegas a ocuparem espaços que são nossos também (NARRATIVA ELIKIA).

Por intermédio das referidas histórias é que se institui a ocupação dos espaços educacionais perpassando presenças que instigam sua presentificação. Presenças que falam de experiências singulares e um desejo de atenuar a voz, os ouvidos. A presença perturbadora que desestabiliza a normativa do que existe. Essas trocas sensíveis advogam nos espaços, fazem furo na estrutura vigente. O que essas presenças têm a nos dizer? Para escutar é preciso dar ouvidos às vozes que se encontram silenciadas pela dimensão do saber que insiste em as apagar. Como acolhemos as narrativas dos estudantes em situação de refúgio? Que subjetividades, matéria-acolhimento das nossas intervenções seriam produzidas pelas ações de escuta?

A história da crise dos refugiados não é toda a história. A língua oficial falada no Brasil não é estanque e nem uma familiaridade segura que impede a comunicação. Que outras formas de comunicação podem existir nesse encontro com o estrangeiro e com a

estrangeiridade? O sotaque diz de uma história, a fala tropeçada buscando compreensão “Como se diz mesmo em português?” (NARRATIVA ELIKIA) a entonação do “r” em vez do “l”, a vacilação das vogais mudas e até mesmo as trocas entre plural e singular. Tudo isso fala no diálogo de uma aparição que busca se fazer escutar.

A narrativa é viva. O corpo inclinado sentado na praça de Porto Alegre, fala. O cheiro do pão saindo do forno chama atenção, invade a conversa. Os olhos que percorrem o parque anunciam um medo das interpelações. A insistência no diálogo dá a duração necessária para compor fragmentos de histórias em composição com o presente. O fragmento nesta perspectiva vem acompanhado da ideia de uma narrativa interessada em abrir as possibilidades de vida e não de fechá-las (DIÁRIO DE CAMPO).

O fragmento de história abre fendas nas instituições enrijecidas e considera o campo de relações que situa uma experiência em um tempo-espaço sem a fazer definitiva e nem perpetuá-la como uma verdade sobre o mundo inteiro ou sobre todas as pessoas em situação de refúgio. “Torna-se importante, portanto, pensar sobre como determinados usos da história podem interpelar modos estabelecidos de pesquisar em Ciências Humanas. De que forma podem contribuir com outra postura ético-política diante da vida” (BAPTISTA; RIBEIRO, 2016, p. 382).

As vozes plurais, os fragmentos narrados, as provocações partilhadas na escrita são efeitos desse interesse em coproduzir histórias de legitimação, autonomia e reconhecimento. Os fragmentos se apresentam como possibilidade de “ousar reinventar a história infinda do mundo que ainda produzimos e a que sempre chamaremos nosso (MIZOGUCHI, 2016, p. 15).

#### **4.4 Saída de campo e um campo propondo saídas: encontro co-movente**

Conversamos primeiro em uma saída de campo. O campo apresentou muitas saídas. Há muito que convivemos nos meios de comunicação remotos. Chamadas de vídeo, mensagens pelo Whats, reuniões pelo mconf. Experienciamos tardes de trabalho, debates em grupo de extensão e produção de materiais frutíferos dos encontros remotos. Presenças dispostas ao encontro, interativas e moventes. Moventes porque atentas às alteridades e alternâncias que ocorrem quando há encontro. Aprendizagens minuciosas que envolvem

interpelação no espaço de partilha povoado pela multiplicidade irrequieta do mundo.

A articulação para um encontro presencial foi realizada por um meio de comunicação com o qual dialogamos, foram mensagens trocadas durante semanas até encontrarmos um clima bom, disponibilidade de tempo e deslocamentos possíveis. Desejávamos fazer uma trilha, conhecer o morro do Osso em Porto Alegre. As trilhas muitas vezes fazem surgir encruzilhadas, que ao habitá-las, apontam saídas para todos os lados. A noção de encruzilhada nos situa nessa habitação do presente, onde os caminhos se tornam prementes de posicionamentos, afastando-nos da ideia de observações distantes, neutralidade e saberes insípidos. A encruzilhada neste sentido está situada em um território afetivo do qual fazemos parte e que demandam posicionamentos e atitudes “onde se inquiram e se criam, portanto e finalmente, sujeitos éticos e formas de vida” (MIZOGUCHI, 2016, p. 23).

Talvez já seja a hora de se afirmar peremptoriamente: o que aqui se quer fazer transcender e transmitir não é a certeza de um experimento, mas a irrequieta e incomoda passagem de uma experiência [...] fazer deste trabalho- como toda e qualquer obra de vida- apenas um exercício: a sustentação de um eterno retorno à encruzilhada, a negativa da falácia do porto seguro, a assunção desavergonhada de um benfazejo inacabamento de si e do mundo, a manutenção de um caráter claudicante e corajoso a cada passo (MIZOGUCHI, 2016, p. 35).

Combinamos pontos de encontro para facilitar a chegada no mesmo tempo espaço. Esse espaço como campo de relação desde o global até o intimamente pequeno, no qual distintas histórias coexistem, estando sempre em construção, distante da ideia de um fim que conclui e fecha. Compartilhamos uma localização em tempo real, para firmar o percurso de encontro e também para situarmos uns aos outros nessa perspectiva do estar juntos. (MIZOGUCHI, 2016).

Tivemos um encontro depois de uma convivência anual, alguns se conheciam há mais tempo, outros se aproximaram no ano de 2021. O encontro presencial permite outras percepções. São muitos elementos insurgentes que habitam uma cidade. Os signos pandêmicos também estavam presentes. Os abraços foram diferentes: braços acenando um trazer para perto, mãos no peito e um gesto que se ensaia em direção ao outro, os olhos se apertavam afetivamente e emanavam um certo brilho, os olhos miúdos diziam também que havia alegria no encontro e um sorriso por trás das máscaras.

Nosso destino era a trilha do Osso em Porto Alegre. Fomos até lá juntos. Havia mais

peessoas chegando ao destino previsto, partindo de outros lugares da cidade. Chegamos ao morro do Osso e nos deparamos com uma impossibilidade de acesso. Aquele espaço público estava fechado, não era possível acessar a trilha. Encontramos uma encruzilhada antes mesmo de adentrar nas bifurcações do território.

Pensávamos saídas para conseguir trilhar um percurso a céu aberto, gostaríamos também de pausas e se demorar um pouco mais nesse momento onde a experiência, as palavras, os afetos importam. Andar juntas não para um destino, mas para escapar, sair da rota, ir para outro lugar, descaminhar tendo como bússola itinerários afetivos.

Enquanto decidíamos, houve tempo para subir em árvores, colher frutos da bergamoteira e provar sabores cítricos que provocaram risos e estranhamentos. A degustação cítrica deixou um registro de rua pavimentada com bloquetes, misturada a sombra das árvores que traziam frescor e um sol a pino aquecendo de maneira intensa. A cena demarcou algumas fronteiras que estão postas dentro da cidade. O que nos impediu de fazer a trilha foi um portão cheio de pontas de ferro que delimitavam onde a rua pavimentada tinha fim e a terra amarela com grama verde começava. O portão recolocou um debate sobre fronteiras, sobre as dimensões público e privado e também quando é que se torna um migrante ou refugiado? Interpelações nebulosas e pulsantes nas experiências do presente. Uma dimensão pública e privada que coloca o cerceamento de si como conquista pessoal. Quanto mais “privados”, mais seguros estamos.

A cidade é violenta, dizem. O outro, um provável inimigo, afirmam. Caminhadas diárias pelos parques da cidade amenizam a rigidez abastecida pelo medo. A saúde, o investimento no equilíbrio mental, a qualidade de vida, o empoderamento pessoal incitam homens e mulheres comuns a cuidar do corpo e da mente. São empreendedores da própria vida. Acreditam no verbo empoderar como conquista pessoal. O poder sobre si mesmo os fascina (BAPTISTA, 2020, p. 21).

Na tentativa de seguir promovendo aberturas e possibilidades, o professor Rodrigo, agente da cena da bergamoteira, sugeriu o parque Knijnik, que ficava próximo de onde estávamos. A ideia era estar num espaço público, sendo interpeladas pela cidade, podendo estar juntas, fazendo percursos e partilhando de um espaço comum.

Chegamos ao parque, o espaço era amplo, cheio de verde e de gente estampada. Fizemos um trajeto de escadarias, bifurcações e caminhos abertos a passos largos. Nos movimentamos acompanhando aquele ritmo. Durante a caminhada, fomos alternando as

presenças lado a lado. Foi como se de repente estivesse conversando com um, depois com outro, depois com outros. Sem perceber, as duplas alternavam-se, os trios se bagunçaram e o coletivo insurgia.

Há um texto do Luis Antonio Baptista (2020) no qual diz que a urdidura inesgotável de formas de afetos se faz presente no ato de revezamento. Mostra uma modulação interessante que produz enfrentamento às armadilhas do terror. Ah, e como passamos por barbáries nesses últimos tempos! Essa coreografia do estar junto é o que chamo de presenças em mobilidade produzindo co-moções.

A delicadeza de um movimento sutil que alterna posições, inaugura um ritmo de aprendizagens em deslocamento, interpelando e sendo interpeladas pelos movimentos mútuos. Um contato minucioso com aprendizagens tecidas por vários tempos e ornadas pelas presenças em mobilidade, pulsam intensamente uma aprendizagem incorporada.

O encontro a céu aberto na cidade de Porto Alegre ajuda a pensar uma ideia de presenças em mobilidade como um movimento contra hegemônico das formas tradicionais e conservadoras que atribuem à educação apenas um exercício individual e capacitante, muitas vezes centrado apenas na figura do professor, conservando um status do saber-poder. Nesse modelo de educação depositária, o acúmulo de informações está vinculado a um sistema de memorização, de reprodução e aquisição do conhecimento que mais tarde poderá ser usado numa ocasião futura como for mais conveniente ao sistema. “O que esperavam de nós era a obediência, não o desejo ardente de aprender” (HOOKS, 2013, p. 19).

Aprender não tem a ver apenas com o espetáculo do saber formal centralizado, padronizado numa única forma de aprender. Aprender envolve um espaço de partilha e reconhecimento do que se porta e importa nas presenças uns dos outros e tudo que nela verte diferença. Presenças são como catalisadores presentes engajando as partes ativas no aprendizado (HOOKS, 2013).

Aprender tem a ver com a dimensão da experiência de corpos que agem e sentem, corpos síncronos numa atenção conjunta que produz movimento. Presenças que improvisam considerando os elementos de diferença que modulam e produzem mundo. Estou tentando revisitar a aprendizagem e junto de outros suspender dela a ação imediata, e acrescentar a presença mobilizadora dos modos de existir. Um plano movente da experiência que nos coloca como aprendizes e não como peritos. Aprender está relacionado com o exercício de surpresa, trata-se de um aprender a aprender.

O interessante aí é que esta forma de relação, esta atitude, esta política que orienta e dirige o processo de aprendizagem, é um ponto de vista que é, ele próprio, resultante de um processo afetivo de aprendizagem. Trata-se, aí, de aprender a aprender. (KASTRUP, 2001, p. 26).

Instruir caracteriza um processo que produz conhecimento. Ou seja, tem a ver com trocas atencionais, prestar atenção, não como foco, mas como abertura e interesse. Um processo acontece com muitos e entre muitos, mas que não são todos. Trata-se de uma aprendizagem parcial de vários ao mesmo tempo numa duração de tempo e espaço que envolve um campo de relações (KASTRUP, 2001). Uma prática atenta ao que se move e co-move para forjar transformações no presente.

[...] o vestígio dos movimentos devido aos quais não estou mais no lugar em que estava há pouco. Donde, vamos dizer, essa perpétua necessidade [...] de fazer de certo modo o levantamento dos pontos de passagem em que cada deslocamento pode vir [...] a modificar, se não o conjunto da curva, pelo menos a maneira como podemos lê-la e podemos apreendê-la no que ela pode ter de inteligível. Esse levantamento, por conseguinte, nunca deve ser lido como o plano de um edifício permanente. [...] Trata-se [...] de um traçado de deslocamento (FOUCAULT, 2014, p. 72 apud OLIVEIRA; RODRIGUES, 2020, p. 7).

Essa saída de campo, que é também uma habitação de um campo que propõe saídas, chegou como possibilidade. Desviamos da rota ou de uma rota única. O encontro presencial amplia os elementos e desafia o passo, traz descompasso ao ritmo que os encontros e as aprendizagens vinham acontecendo até então. Esse ritmo turvo que faz sair do lugar, sair de diferentes formas. Presenças em mobilidade não só num deslocamento geográfico, mas também num deslocamento subjetivo. Nessa experiência, a mobilidade é acrescida de afetos que se deslocam, nos deslocam, transitam, caminham, descompassam, tecem ritmo, borram fronteiras, co-movem.

Na trama do “estar juntos”, criam-se condições possíveis. Sentamos em roda embaixo de árvores que traziam frescor naquele dia caloroso, compartilhamos alimentos, algo que lembrava um piquenique, ou novamente a ideia de revezamento, de troca e interesse em direção ao outro. Mais uma vez uma política do movimento aparece, talvez de forma mais gracejosa, num deslocamento das mãos, ou da alternância das narrativas que também teceram ritmos, firmaram um tônus da presença num espaço de partilha.

Partilhamos desse alimento do existir que tem a ver com reconhecer e testemunhar a história de vida de cada um nesse enlace com a imensidão do mundo. E me refiro ao mundo

porque existiam narrativas de diferentes nacionalidades, territórios distintos em tempo e espaço.

Ocupamos naquele momento posições que também alternavam, ora vertiam estrangeiridade, ora aprendizagem; ora instrução, ora pesquisa intervenção. Na ocasião, passamos a ser cozinheiros e cozinheiras, religiosos, ateus, visíveis e invisibilizados, transitamos entre os marginais e cidadãos de bem. Do vudu ao cristianismo, das famílias constituídas por pai, mãe e filhas às aldeias que promovem cuidado. Transitamos pelas interseccionalidades raça, gênero e classe social. Conversamos sobre os estereótipos que nos habitam, alguns que reproduzimos e tantos que dissolvemos. Elementos que perpassam as subjetivações num processo de aprendizagem plural.

Trocamos palavras, registros, afetos. Reviramos palavras que expressaram diferenças e aprendizagens novas naquela experiência. Situamos nossa experiência por meio da narrativa de nossas histórias e conseguimos juntas transitar por muitas dimensões culturais, religiosas, afetivas, formais e informais da existência. Presenças em mobilidades sendo co-movidas, co-movendo interpeladas pela dimensão do comum. Um co-mover entre as práticas de acolhimento, aprendizagem e experiência.

## 5 APARIÇÕES: FICÇÃO, AUTORIA E TESTEMUNHO

E então deu de faltar tudo: mãos para o trabalho, alimentos, água, matéria para os nossos pensamentos e sonhos, palavras para as nossas bocas, cantos para as nossas vozes, movimento, dança, desejos para os nossos corpos.

Conceição Evaristo

Ainka é uma personagem ficcional que surgiu como uma estratégia que destravou a escrita, aqueceu os debates e operou como dispositivo para agenciar esse coletivo de vozes. A experiência da pandemia parecia ter desarticulado a palavra de sua dimensão viva. “Cada dia era sem quê nem porquê. Suas lutas, seu fazer e saber, tudo parecia ter se perdido no tempo” (EVARISTO, 2016, p. 120). Era um momento em que muitas e muitos partiam. Vidas sendo interrompidas, tantas incertezas, crises e barbáries. A tristeza, o luto, a indignação faziam parte do dia a dia e soterraram as perspectivas das vidas que seguiam. Que vida é essa que segue? O isolamento social foi desvitalizando os corpos e distanciando os sonhos. Naquele momento, a pandemia ainda aventava experimentos de ciência que auxiliassem na construção de uma vacina que garantisse a mínima condição de viver. Pairava no ar muitas falas esvaziadas de sentido corroborando para um projeto de governo genocida. O nosso povoado [...] morria à míngua e mais e mais a nossa vida passou a desesperançar (EVARISTO, 2016, p. 121).

Estávamos em colapso, o Brasil e “eu” (um eu expandido) experienciando uma crise sanitária, econômica e política. A fenda se abriu ao ler Conceição Evaristo (2016). No texto “Ayoluwa, a alegria do nosso povo”, ela narra a história de uma aldeia que passa por uma crise de tristezas e, nessa crise, muitas pessoas morreram e a morte rondava levando embora, não só os corpos em sua finitude, mas também perspectivas de vida.

A aldeia ansiava por um nascimento que pudesse reinventar alguns sentidos dos nomes próprios. Um nome próprio, não era tão próprio assim, pois ele trazia significados amplos e distribuídos no coletivo. O nascimento trazia a fruição da vida. Em outras palavras, o nascimento de uma criança numa aldeia é uma centelha acesa que propõe reinvenção aos povos. Os nascimentos, as descendências são lançados à vida pelas mãos dos ancestrais que inscrevem a circulação de uma experiência num tempo e espaço. Foi lendo o texto da Conceição Evaristo que me sopraram algumas vias de nascimento, Ainka foi também uma surpresa nesse contexto da aprendizagem. Chegou como possibilidade de dizer, refletir, sentir e problematizar a experiência da vida, sobretudo, das vidas dessa trajetória. Seu nome

significa reconhecimento da vida, estima e respeito, talvez fosse essa a dimensão comum a qual o processo de pesquisa desejasse alcançar. A partir do nascimento de Ainka, muitas vozes surgiram numa trama de inscrever condições e ampliar possibilidades. Ao estimar a vida, intui-se que há vozes em composição, vozes plurais que produzem uma espécie de bricolagem trazendo como horizonte um plano comum. Ainka conjurou comunidades para firmar o tônus da voz, ela chegou como possibilidade de dizer, desejar e afirmar a vida como vetor de força.

Ficamos plenos de esperança, mas não cegos diante de todas as nossas dificuldades. Sabíamos que tínhamos várias questões a enfrentar. A maior era a nossa dificuldade interior de acreditar novamente no valor da vida... mas sempre inventamos a nossa sobrevivência (EVARISTO, 2016, p.121).

Ainka é uma personagem ficcional que reúne a pluralidade das relações na narrativa dessa experiência. Ela fluiu serpenteando o princípio de esperança que atua nesse “entre” da pesquisa trabalhando em debates complexos. Fiquei exposta a um tipo de ficção que eu nem sabia ainda como manejar, mas foi a partir dos encontros que Ainka foi sendo inundada de sensibilidades. Afetos foram pedindo passagem, nessa ficção que se desdobrou em palavras firmando em um campo de sentidos. Ainka é também a composição de vozes do campo. Uma tentativa de sensibilizar a língua para que ela trema e estremeça e [...] abra fendas assustadoras nessa língua<sup>24</sup>. “Tornando a ficção mais um entre tantos artifícios necessários para os encontros que produzem ao mundo” (COSTA, 2014, p. 557).

Tomando como inspiração a escrevivência de Conceição Evaristo (2016) pensamos o uso da ficção como dispositivo na criação de nomes que atribuíssem ao anonimato na pesquisa uma aparição incorporada, nutrida de afetos, signos e sentidos, dando vida e nascimento às presenças de cada um.

A maioria dos participantes decidiu permanecer como "anônimo" no que diz respeito à identificação no processo de pesquisa. Entretanto, esse anonimato não tem a ver com um apagamento, mas sobretudo com uma posição cintilante, ativa e intermitente podendo emitir seus sinais precisos e consistentes (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Os nomes citados nessa pesquisa foram sugeridos pelos dos participantes do acompanhamento terapêutico. A ideia de um nome que conecta e efetua vida foi debatida e elaborada nessa comunidade falante do AT em sua coautoria. A escolha do nome e seus significados aparece como dispositivo, operando transformações na ideia de anonimato. A

---

<sup>24</sup> Lispector (1999, p. 87).

escolha do nome, que não era mais próprio, mas sim singular, firmou o caráter heterogêneo dessa experiência compartilhada. No ínfimo movimento é que a partilha aparece e a criação emerge nesse campo de presenças em mobilidade.

Os leitores desse processo de pesquisa acompanharão as narrativas por meio de nomes ficcionais sugeridos pelos participantes. A escolha do nome percorreu lugares do mundo e não tinha a obrigatoriedade de ser fecundada na língua portuguesa. Aliás, essa foi uma questão levantada quando partilhamos a ideia de criar um nome ficcional. *Precisa ser em português?* Decidimos que a invenção dos nomes seria inspirada naquilo que fizesse sentido para cada um e cada uma. Esse sentido da vida vem de qualquer lugar do mundo. Poderíamos percorrer diferentes nacionalidades e línguas e atribuir sentidos a esses nomes. Tornamos esses nomes legítimos, estimados e reconhecidos da maneira como eles desejaram.

Há um nome que foi criado para garantir a dimensão do sigilo, mas não tivemos a oportunidade de inventar juntas esse nome, visto que se tratou de uma troca pontual por meio de entrevista semiestruturada e não de uma relação construída no AT. Contudo, o nome que aparece surge pela via da troca a partir do encontro, ou seja, o nome escolhido considerou a nacionalidade, os interesses e os afetos trocados com as pessoas envolvidas.

O coletivo de vozes que com Ainka faz a trama entre ficção e realidade é: *Courageuse*, língua francesa, nome que dá sentido a muitas coragens. *Elikia*, língua lingala, nome que dá sentido a muitas esperanças. *Fayola*, nome em ioruba, significa “sorte caminha com honra”, dá sentido aos bons presságios. *Henri Christophe*, língua francesa, *nome simbólico e histórico*. Dá sentido a um homem inteligente que estudou, inspirou e encorajou muitas pessoas em seu país.

## 6 ENTRE O VISTO E O RECONHECIMENTO

Invento? Sim, invento, sem o menor pudor. Então as histórias não são inventadas? Mesmo as reais, quando são contadas.

Conceição Evaristo

Ainka passa pelos perniciosos trâmites que a tornam uma RECONHECIDA. Esse reconhecimento da situação de refúgio vem acompanhado de uma visibilidade paradoxal nos entremeios da vida cotidiana. Receber o visto implica um enquadre em uma moldura social complexa desdobrada em cenas que ora apagam, acedem, conforme a dissidência dos holofotes<sup>25</sup> (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Os dados preenchidos nos formulários contam precariamente uma história em busca desaiadas, de escolhas. Na solicitação da condição de refúgio, Ainka passa por entrevistas que buscam comprovar dados a fim discursar sobre a verdade de uma situação marcada por violações. Ao requisitar essa condição, Ainka sabe que existe uma ambiguidade nessa solicitação, uma nacionalidade reconhecida e uma destituída ao mesmo tempo. Como encontrar refúgio? Como encontrar abrigo sob as luzes dos holofotes do Estado? A autoridade competente pretende reunir um conjunto de informações que preencham os requisitos. Validam a entrada ciente e consciente de uma mulher em situação de refúgio com a promessa de que no Brasil possa ser acolhida e protegida em seus direitos.

Que condições de reconhecimento são carimbadas neste visto?

Ver o que está à vista não diz respeito apenas a um exercício do organismo ocular, do olho que visualiza. Contudo, avistar requer um exercício de atenção que convida as vísceras, as mãos, o olfato a gestar uma coabitação de presenças distintas. Perceber que está percebendo inquire um reconhecimento de si, do outro, do mundo (GATTO, 2017). Nesse sentido, a legitimidade de um reconhecimento não está apenas na via legal.

Contente com o término das burocracias, Ainka observa sua legalidade estampada em letras cursivas, num tom azul, assinada por pessoas capazes de análises de verificação e veracidade de sua atual condição.

O impacto deste reconhecimento produz sensações confusas. O corpo todo sente a inclusão num estado de coisas. Enfim, um país, uma cidade, um bairro do qual se possa viver. Essa nacionalidade reconhecida oferece a dita proteção que há muito desejava. Ao mesmo

---

<sup>25</sup> Holofotes são entendidos como regimes de legitimidade que valoram vidas dentro da norma e do padrão estabelecido socialmente. Colocando à vista um modelo de existência dito ideal corroborando para o apagamento de diferenças.

tempo, um calafrio lhe subia a espinha. O receio de mais uma vez ter que defender a vida como um dom. Ela já não compreendia a vida como valor, pois insistentemente outra vida tinha mais valia, e sua existência era marcada por uma precariedade que desumanizava o corpo. A vida como um valor era de difícil alcance, quase uma disputa inatingível, quando o valor da vida dela se encontrava numa desonesta disputa de sentidos que quase sempre se desdobrava num apagamento, numa restrição das condições de existir (BUTLER, 2015).

Há vidas que a gente se acostuma, vidas que enxergamos, mas não reparamos (BUTLER, 2015). Vidas ao mesmo tempo reconhecidas e invisibilizadas dentro de uma mesma lógica que aniquila as possibilidades vigentes.

Nesse caso, não se tratará, hoje, de empurrar os anormais para fora do entorno da cidade, mas de fazê-los excluído dentro mesmo dela. De torná-los sempre mudos, sempre do outro lado. De imputar a invisibilidade, fazendo-nos crer se tratar de homens inferiores, aos quais não resta nenhuma possibilidade, nenhuma expressividade, nenhum valor. Homens de “lugar nenhum” (BATISTA; GUIMARÃES, 2016, p. 3).

O desafio estava posto. E ele não era um desafio apenas de Ainka. As vidas precárias, onde era possível viver a imputabilidade do extermínio, era um espaço social. “A “vida” que uma pessoa tem que viver é sempre uma vida social, implicando-nos em um mundo social, econômico e de infraestrutura mais abrangente, que vai além da nossa perspectiva e da modalidade de questionamento ético em primeira pessoa” (BUTLER, 2018, p. 27), movimento social, que depende mais fortemente das ligações entre as pessoas do que de qualquer noção de individualismo. A precariedade da vida não é uma questão apenas de Ainka, mas de um conjunto de ações e jogo de disputas que torna a questão da exclusão um modo de inclusão numa estrutura social discrepante. Uma problemática que atua nos processos de subjetivação.

Com isso, uma ocupação sob a ótica da cognição inventiva está relacionada à noção de reconhecimento de um corpo habitando um tempo e espaço, corpo legítimo que circula e compõe os processos de subjetivação que incorporam a dimensão pública e interrogam as condições deste corpo, seu desejo e sua mobilidade no mundo. “O corpo está fora de si mesmo, no mundo dos outros, em um tempo e um espaço que não controla, e ele não apenas existe no vetor dessas relações, mas também é esse próprio vetor” (BUTLER, 2015, p. 85). Como esse corpo é suportado quando diz respeito às cenas do reconhecimento como: mercado de trabalho, educação, distribuição equitativa de alimento, moradias em condições habitáveis, liberdade de movimento e expressão.

Para repensar o espaço de aparecimento a fim de entender o poder e o efeito das manifestações públicas do nosso tempo, precisamos considerar mais de perto as dimensões corporais da ação, o que o corpo requer, e o que o corpo pode fazer, especialmente quando devemos pensar sobre os corpos juntos em um espaço histórico que sofre uma transformação histórica em virtude de sua ação coletiva: O que os mantém unidos ali? E quais são as suas condições de persistência e de poder em relação à sua condição precária e exposição? (BUTLER, 2018, p. 76).

A narrativa de Ainka traz um palpite em relação à vida invisível, essa vida menor como aparição intermitente, interrompendo o triunfo das iluminadas aparições. Esses lampejos do desejo que incandescem um traço, sinais de uma outra existência. A narrativa chega como gesto que tonifica as presenças, resiste na sobrevivência dos signos ou das imagens, quando a sobrevivência dos próprios protagonistas se encontra comprometida (DIDI-HUBERMAN, 2011).

Em Benjamin (1987), compreendo que ele nos aponta a necessidade de reavivar o compartilhamento de narrativas como possibilidade de seguir alimentando uma dimensão da experiência. Uma experiência em que a ocupação borre as delimitações da vida ordinária provocando certa potência de transformação. Um exercício de atenção às imagens cotidianas, corriqueiras do dia a dia, que afetam, interpelam e provocam diferença na percepção do tempo. Atualizam as possibilidades. Esse contato com a experiência rompe a lógica da informação como dado marcado e imóvel. Embriaga a dimensão das respostas prontas e indaga o que há e o que pode haver. Ampliando a capacidade de estranhar uma certa ocupação anestesiada de um mundo dado.

Um corpo desperto numa experimentação das coisas do mundo. Corpo sensível em ebulição que expande e resiste ao mundo do terror, recusa o teor do enclausuramento e revoga as imagens distintas de uma experiência, “esse ato de perceber o que existe, é de certo modo, fugaz, frágil” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 25). Aparece como “desvios dentro das grandes construções que nos permitem pensar as imagens como espaço do inacabamento” (GATTO, 2017, p. 24), incitando momentos inestimáveis que sobrevivem, que resistem tal organização de valores, fazendo explodir em momentos de surpresa.

As cenas de aparição dão pistas de presenças imersas num itinerário afetivo que trama e espreita um campo de surpresas. O anonimato nesse contexto da aparição e invisibilidade contém potências inexploradas e, talvez, inexploráveis. Dar a ver complexifica as dicotomias apresentadas entre visto e reconhecido. Engaja corpos que produzem problemas na condição de uma política de visualidade que permita reconhecimento de uma vida sem, contudo,

rescindi-la no código de valores vigentes.

Essa vida em desvio, pretende-se atenta, desperta para os acontecimentos em concomitância com as coisas do mundo. Reconhecer a si e ao mundo ao mesmo tempo em que se ocupa um espaço-tempo de experimentação. De certa forma, essa experimentação produz espaços híbridos que rompem a lógica da utilidade e contam, sem qualquer pretensão, como lhe for possível, o encontro com um cotidiano improvisado. Extraído, interrogado, perdido ainda que achado, uma emergência da vida que não cansa de escapar da calcificação do presente.

Achando saídas mesmo quando as palavras se encontram enclausuradas. Conectar-se a trama coletiva para diferir e diferenciar da norma. Eis a possibilidade que Didi-Huberman (2011) chama de “lampejo”, sinais, chamas acesas, intermitente desejo do narrador, daquele que quer testemunhar para além da própria morte.

### **6.1 Deslocamentos: lampejos de aparições**

As visualidades são uma maneira de existir. Uma resistência em constelação. Conexões numa duração em tempo e espaço. Representações como poeira de estrela. Cintila, intermitente numa dimensão comum.

Didi- Hubermann

Um dos horizontes, no que tange à pesquisa, está associado com a dimensão do reconhecimento dos modos de vida em um campo de relações. Conhecer, encontrar, reconhecer uma existência singular, legítima, que circula nos espaços. De que maneira essa circulação acontece? Quais elementos estão distribuídos na visibilidade e visualidade destas habitações? Ao escutar aspectos de vidas de todo dia, sinais vão compondo uma espécie de constelação<sup>26</sup>. Uma imagem intermitente, palpitando vestígios capazes de fazer falar aspectos de histórias vívidas. A interação com estas histórias abrem um campo de variação e alteridade capaz de comunicar outras experiências singulares que compõem o mundo e, com isso, compõem também modos de existir no Brasil. Reconhecer permanentemente a importância da presença de cada um é o que bell Hooks entende como provocador de entusiasmo e interesse na produção de ideias, na aprendizagem coletiva. Sinais do corpo que interagem como catalisadores presentes engajando as vidas ao desejo partilhado (HOOKS, 2013).

---

<sup>26</sup> Georges Didi-Hubermann, 2011, A Sobrevivência dos Vaga-Lumes.

Embarcou no trem com a confiança de encontrar alguém que lhe daria informações do local de desembarque. Desorientada, interpelou muitas pessoas com o intuito de se situar em uma cidade desconhecida. A resposta foi a evasão de presenças, corpos ignorando, não vendo nem ouvindo, pessoas invisibilizando. A sensação que lhe ocorrera era de que ninguém a via. Como poderia chegar ao lugar desejado se não houvesse a contribuição de outros? Um coletivo lotado e ninguém escutava ou reconhecia as indagações de uma recém-chegada. No decorrer do percurso, experimentou uma sensação de estar só em um espaço cheio de gente. Sua presença foi invisibilizada aos olhos daqueles que compartilhavam um tempo-espaço. Sua voz não provocava ruídos, seu corpo desorientado andando de um lado para outro em busca de orientação, não capturava os olhares anestesiados daquele coletivo. Sua presença atravessava vagões acendendo e apagando. A voz dela, já embriagada, encontrava estranhamento nesse habitat. A voz ecoava no vagão de metal que cortava as ruas, num imenso vazio cheio de gente. O presente interrompe o passado e traz à tona questionamentos à opacidade que produzimos estando juntos. Ela, estrangeira, mulher negra, jovem com um pouco mais de vinte anos, experimenta a violência da surdez, da cegueira e da anestesia. Enfrenta a dialética de um Brasil que reconhece na chegada, pela via burocrática, e apaga no trânsito ordinário. Essas são imagens, reflexões, provocadas pela narrativa de Courageuse. Em seu pensamento, foi se montando cenários, imagens e sensações quando ela narra seu deslocamento na cidade de Porto Alegre à espera de orientação (DIÁRIO DE CAMPO).

Para repensar o espaço de aparecimento a fim de entender o poder e o efeito das manifestações públicas do nosso tempo, precisamos considerar mais de perto as dimensões corporais da ação, o que o corpo requer, e o que o corpo pode fazer, especialmente quando devemos pensar sobre os corpos juntos em um espaço histórico que sofre uma transformação histórica em virtude de sua ação coletiva: O que os mantém unidos ali? E quais são as suas condições de persistência e de poder em relação à sua condição precária e exposição? (BUTLER, 2018. p. 76).

A nacionalidade brasileira pré-supõe alguns hábitos, rituais culturais, ainda que com uma diversidade circunscrita, há uma nacionalidade identificatória nos colocando em um determinado grupo. Esse grupo é regido por um conjunto de leis (sociais, imaginárias, simbólicas) que organizam essa população. No Brasil, há uma força de autopreservação em relação ao grupo racial branco como se fosse uma referência para condição humana. Essa

preservação, entendida também como pacto narcísico, provoca aversão ao que é estranho e diferente do padrão estabelecido. “É como se o diferente, o estranho, pusesse em questão o "normal", o "universal" exigindo que se modifique, quando autopreservar-se remete exatamente à imutabilidade” (BENTO, 2002, p. 6).

Há uma herança simbólica transmitida silenciosamente para as pessoas de cor branca. Essa herança grita nos processos de subjetivação dos brasileiros, aparece como efetuação nos modos de vida. Essa herança branca, quando vista como monumento histórico, tampona a escuta, ensurdece e silencia vozes em metrô lotados de gente. O questionamento de Courageuse ecoa no coletivo? O presente faz ruídos nesse monumento arbitrariamente velado, sacudindo sua estrutura, acordando as responsabilidades daqueles que colocaram o gigante pra dormir. Abalar esse gigante, Brasil, para enxergar suas ruínas, fragmentos capazes de fazer passar vozes que tensionam o agora. Um lampejo se acende em meio à opacidade do metrô cheio de gente.

O Brasil, em sua ideia de nação, traz traços de um processo de branqueamento “cujo objetivo era extinguir progressivamente o segmento negro brasileiro” (BENTO, 2002 p. 21). Havia a perspectiva de que o Brasil se tornasse um país branco por meio do processo de miscigenação. O colonialismo e o cruzamento das raças foi uma saída encontrada pela elite branca para preservar a posição de privilégio já constituída.

Um Brasil colonizado que traz suas marcas subjetivas estampadas em coletivos vazios de gente. A branquitude com seu requinte e privilégio deu notícias desde a colonização que era uma raça hereditariamente superior, capaz de subjugar a diferença e determinar os lugares de senhores da fala. A branquitude até hoje concentra as ações e se entende abrindo espaço, aos poucos, que é pra não perder a dimensão do controle e dos privilégios. E Courageuse diz mais: “No Brasil, os negros são colados às margens. Moram nas periferias e ficam com os piores empregos, os piores salários, as piores moradias” (NARRATIVA COURAGEUSE).

O silenciamento e a inércia das pessoas brancas a respeito dos seus privilégios contribui com o aumento das desigualdades sociais. Os efeitos dessa não responsabilização estão relacionados com a exclusão e a marginalização do povo negro no Brasil. O racismo no Brasil ainda é entendido como sendo uma questão do negro. Essa noção alimenta a ação sistemática que impede a inserção e ascensão do povo negro na sociedade (BENTO, 2002).

O Brasil é um país racista cheio de negros que não se reconhecem como negros porque é muito difícil viver num país racista. Para que o racismo possa ser combatido, é preciso primeiro que as pessoas entendam que vivem num país racista (NARRATIVA COURAGEUSE).

Quando falamos de uma luta que é precursora de liberdade, de quem estamos falando? Valor e constância pra quem? Essas perguntas vêm para indagar e não para serem respondidas de prontidão. São feitas para mergulhar num processo subjetivo onde o não saber desperta desterritorialização. “Não haverá, portanto, resposta dogmática para essa questão, quero dizer: nenhuma resposta geral, radical, toda. Haverá apenas sinais, singularidades, pedaços, brilhos passageiros, ainda que fracamente luminosos” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 43).

Enfrentar algumas perguntas abre em vez de fechar. O não saber instrui uma outra forma de estar no mundo. Trata-se de uma disponibilidade de vir a ser. Gestar uma escuta que convida sentidos múltiplos a compactuar com o reconhecimento de cada um na tessitura de um campo de possibilidades. Habitar uma certa estranheiridade a fim de desnaturalizar experiências que remontam as cenas dos porões dos navios nas locomotivas frias dos metrô.

[..] a partir das imagens do presente é também colocar em análise o olho que as reconhece: como se fabrica uma imagem visível ao meu olho contemporâneo? Saturações de práticas, teorias, arranjos entre teorias e práticas ligam-se de modo insuspeito a este olhar que, na cidade, colhe imagens e as problematiza; mas este exercício também pode ser a sua implosão, quanto mais olhamos estas imagens mais elas nos devolvem o olhar e colocam em xeque os modos de ver contemporâneos (GATTO, 2017, p. 91).

Veridiana Gatto (2017) fala desta possibilidade de tatear um outro modo de ver, gestar um olhar que mobilize outras sensibilidades para habitar os modos de ver. É necessário convidar outros sentidos para ver. Nesta perspectiva, a escuta, o estômago, os poros compõem esse gesto do ver que reconhece vidas. Vidas que revelam imagens cotidianas que fazem aparecer dialéticas capazes de descompassar a marcha do progresso. Não para remontá-la em uma cena que a restitui, mas para encontrar outros passos e ritmos diferentes. Estranhar o trajeto traz a perspectiva de variação que exercita uma dimensão sensível e embaralha os hábitos do presente. Existe um tempo fora do nosso tempo-espço que provoca interrogações no modo como vivemos esse presente.

Esse descompasso rompe com a ideia de uma linearidade estanque, traz para o debate o tema da diferença e da possibilidade de variação, complexificando o debate Didi-Huberman (2011) escreve que compreender o ponto de encontro dos tempos é decisivo, essa colisão torna o presente ativo com seu passado reminescente. A experiência cotidiana está impregnada de vestígios que compõem uma presentificação. Presentificação parcial, aberta e complexa onde “o que “cai” não “desaparece” necessariamente, as imagens estão lá, até mesmo para fazer reaparecer ou transparecer algum resto, vestígio ou sobrevivência” (DIDI-

HUBERMAN, 2011).

O Brasil, onde se passa o tempo espaço desta pesquisa, ganhou uma característica assoladora. O que aparece no cotidiano são ardilosas transações buscando o extermínio da diferença e marginalização daqueles que se reconhecem “fora” dos códigos de legitimidade. Usando a premissa do bem comum, o Brasil apresenta um cenário onde o genocídio se faz presente. Atrocidades são realizadas em nome desse “melhor para todos”. Que “todo” é esse que visibilizamos?

O “verdadeiro fascismo” [...] é aquele que tem por alvo os valores, as almas, as linguagens, os gestos, os corpos do povo. É aquele que “conduz, sem carrascos nem execuções em massa, à supressão de grandes porções da própria sociedade”, e é por isso que é preciso chamar de genocídio “essa assimilação (total) ao modo e à qualidade de vida da burguesia” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 29).

Didi-Huberman no livro *Sobrevivência dos Vaga-Lumes* problematiza essa ideia do Todo, alertando para a violência que acompanha essa percepção homogeneizante que está a serviço da manutenção do poder autoritário e facista que estimula violências, apagamento da diferença, o que enfraquece a multiplicidade dos corpos, visto que a mobilização coletiva é vetor de força para as transformações que buscamos.

Ao problematizarmos a experiência do presente, colhemos mais elementos para gestar o olho que enxerga<sup>27</sup>, vasculhamos histórias que trazem singularidades que coproduzem diferença e diferenciação. Nesse sentido, “nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico” (ANZALDÚA, 2000, p. 233).

O Brasil é permeado por várias histórias, algumas não chegam a ser lidas. Outras circulam com maior confluência e legitimidade. No tempo presente, encontramos lacunas de uma história universal que é sempre uma história mal contada. A partir da experiência com o acompanhamento terapêutico, pudemos adentrar cada vez mais as lacunas da história e forjar mais histórias. E tenho o palpite de que adentrar as lacunas da história é o que provoca a insistência do termo insurgência nessa pesquisa. É como se desse espaço vazio surgissem histórias menores capazes de transformar a realidade da qual nos ocupamos.

Tomando como elemento vivo a experiência de mulheres negras no Brasil, Werneck (2010) oferece pistas que chegam como lampejos e aparições. Essas pistas não correspondem a uma experiência generalizada, mas nos ajudam a questionar os imperativos da história que

<sup>27</sup> Inspirações de Veridiana Gatto, 2017.

colocam pessoas negras numa lógica de inferiorização. Ou seja, a dominação ocidental eurocêntrica ao longo de séculos desde o período escravagista e expropriação colonial vem alimentando a sociedade racista em que vivemos.

As mulheres negras, como sujeitos identitários e políticos, são resultado de uma articulação de heterogeneidades, resultante de demandas históricas, políticas, culturais, de enfrentamento das condições adversas estabelecidas pela dominação ocidental eurocêntrica ao longo dos séculos (WERNECK, 2010, p. 10).

Courageuse conta que muitas vezes sofre com o olhar do povo brasileiro, especificamente o pessoal de Porto Alegre. Não é que todas e todos a constroem com olhares impositivos, mas de uma maneira geral isso acontece bastante nos deslocamentos pela cidade.

A presença das pessoas negras vindas do Haiti provoca denúncia ao povo brasileiro. O povo do Haiti entende que é negro, que tem uma cultura que cultiva e fortalece sua negritude. Os pretos daqui querem ser brancos e por isso que a nossa chegada como povo negro estrangeiro provoca desconforto. Os negros do Brasil me olham com olhos de horror, porque veem em nós (haitianos) sua negritude. No Haiti, só tem negros, nós sabemos e vivemos nossa negritude. Faz pouco que cheguei (2017) e foi durante a pandemia que percebi movimentações de uma prática antirracista (NARRATIVA COURAGEUSE).

Esse movimento não diz respeito apenas aos negros, mas a um Brasil que inferioriza negros. Os aspectos de uma trajetória histórica, política, cultural em articulação com condições adversas impostas pelo olhar dominador, branco, que produz aniquilamento, que por vezes se estende ao genocídio e ao epistemicídio<sup>28</sup> (WERNECK, 2010).

Epistemicídio porque não acompanhamos na história das ciências e da educação as pulverizações de pessoas negras ocupando esses espaços. A história universal tende a conservar os lugares de privilégio e poder. Esse debate também é um debate sobre as condições de integração e permanência dos estudantes em situação de refúgio nos espaços acadêmicos e da cidade. É também um debate sobre duas problemáticas que emergiram nesse processo: a do racismo e da xenofobia. Ao pulverizar esse espaço de escrita com vozes plurais, avista-se um lampejo para o acolhimento em educação que se desdobra em tantas outras formas de aprender e de viver em um plano de coexistências.

---

<sup>28</sup> Quando há negação da produção de conhecimento do povo negro. Ocultando ou desvalorizando seus saberes e visão de mundo constituídos pela experiência afrocêntrica.

## 7 DA RACIALIZAÇÃO DA PESQUISA: PRIVILÉGIOS E RESPONSABILIZAÇÃO

Devemos priorizar nossa própria escrita e a das mulheres do terceiro mundo. Não podemos educar as mulheres brancas e carregá-las pela mão. A maioria de nós deseja ajudar, mas não podemos fazer para a mulher branca o seu dever de casa.

Gloria Anzaldúa

Sensações sussurravam em meu corpo. Como um conjunto de emoções que fazem barulho. Venho pensando que a sensação é uma das poucas “coisas” que não podem ser reproduzidas. Elas são, em sua dimensão investigativa, o campo de experimento que interrompe a linearidade do tempo. As sensações são esses sinais que alertam e atentam o movimento. Quero falar dessa co-moção do aprender que se responsabiliza com os gestos que se dão lado a lado. “Essas emoções, eu diria, tornam-se não apenas a sustentação, mas a própria substância da ideiação e da crítica” (BUTLER, 2015, p. 58).

No percurso, encontrei conflitos e recoloquei perguntas que são efeitos das vozes de muitos e muitas nessa passagem. Dúvidas a respeito do debate racial, a respeito do debate econômico e das esferas sociais que compõem os modos de existir que habitam o mundo. Fui interpelada na imersão dos encontros que envolvem a dimensão da convivência e do reconhecimento das presenças no contexto do estar junto. Por que escrever sobre as dúvidas, expor momentos de vulnerabilidade, contradições e incongruências se torna relevante num processo de pesquisa?

Nos processos de pesquisa das ciências humanas, é importante fazer aparecer essa dimensão subjetiva que abrange o campo de relações no qual sujeito e objeto estão em transformações mútuas. “A cartografia pressupõe uma política da narratividade que permita a dissolvência das posições estanques geralmente associadas ao trabalho da pesquisa: aquele que conhece e aquilo que é conhecido” (PASSOS; ALVAREZ, p. 132). Pesquisar com os princípios do método cartográfico implica estar atento aos movimentos e nuances de mudança de posição. Percepções que vão tramando o mundo, que não são tão minhas, mas que por vezes passam por mim na elaboração dos dizeres e posições que vou ocupando nesse processo.

Como coexistir num espaço tempo? É recorrente a sensação de desautorização em relação a contar sobre o encontro. Quando falo de encontro digo de uma disponibilidade transversal que atua numa dimensão sensível da existência. O sensível nem sempre traz uma posição de conforto, por vezes o que ele traz é uma intensa dissolução. Quando tento organizar os pensamentos imediatamente sou lançada num “corpo” que não me ajuda a falar. As dimensões da raça, gênero e classe social gritam a ponto de me paralisar. A palavra se esconde e nem o tempo é capaz de fazer uma palavra falar.

Tenho um impasse. Já me perguntei algumas vezes o quão as pesquisas são constrangedoras e por vezes violentas. O que é ser objeto de estudos? Na pesquisa que propus realizar, estou pensando os processos de integração, aprendizagem e permanência de estudantes em situação de refúgio. Esse já é um marcador de diferença que salta em uma existência. Estes estudantes em sua maioria são negros e aí se instaura mais um marcador de diferença. Alguns destes estudantes moram em bairros periféricos e entram em uma maratona exaustiva da condição de sua existência, mais um marcador.

Esses marcadores não podem ser o horizonte da pesquisa, contudo, eles precisam aparecer. Não se trata de negá-los, mas fazer com que falem com a dimensão da singularidade. Quando afirmo a importância de contar histórias, estou afirmando que numa história existe a legitimidade destes marcadores. Não são os marcadores que falam, mas sim a experiência de vida que encontra uma voz narrativa onde aparecem esses marcadores. A posição é diferente. Se eu falar a partir dos marcadores, eu perco uma dimensão da vida que é a produção de diferença no espaço tempo. Não existe um único jeito de ser uma pessoa negra, não existe um único jeito de ser uma pessoa branca, contudo, entendo que existam processos de subjetivação que constituem essas singularidades (DIÁRIO DE CAMPO).

Sou uma mulher branca. Desde meu nascimento, a via burocrática trouxe notícias desse lugar. Contudo, os aspectos subjetivos de ser uma mulher branca começaram a surgir nos meados de 2018, quando passei a ler e questionar as estruturas que nos constituem. Para minha surpresa, descobri que sou uma mulher branca aos 30 anos, foi um imenso privilégio.

Não sou uma branca privilegiada, mas tenho o privilégio de ser uma mulher branca. E assumir meu lugar de privilégio reposicionou as práticas que eu vinha desenvolvendo. Trata-se de um exercício diário.

Na experiência de ser pesquisadora, passei por diversos espaços educacionais dentro

da universidade e fora dela também. No segundo semestre de 2019, meu primeiro semestre sendo mestranda, inscrevi-me em uma aula que tinha a proposta de debater o livro Frantz Fanon, *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Naquela época, as aulas aconteciam de forma presencial. Enfrentei os deslocamentos na cidade e também os deslocamentos subjetivos de uma aprendizagem. Uma cena em especial trouxe bastante impacto, conectou a dimensão do não saber, que hoje experimento e compartilho.

No ambiente da sala de aula, escutei uma colega fazer uma interrogação que até hoje ecoa nos corredores da universidade, a céu aberto nas ruas e relações do dia a dia: eu ainda estou na universidade para que o branco possa aprender? Quando é que terá aprendizagens para pessoas negras? Porque sobre o que conta o livro do Fanon, isso não é novidade. Quando eu conseguirei encontrar processos de alteridade em uma conversa com uma pessoa branca se eu ainda estou na universidade auxiliando o branco a lidar com sua culpa?

Depois dessa manifestação, nada permaneceu no mesmo lugar. No entanto, ainda não sei que lugar é esse. Assumir meu privilégio, inclusive em relação às aprendizagens, parece um modo de responsabilização frente à lógica que nos subjetiva de um jeito e não de outro. Levar a questão dela adiante e manter aceso esse debate, parece uma saída nesse campo problemático do coexistir. E caem bem com as problemáticas que emergiram nesse processo de pesquisa.

Não encontraremos um fim para essa questão, o mal-estar circula e atua transformações. “Uma das contribuições que um branco pode fazer pela e para a luta antirracista é denunciar os privilégios simbólicos e materiais que estão postos nesta identidade” (SCHUCMAN, 2012, p. 13).

Não se trata da resolução de respostas prontas e rápidas, mas de se demorar nas perguntas como forma de encontrar possibilidades. Possibilidades provisórias ou insuficientes e, por isso, abertas às multiplicidades das formas de existir. A dissertação proposta faz um registro, aprender altera posições e dissolve pressupostos. Antes da experiência, não imaginava ser interpelada por essa pergunta ou mais perguntas. Os encontros produziram afetos que dissolveram algumas concepções. A referida dissolução foi possível porque experimentei um campo de relação vívido e movente. A aprendizagem, nesse sentido, surge como uma ação do estar junto acolhendo as interpelações de si e do mundo.

É difícil imaginar uma educação acessível, emancipatória e menos violenta, se mantivermos o silêncio e a negação dos modos de existir que nos constituem e constituem o mundo. Ao racializar a pesquisa, meu silêncio e minha escuta já não são os mesmos. A aprendizagem muda minha posição ética. A alteridade e os elementos de diferenciação

ganham passagem. Romper o silêncio narcísico é encontrar os elementos de diferenciação que compõem os modos de existir e assumir responsabilidade perante os processos subjetivos. Para esta aposta ética, o otimismo ou o pessimismo sobre o mundo nunca encontrarão a palavra fim<sup>29</sup>.

---

<sup>29</sup> Luis Antonio Baptista, 2010, p. 62.

## 8 SOBRE A HISTÓRIA MAL CONTADA

As histórias pequenas e inconclusas, forjadas em meio aos amontoados de coisas e acontecimentos da vida de todo dia, podem produzir os desassossegos e os alertas necessários ao tempo presente.

Luis Antônio Baptista

Os diários oficiais contêm informações de uma história maior. “Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa, repetidamente, e será o que ele se tornará. É impossível falar sobre a única história sem falar sobre poder” (ADICHIE, 2009). A história que conhecemos nos livros de todo o mundo tem, em sua grande maioria, o registro feito por homens brancos. A história vem sendo narrada e ganha força de expansão, porém quero me ocupar de algumas lacunas da história. Essas que nascem das relações do dia a dia e que rompem estereótipos pela singularidade com que acontecem. Interessa-me o reconhecimento das diferenças que compõem os modos de existir que também forjam uma e mais histórias. “Assim, não nos interessamos pela história como aquilo que totalitariamente conserva [...] habitamos certo descompasso que permite desnaturalizar os acontecimentos e a maneira de contá-los, visibilizando lacunas e incoerências” (COIMBRA *et al.*, 2013, p. 46).

Ao contar uma história, trazemos elementos diferentes que ampliam e alteram a narrativa de uma ou de mais percepções do mundo. Quais histórias circulam e a serviço de que? Incitar perguntas engendra um campo conflitivo no qual a história traz a possibilidade de desviar e, com isso, tensiona uma abertura. As histórias “mal contadas” inquiram a possibilidade de saber mais sobre as lacunas dessa história. É como se cada elemento descoberto conduzisse a um outro que cria caminhos diferentes. Existem histórias que a escrita oficial não registra, e é destas histórias que pretendo me ocupar.

Uma história que não se pretende maior ou menor, mas que traz o elemento da diferença como horizonte para divergir, alterar, alternar, transformar. Reconhecer essas diferenças requer disponibilidade e o abandono de um desejo pelo poder centralizador. A fantasia colonial pressupõe que as diferenças existam em harmonia, pacíficas e conservadas. Essa noção civilizada simplifica os debates produzindo discursos binários em que a existência de uma posição apaga e deslegitima a outra. Para sustentar um espaço de coexistência, transitamos nessas lacunas para emergir mais de uma perspectiva da história compondo um tempo-espaço. A multiplicidade irrequieta de um mundo produzindo realidades discrepantes.

Contar e recontar essas histórias é tarefa necessária e urgente. Como as contar preservando seu teor libertário e transformador? Como não se deixar capturar pelo insistente torpor que às domestica, dá nome e as faz confessar suas verdades, impedindo que elas venham nos tocar e desestabilizar? E, mais: que histórias são essas? (BAPTISTA *et al.*, 2020, p. 356).

### 8.1 Lacunas da história: uma narrativa

A maioria dos textos e informações sobre o Haiti são produzidos a partir de registros oficiais que, por sua vez, ainda carregam o imperativo de uma lógica eurocentrada. Muitos dados são reproduzidos ou manejados de forma conveniente para uma obstrução do conhecimento.

Segundo os “dados oficiais do Ministério dos Haitianos Residentes no Exterior (MHAVE, a sigla em francês), aproximadamente entre 4 a 5 milhões de haitianos estão espalhados pelo mundo” (HANDERSON, 2015, p. 52). Esse dado trazido pelo professor Handerson situa que mais da metade da população haitiana está vivendo experiências pelos diferentes territórios do mundo, atravessando fronteiras e passando por travessias, sobretudo subjetivas, estampando sobre a realidade a mobilidade que produz diferentes histórias. Essas histórias menores nem sempre confirmam as perspectivas apontadas pelas narrativas produzidas no âmbito acadêmico e governamental.

No Brasil, a perspectiva da história haitiana ainda é contada por um sistema de dominação que perpetua uma espécie de amnésia social que conserva um status de poder que apaga a noção de diversidade (HOOKS, 2013). Indagar a diversidade cultural no Brasil tem a ver com reavivar memórias que tensionam essa amnésia a fim de complexificar o debate e abrir espaços para que a multiplicidade se faça presente em sua potência mobilizadora. No Haiti, existe mais a ser contado, fragmentos de histórias que ampliam a noção daquilo que conhecemos:

Se tudo que eu conhecesse [...] viesse das imagens populares, eu também pensaria que a África fosse um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas incompreensíveis, lutando guerras sem sentido, morrendo de pobreza e AIDS, incapazes de falar por elas mesmas e esperando serem salvos por um Estrangeiro branco e gentil (O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA - CHIMAMANDA ADICHIE, dez. 2009, YOUTUBE).

Quando insistimos na reprodução desta história estereotipada, mais negligenciamos a produção múltipla das histórias que compõem o mundo. O problema não é que existam

estereótipos, o problema é que eles determinem os modos de estar no mundo. A questão das histórias com imagens estereotipadas é que elas são superficiais e tendenciosamente perpetuam violências. “Como pensar formas de transmissibilidade do vivido, de maneira a evitar as armadilhas dos sentidos já dados, que retiram do anônimo sua força intensiva e questionadora?” (BAPTISTA *et al.*, 2020, p. 12).

O que aparece é só o lado ruim. Quando alguém procura na Internet sobre o Haiti só aparecem coisas desastrosas, mas tem muita coisa bacana que aconteceu no Haiti. Quem vive lá, sabe! Só que ninguém fala sobre as coisas boas. Por quê? O que aparece no Google não é toda história, não existe uma história toda (NARRATIVA CHRISTOPHE).

Quando escutei Christophe nas primeiras vezes ele me dizia com frequência “que existe uma história sobre o Haiti que a Internet não conta, existe uma história que poucos conhecem” (NARRATIVA CHRISTOPHE). Ele marca essa lacuna da história que pouco circula, que pouco é escutada. E foi a partir do nosso diálogo que construí uma perspectiva de história malcontada. É como se na história oficial existissem elementos que desconhecemos, lacunas e contradições que, ao nos aproximarmos desses elementos, a história se torna diferente.

Afirmar a premissa de uma história mal contada abre caminhos para investigar o que mais há de surgir. É necessário desconfiar do caráter universal das histórias prontas que circulam no dia a dia da experiência. Ao encontrar a história do Haiti, na maioria das vezes circulam imagens de condições precárias, crises econômicas e humanitárias. O que mais pode ser dito a respeito do Haiti?

Existe uma língua que funciona como desvio. O kreòle haitiano foi inventado como possibilidade de desviar da língua oficial. O povo negro, na época escravizado pelos franceses no processo de colonização, criou uma outra língua, uma língua que resiste à imposição do francês como língua oficial. O povo negro, vindo da África, cria um dialeto que facilita a comunicação entre o próprio povo negro, sem que o colonizador os compreenda. O kreòle haitiano surge como possibilidade de comunicação, uma forma de acolhimento e interlocução cambiante até hoje (NARRATIVA CHRISTOPHE).

Nos diálogos que se faziam, as palavras de Christophe chegavam como imagens se montando em meu pensamento. Era como se a narrativa dele produzisse cenas em meu imaginário. A narrativa dele evocava sensações que me conduziam para o vivido da cena. Era uma história de resistência que ele contava. É uma história de resistência que ele vive.

Christophe está no Brasil desde 2017, é um homem negro. Estuda Relações Internacionais na UFRGS, fala cinco línguas diferentes e consegue se comunicar com destreza na língua portuguesa. Ele carrega consigo uma trajetória multifacetada, escolhe línguas que mais gosta, as que lhe atribuem resistência e valor, como se o trânsito em diferentes línguas o levasse a esse espaço múltiplo de existência. Ele é curioso, gosta de conhecer culturas diferentes. Trabalhou anos como tradutor nas missões da ONU no território haitiano. Desde menino, ele foi conectado com a dimensão sensível da palavra e da transmissão de experiência. Nas ondasressonantes da voz que vinha de um rádio, ele escutava atentamente ao noticiário com o seu pai. Ele contou: “Eu ficava me perguntando como os jornalistas conseguiam levar aquelas informações para o mundo? Aquela voz do rádio chegava até mim e mudava o que eu pensava sobre a vida” (NARRATIVA CHRISTOPHE).

A ideia de que a narrativa transforma as perspectivas de vida é um dos pontos que gostaria de me ocupar. O modo como alguém encontra palavras para comunicar a existência é uma forma singular de posição no mundo. Ao narrar uma história entramos em contato com memórias, afetos, sensações, elementos dispersos no tempo que conectam e efetuam aquilo que nos propomos a dizer. Narrar envolve a dimensão subjetiva de um mundo singular e amplo ao mesmo tempo. Trata-se de um processo subjetivo habitado por palavras que acompanham uma trajetória.

As palavras despertam atenção e movem espaços, lugares, subjetividades, objetos. A palavra move a materialidade da vida. Ela desloca, inquieta, quebra, faz furo. Tem palavra que cria afeto, remonta, desmonta, faz pausa. Tem palavra que se torna elo, fio, condução, erupção. Uma palavra não está sozinha, ela é acompanhada de vogais, consoantes, acentos, hifens, espaços e pronomes de ligação. Ela vem com num verbo, adjetivo, substantivo. Conjuga-se no presente, passado e futuro. No pretérito perfeito e imperfeito. **A palavra só é possível ser conjugada no momento em que se vive a palavra. A palavra pode nos contar sobre o passado ou sobre o futuro, mas é no presente que ela é conjurada.** Silêncio também é palavra, olhos apertados também dizem, sorrisos tímidos também contam. Ausências anunciam, presenças gritam, palavras comunicam não só com palavras, tem um corpo inteiro que vibra e vive porque existem palavras. Reticências é uma palavra que encontrei para narrar o momento em que os afetos me tomam e me demoro no que acontece...(DIÁRIO DE CAMPO).

Palavras circulam nos diferentes espaços, em uma língua viva, na diversidade cultural que permeia e transforma o campo de relações daqueles que habitam uma experiência. As palavras referidas aqui não dizem apenas da semântica pronunciada, mas de um corpo inteiro que fala, de olhos que comunicam, de objetos espalhados que também dizem. Todo e qualquer vestígio fala, mesmo quando a comunicação parece ser insuficiente. As interações não dizem respeito apenas à compreensão de uma outra língua, mas dizem também de um interesse em estar presente mesmo quando a comunicação se torna insuficiente.

Judith Butler (2018) argumenta sobre uma fala que não começa com a intenção, embora alguma intenção se forme enquanto falamos. Sendo assim, há uma performatividade na comunicação que aparece nas interlocuções, nos modos de relação, que pode acontecer por meio de gestos, atitudes, modos de mobilidade, pode ser a partir dos sons, das imagens, de tantos meios expressivos que não podem ser reduzidos apenas às formas de fala verbal.

As palavras que Christophe acessa para narrar sua história trazem aspectos singulares de sua cultura. Interessam mostrar os pequenos enfrentamentos e as sutilezas que ele porta e quer mostrar. A narrativa dá vida a fragmentos que alteram a história oficial, colocando uma dimensão de incerteza na concepção de uma história bem contada. Por meio dessa relação com a narrativa é que se aguça uma percepção de centelha esperançosa na luta de mundos possíveis (MIZOGUCHI, 2020).

A revolução é vista no Haiti como um ato corajoso que possibilitou o rompimento de muitas violências causadas ao povo negro. O Haiti lutou pela libertação do povo negro antes de nomear a independência do país e isso diz bastante sobre a coragem do povo negro do Haiti (NARRATIVA CHRISTOPHE).

A revolução no Haiti legitimou não só a liberdade do povo negro antes da proclamação da independência, como também lutou para que a língua desviante fosse legitimada no país. Hoje no Haiti as escolas ensinam o francês e também o crioulo. Fundar a liberdade do povo negro antes da independência do país muda a posição subjetiva. Contar esta história não apaga o fato de que o Haiti vem passando por crises econômicas, políticas, humanitárias. No entanto, faz com que possamos nos situar em um outro fragmento da história.

Faz com que fiquemos nesse campo de forças que agenciam a experiência em um certo sentido e não em outro. Manter a noção de lacuna aberta é também uma ação pedagógica, trata-se de uma posição de acolhimento e aprendizagem mútua. A abertura nos

lança até um território movediço em que a presença do outro vai também emitindo sinais que o situam. Essa experiência de estar atento ao que acontece lado a lado é que promove o reconhecimento de presenças em constante vir a ser.

Bell Hooks (2013) discorre que o reconhecimento das presenças produz engajamento e mobilização envolvendo cada um que compartilha um tempo-espço em uma aprendizagem interativa e emancipatória. Assim, foi preciso aprender a aprender (KASTRUP, 2001) para ficar distante das certezas prontas e dos sentidos dados para chegar em outro modo de fazer e aprender juntos. Saberes insurgentes foram guiando o percurso desta dissertação, bem como compuseram trechos de narrativas que dão vida ao texto e incorporam as palavras, “deixando em aberto a plasticidade das formas de ser sujeito e o inacabamento de narrativas supostamente encerradas” (BAPTISTA, 2010, p. 62).

Sobre as lacunas, há mais a saber:

Vivia no Haiti quando aconteceu o terremoto de 2010. Presenciei situações muito difíceis, perdi colegas de trabalho. O terremoto pegou todos de surpresa. Antes da minha vinda para o Brasil eu sempre morei no Haiti e nunca tinha escutado nada sobre terremotos. Ninguém comentava sobre isso. Depois de ver a terra devastada, foi buscar saber como havia ocorrido o terremoto. Li e escutei geólogos falando sobre abalos sísmicos. Descobri que em 1842 havia acontecido um terremoto no Haiti, há quase 200 anos. Havia um indicativo de terremotos, mas isso não era comentado. Há chances de outros terremotos acontecerem. Esse que ocorreu recentemente foi devastador, dessa vez foi na parte sul do país. Tem pessoas ainda se recuperando do terremoto de 2010. Recuperando-se de diversas formas. Seja em relação à saúde física ou na reconstrução de novas moradias. As políticas de governo demoram a chegar, há um território, um campo aberto, que abriga quem perdeu sua moradia. As pessoas ficam em barracas até conseguirem reconstruir. O que traz alívio é a solidariedade. Tanto do povo local quanto dos países que se disponibilizam a ajudar. A solidariedade pode trazer alívio nesses casos. Não resolverá o problema, não curará as dores, mas trará alívio e possibilidades de recomeçar (NARRATIVA CHRISTOPHE).

Após o terremoto de 2010, coletivos e instituições coordenaram iniciativas e atividades em resposta à tragédia que havia ocorrido. A articulação deu-se de maneira coletiva e não do ponto de vista individualista. Um estar junto que potencializa ações e diminui danos. Essas iniciativas que ocorreram de maneira “informal e espontânea de auxílio mútuo e esforço de organização, realizada pelos próprios haitianos, foi silenciada pela mídia internacional” (MARCONATTO, 2020, p.105), as ações coletivas ampliam a potência de agir.

O espaço de convivência percebe e reconhece as vidas que “ali” compartilham de um tempo-espço. Estar junto é perceber uma vida! Butler (2015) afirma que reconhecer uma

vida é assumir uma responsabilidade ética na convivência social. Uma ética da vida comum que acontece em relação produzindo comoções, incêndios, aquecimento e chances de aparição. O que a gente reconhece e não reconhece? Essa disputa de sentidos e importâncias materializa a vida e amplia os possíveis dessas mesmas vidas.

Há um conceito de violência ética que Butler (2015) situa como falta de comprometimento com a vida do outro. Que produz mais conformidade do que mobilização. Uma vida que não afeta. Essa violência ética produz apagamento e constrange o campo de possibilidades por não reconhecer as presenças legitimadoras da experiência. O conceito de violência ética foi abordado para situar as vidas que, fora dos códigos de legitimidade, são passíveis de violência.

É cruel o que acontece com as pessoas depois de um abalo sísmico. Mas o principal é proteger a vida das pessoas, pois a casa, com a vida, dá pra reconstruir depois. A vida precisa ser priorizada, pois ela é um bem maior (NARRATIVA CHRISTOPHE).

A narrativa de Christophe formula questões importantes de revisitar na atualidade, não a fim de perpetuá-las, mas que possam desestabilizar uma certa linearidade da história. A história singular que ele traz, nos permite questionar não só o modo como vivemos, mas também as estruturas pré-estabelecidas que produzem a manutenção dos modos de viver. Não se trata de uma apropriação da história dos oprimidos, mas de uma fundação de outras histórias. Fundar histórias que provoquem rupturas, descontinuidade nessa ideia de progresso que nos foi contada. Um progresso que ceifa possibilidades e desapropria a experiência em um tempo-espaço. Uma história mal contada é uma história em aberto, insurgente nas lacunas da experiência de todo dia. Ocupa-se das lacunas, porém não consegue as preencher em sua totalidade. As lacunas produzem uma função vigorosa de extrair da experiência a dimensão da diferença. Daquilo que pode vir a ser. Ocupar um espaço-tempo fala dessa presença incorporada que afirma a vida em sua mobilidade onde quer que ela esteja.

## 9 CO-MOÇÕES: SOBRE UMA APRENDIZAGEM DO ACOLHER

Durante o percurso de pesquisa, foram sendo constituídos espaços de debates e discussões a respeito da temática da migração e de refúgio. Esses espaços estão pulverizados por uma diversidade interessante, abarcando pessoas de diferentes nacionalidades, ampliando diálogos em relação à língua e a interculturalidade. Hoje, os espaços dos projetos de extensão envolvendo a temática do refúgio contam com estudantes da graduação que ingressaram pelo edital especial de 2018. A presença desses estudantes nos espaços lança indagações a respeito da experiência singular da migração. O deslocamento convida a traçar um caminho de co-moções, movimentos mútuos a partir da experiência de partilha em um espaço de convivência.

Os espaços de partilha trazem um caráter inquietante. Nos encontrávamos nas reuniões ecumênicas do NEPEMIGRA<sup>30</sup>, quando vez ou outra apareciam convidados para conversar sobre a temática da migração e do refúgio. Ocorriam encontros esporádicos no projeto de extensão ANFÒM (termo em kreòle haitiano, escolhido pelos estudantes em situação de refúgio), Anfòn quer dizer bem viver, é estar visitando e criando alguma possibilidade bonita de existir. Nós fizemos parte de encontros nesse espaço também. Havia ainda outro espaço, que chamamos de Encontro<sup>31</sup>, que inicialmente foi inaugurado pelo eixo Acolhimento da CSVM<sup>32</sup>, mas que depois se tornou expandido e múltiplo. Nele, nós trabalhamos juntas a elaboração de um encontro que tem a intenção de integrar diferentes agentes da comunidade de Porto Alegre que atuam com a experiência da migração e refúgio. A saber: ONGs, Sindicatos, Serviços de Saúde e Assistência, Coletivos, Estudantes, Professores, Bibliotecários, Padres, Mães de Santo, Líderes comunitários, Universidades, instâncias macro e micro fazendo conversação e reconhecimento das possibilidades e impossibilidades. Os encontros aconteciam semanalmente e duravam um pouco mais de 1h.

Os debates fomentados em um espaço reverberam em outros. Eu não estava certa de que o diálogo havia nascido num espaço e não no outro. Ainda que a diferença dos espaços estivesse bem delimitada (por data, hora, link de acesso, pessoas diferentes, proposta do

---

<sup>30</sup> As reuniões ecumênicas acontecem nas segundas-feiras, às 17h durante o ano de 2021. São encontros onde reúnem diversos integrantes de grupos de extensão e também de projetos interligados à universidade. A responsabilidade de conduzir as reuniões alternavam entre estudantes e professores. Profissionais de diferentes áreas participavam dos encontros para ampliar debates em torno de alguma especificidade

<sup>31</sup> Encontro é o nome que escolhemos para chamar um espaço de conversação que tem como horizonte a promoção de um evento/seminário/roda de conversa com diferentes atores da rede de cuidado, saúde e educação

<sup>32</sup> O eixo Acolhimento da Cátedra Sérgio Vieira de Mello foi criado com o intuito de reunir estudantes e agentes institucionais para pensar ações de acolhimento dos estudantes em situação de refúgio, com esses estudantes

encontro) havia a recorrência de um espaço de partilha em que as fronteiras se borravam um tanto e, no outro tanto, provocavam ações engajadas que não sabia se nasciam num espaço ou no outro, ou nesse trânsito entre um e outro.

Em um dos encontros do AT, eu e Courageuse conversamos sobre estereótipos, do quanto eles se alimentam do que a gente não se dispõe a conhecer. Fui lembrada de algumas falas da autora Chimamanda Adichie e dos perigos de tomar as histórias como únicas e ignorar a pluralidade que incorpora os modos de existir. Semanas depois tivemos uma conversação no grupo Encontro. Nesse espaço, cada uma ficava responsável por levar assuntos para debatermos. Na ocasião, Courageuse levou um texto sensível, que ela mesma produziu, e traçava no texto as diferentes percepções que envolve ser uma mulher negra, em situação de refúgio, estudante no Brasil. Falou também sobre a coragem de escutar e não concluir, trazendo como referência o texto história única da autora Chimamanda (2009). A entonação da sua voz e a precisão de suas palavras produziram uma dimensão de encantamento. Após o término de sua fala, conversamos sobre o que havia sido dito, bem como repensamos as formas de acolhimento. A narrativa dela foi provocativa e co-moveu aquele coletivo. O acolhimento passou a ser pensado como uma ação de disponibilidade, interesse e abertura.

Na semana seguinte, no espaço do AT ela me disse sobre a potência de ocupar esses espaços de fala que expandem a autonomia e o bem viver. Ser escutada e legitimada em sua voz narrativa é algo que produz entusiasmo e uma afirmação da existência. Até o momento, não consegui delimitar onde essa expansão aconteceu, foi no espaço do AT? Nas reuniões do Encontro? No projeto Anfôn? Nos percursos da cidade? Minha dúvida é também uma posição ética. Encontros aumentam a potência de agir, uma potência que não é minha nem dela, *stricto sensu*, mas circula em um espaço de partilha em que as presenças em mobilidade sejam conhecidas e reconhecidas. Abre-se a possibilidade para um modo de permanência.

Maturana (2002) debate as transformações da relação com o meio. Relação de movimento e transformação que envolve esse meio do qual habitamos, onde os organismos se encontram em processo de mudança mútua, como microorganismos movendo-se em direções distintas, mas que encontram coesão no que ele chama de autopoiese. Mudanças foram ocorrendo e já não sabia de onde elas vinham. Quando percebia, já estávamos em outro ponto, num outro modo, numa posição diferente.

Não se pode ignorar o caráter coletivo que invadiu os ATs. É inegável a singularidade com que os grupos de extensão foram se constituindo. O contato com as diferenças produziam ampliação das possibilidades de acolher e ocupar os espaços de forma incorporada. Trazendo

para experiência um caráter ativo dos encontros, corporificando não só um modo de acolher, mas também modos de aprender.

Aos poucos, acompanhando os deslocamentos, outros atores institucionais foram se aproximando para o tema do acolhimento em migração. Uma discussão relativamente nova no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo em vista que as práticas até então estavam às voltas da garantia de direito e processo documental que garantam alguma permanência. Um trabalho linguístico também vem sendo desenvolvido de maneira muito sensível. A partir destas perspectivas já existentes, foram surgindo outras no que diz respeito ao acolhimento e processos de aprendizagem e integração, pensando a partir do encontro como ocorrem os processos de subjetivação nesse campo de relação transversal do qual vivemos e produzimos estando juntos.

Para falar de Acolhimento, aproximei-me de diferentes conjugações da palavra CO-MOÇÃO. Essa palavra ficou latente durante muitos encontros e apareceu como inspiração nos deslocamentos desse processo de pesquisa. Estranhei, pois a palavra “comovida” trazia lembranças de emoções em transbordamento. Logo, esmiucei o termo e lancei uma diferente provocação para as comoções. “É que a aprendizagem começa quando [...] estranhamos, problematizamos” (KASTRUP, 2001, p.18).

A palavra moção significa ação ou consequência de mover ou mover-se; que denota movimento ou deslocamento, propulsão que ocasiona um movimento. A ideia do CO traz uma dimensão da partilha, algo que acontece entre dois ou mais, em uma relação mútua num tempo espaço. A palavra CO-MOÇÃO está acompanhada, no que tange à essa pesquisa, a uma disponibilidade do estar junto em um campo de relação em movimento, acompanhando sensibilidades que movem, deslocam, criam realidades. Ora, migrar tem a ver com um estado de abertura ao movimento. Movimento que se dá no campo geográfico, mas também subjetivo, abrangendo afetos em um território existencial.

À medida que o termo co-moção foi ganhando espaço, também fomos percebendo que ele aparecia ora de maneira comovente, no sentido de “estar afetado”, estar tocado de emoções inomináveis, ora como operação de deslocamentos mútuos, ações conectadas que efetuam vida. Estranhamos as comoções, e esse, é ele mesmo um modo de co-mover. Aprendi também diferentes sutilezas operacionais desse termo que se tornou interventivo neste processo de pesquisa. Tenho a impressão que a aparição desse termo se mostrou como força de cuidado, inquietando algumas disposições já dadas sobre acolher. Como-ver? Co-mover? Comoção? Co-moção? Como-ação?

Essa operação passou a conduzir não só nos encontros em tempo real, mas também na

composição dos textos, nas decisões éticas que chegavam até os encontros em tempo real. É um dispositivo que transversaliza as ações e promove abertura e diferentes composições.

Nos textos produzidos, aparecem falas dos estudantes em situação de refúgio compondo a trama dos textos. Não há um capítulo específico para o campo, porque esse campo que se propõe a pensar o acolhimento de estudantes em situação de refugio no Ensino Superior, está em cada posição política firmada e aliançada com aqueles que estiveram juntas nos trânsitos e co-moções que envolveram esse percurso. “A aceitação do outro como um legítimoo outro não é um sentimento, é um modo de atuar” (MATURANA, 2002, p. 65).

Não há um texto escrito que não tenha sido conduzido pelas co-moções do encontro. Essa atitude afirma uma política de escrita acompanhada pelas co-moções e estranhamentos provocados por essa habitação do presente. Trata-se de ocupar os espaços e borrar as fronteiras bem compartimentalizadas em si mesmas, a fim de fazer surgir outras possibilidades conectadas à dimensão singular da vida. Sendo assim, “aprender não é adaptar-se a um meio ambiente dado, a um meio físico absoluto, mas envolve a criação do próprio mundo” (KASTRUP, 2001, p. 21).

Aprender e acolher se entrelaçam na medida em que se abrem a diferença e variação de si e do mundo. Para aprender, é necessário acolher uma certa dimensão sensível, variante e variável dos acontecimentos da vida de todo dia. “Aprendemos num encontro com as diferenças, num plano de diferenciação mútua, em que tem lugar a invenção de si e do mundo” (KASTRUP, 2001, p. 20).

Aprender não é somente ter hábitos, mas habitar um território. Habitar um território é um processo que envolve tempo o “perder tempo”, que implica errância e assiduidade, resultando numa experiência direta e íntima com a matéria. Não basta o decorrer do tempo cronológico, embora a repetição da experiência ao longo do tempo seja uma condição necessária. O habitar resulta numa corporificação do conhecimento (KASTRUP, 2001, p. 22).

Kastrup traz mais uma pista sobre aprendizagem: "Toda aprendizagem inventiva é crítica, no sentido de que concerne aos limites e envolve sua transposição, impedindo o sujeito de continuar sendo sempre o mesmo (KASTRUP, 2001, p. 24). Em relação a esse campo de possibilidades, aprender está ligado ao gesto de acolher. Acolher a diferença, incorporá-la a ponto de que ela provoque a transformação de si e do mundo. Acolher caracteriza um exercício de abertura, nessa disponibilidade que não está sempre posta, mas que precisa ser exercitada na dimensão dos encontros. Presenças mútuas num tempo espaço que não é regido apenas por regras e cronogramas, mas por uma dimensão das sensações e

improvisos que envolve a experiência de alteridade que produzimos estando juntos.

Desse modo, é difícil acolher sem uma disponibilidade aprendiz. Se já tivermos, de antemão, as diretrizes bem delimitadas de um acolhimento, correremos o risco de encaixar as vidas em uma instância bruta de estereótipos prontos e sem conseguir se dispor a aprender, estaríamos, então, nos impossibilitando de acolher o que vier e como vier. Acolher não diz respeito apenas à lógica de aceitação daquilo que já formulamos, mas sim com a capacidade de recolocar perguntas e formular outras questões inclusivas aos processos de subjetivação daquele ou deste campo de relação. “A aprendizagem inventiva é desenvolvida nessa tensão entre as formas existentes historicamente e os abalos, as inquietações, os estranhamentos que nos afetam” (KASTRUP, 2001, p. 23).

Um processo de aprendizagem é ele próprio resultante de um processo afetivo de aprendizagem. Trata-se de “Incluir o presente na história é fazer uma história que comporte o intempestivo” (KASTRUP, 1999, p. 24), ou seja, acolher a incerteza e descontinuidade de um saber cronológico.

Acolher trata-se de uma abertura às alteridades constituintes dos processos de subjetivação. Aprender algo novo, como se surgisse um ponto que dissolve a solidez e a certeza que carregamos de nós mesmos. “Receber é criar um lugar: abrir um espaço em que aquele que vem possa habitar; pôr-se à disposição daquele que vem, sem pretender reduzi-lo à lógica que impera em nossa casa” (LARROSA, 2017, p. 188).

Reconhecer nessa perspectiva traz um acréscimo de vida, intui nas presenças em mobilidade o vivo e o inédito. O paradoxo chega quando reconhecer a mobilidade das presenças significa afirmar também o seu pertencimento, pois ampliamos as condições de coexistência. Quanto mais adentramos nisso que não sabemos em relação ao outro, mais nos aproximamos da possibilidade de acolhê-lo.

Mobilidade é tudo aquilo que compõe um corpo que se move e tem a possibilidade de ser movido. “O que eu digo é uma perturbação que desencadeia em cada um de vocês uma mudança [...] não determinada por mim, que somente sou a contingência histórica na qual vocês se encontram pensando o que estão pensando” (MATURANA, 2002, p. 63), ou seja, presenças são vetores de mobilidades quando reconhecidas e quando não são reconhecidas também. O movimento acontece, o que diferencia esse movimento é o modo como nos dispomos a viver esse processo.

O estrangeiro, esse outro que chega, habita os espaços. Traz elementos de diferença. Complexifica o campo das relações e produz problemáticas que atuam no dia a dia de uma habitação. Reconhecer e se responsabilizar com a vida do outro, acarreta interpelações e

abertura nos acontecimentos. O acontecimento abre uma ruptura na continuidade de um tempo estéril. Para contrapor a ideia de estéril, uso a ideia de Larrosa sobre nascimento que fala sobre essa descontinuidade.

O tempo está sempre aberto a um novo começo: ao aparecimento de algo novo que o mundo deve ser capaz de receber, ainda que, para recebê-lo, tenha de ser capaz de ser renovar; à vinda de algo novo ao qual tem de ser capaz de responder, ainda que, para responder, deva ser capaz de se colocar em questão (LARROSA, 2017, p. 189).

Essa noção de ruptura de um tempo cronológico abre brechas para outras histórias e diferentes composições. Provoca abertura do que pode vir a ser. E isso não caracteriza uma ausência de compromisso ou fuga de um conjunto de dados e informações que compõem o mundo na relação com as ciências humanas. Mas sim, nos posiciona como agentes ativos de uma aprendizagem contínua, uma aprendizagem que não cessa, incorporando uma responsabilidade com a produção de si e do mundo. Mostra uma atenção aos acontecimentos de todo dia, aproxima e interpela as co-moções que transformam realidades. Considerar o presente para extrair dele as condições de ampliar as chances e fazer cintilar o campo de possibilidades (BAPTISTA; RIBEIRO, 2016).

### **9.1 Confabulações sobre saúde mental: AT e co-moções**

O AT, nesse contexto virtual, apresenta uma espacialidade que foi ganhando força no decorrer dos encontros. A escolha pelo dispositivo do AT confere um caráter de compartilhamento a céu aberto, presentifica a crítica a forma psiquiátrica e evidencia a resistência aos moldes de captura da loucura e exclusão da convivência com aquilo que não entendemos bem. Tomando a prática clínica do AT, não como campo “de aplicação de um saber, mas de produção desse saber” (PALOMBINI; ROCHA, 2017, p. 732). A ideia de estar acompanhado faz consonância com a experiência de partilha e reconhecimento do outro. Incluindo o sujeito nos processos de subjetivação que lhes dizem respeito.

O acompanhamento terapêutico configura-se em uma estratégia clínico-política que entende o cuidado em saúde mental envolvido no espaço aberto. Atua como dispositivo de interpenetração, misturando e contagiando disciplinas psicológicas no espaço e tempo da cidade.

O AT foi se constituindo à medida que também fui transitando pelos espaços

educacionais e institucionais com os estudantes. A ideia inicial era de estar nos percursos na cidade de maneira presencial. No entanto, conseguimos estar lado a lado de maneira virtual, em tempo real, improvisando nesse trânsito entre um lugar e outro, entre uma fronteira e outra. As fronteiras da pesquisa também foram encontrando esse "entre". A produção da dissertação se tornou esse espaço poroso em que os participantes se tornaram ativos, quando as ideias e produção textual passavam por debates no âmbito do AT.

Ocupar o espaço de produção com a pesquisa se tornou dispositivo de inclusão e coautoria. Os textos não eram produzidos de maneira individual, pois eles teriam acesso depois da conclusão do processo.

Muitos dos textos foram compartilhados. Mesmo quando eles não tiveram acesso à produção do texto, participavam da ideia e elaboração das formas de dizer. Esse é também um gesto de acolhimento.

A pesquisa é intervenção. Eles também estão intervindo na produção textual e isso lhe oferece um espaço de debate e reflexão sobre a temática que envolve suas vidas. Acolhimento também porque não trata-se de uma apropriação das histórias, mas uma composição do campo de debate e reflexão que forjam essas histórias no presente.

As escritas deste percurso foram compartilhadas com os estudantes e, mesmo tendo um termo de consentimento livre e esclarecido preenchido pelos participantes, as narrativas que foram entrando para a escrita, antes, entraram em um espaço de conversação. Havia uma autorização não só pela via legal, mas um compartilhamento de perspectivas. Entre o visto e o reconhecimento existe um espaço subjetivo que é ocupado por presenças partilhando experiências.

Após as conversações, o itinerário foi traçado, foi retomado e firmado. As minhas contribuições estiveram presentes fazendo um grande mosaico dos encontros e essa foi uma de minhas responsabilidades enquanto pesquisadora e acompanhante terapêutico; enquanto entrevistadora, agente institucional, e também estudante e colega aprendiz.

As contribuições nesse processo de pesquisa foram explicitadas e partiram de um consenso com eles. O que eles não gostariam de expor, não apareceu nesta pesquisa. E essa é uma pista que se tornou interventiva no que diz respeito ao tema de saúde mental, aprendizagem e integração.

Mesmo se tenham sido participantes que seguiram de maneira anônima, nenhum deles permaneceu no anonimato tendo em vista que foram convidados a traçar esse percurso, envolvendo-se não só nos espaços de conversação, mas também na produção ativa dessa ciência. "E as funções científicas apresentando-se como autopoieticas [...] falar desse real é de

alguma forma participar do processo de sua constituição” (PASSOS, 1994, p.76).

Transitei pelos projetos ANFÔM, Bará, NEPEMIGRA e reuniões do Encontro. Ao transitar pelos espaços, tornei-me também colega de duas das estudantes acompanhadas. Trocamos ideias que compuseram ações nos projetos. Estar nos grupos com elas proporcionou a circulação das narrativas e acarretou uma trama de aprendizagem e saúde. Integrar os espaços institucionais ampliou a noção de espacialidade, mesmo que tenha sido de modo on-line.

Em alguns espaços fazíamos rodas de conversa, em outros debatíamos textos, trocamos experiências singulares. Nas referidas conversações, a habitação aparecia. Courageuse gostava de falar sobre o trajeto até o trabalho, Elikia contava sua curiosidade em relação aos pontos turísticos de Porto Alegre. Apareciam também dúvidas em relação ao acesso à saúde. Sobre idas ao mercado, caminhos até a igreja, percursos do dia a dia que integram a experiência de uma habitação.

As co-moções apareciam nesse trajeto linguageiro que acontecia tanto nos grupos de extensão quanto nos momentos onde estávamos de maneira dual. A co-moção se tornou um modo de transversalizar a experiência de aprendizagem e saúde, tornou-se a visualização de movimentos num espaço de partilha no presente. “É bom te ver nos grupos também. É um alguém conhecido. É legal realizar os projetos junto contigo” (NARRATIVA COURAGEUSE).

Nesta perspectiva, o AT foi se constituindo nesse emaranhado de narrativas e deslocamentos que partiam do dual ao coletivo, do coletivo ao dual, nesse trânsito entre os grupos de extensão e acompanhamento terapêutico. Esses espaços surgiram como possibilidade de autoria onde percursos são traçados a partir das relações e experiências urbanas e sociais. “O processo funciona, nesse sentido, como um meio pelo qual se pode efetuar a passagem do individual ao social, do privado ao público, do íntimo ao compartilhável” (PALOMBINI; ROCHA, 2017, p. 733). Mesmo de maneira remota, as cenas urbanas, as surpresas de uma interrogação, a partilha, o vivo e o improvisado provocaram expansão do setting terapêutico, desdobraram-se em uma prática de coautoria nos processos de integração na universidade.

Nessa experiência, contamos com a pandemia, e a modalidade on-line precisou ser repensada como dispositivo clínico numa dimensão de atendimento individualizado, ou uma prática clínica que tivesse mais mobilidade e possibilidade de trânsito em diferentes contextos e instituições. Tratando-se do horizonte da integração, firmamos uma prática clínico política que tem a possibilidade do trânsito, da mobilidade e da expansão. Esses percursos teriam

acontecido presencialmente, porém a pandemia provocou rearranjo, e esse trajeto cambiante aconteceu na modalidade on-line.

Em nossas conversações, uma dimensão coletiva foi sendo constituída. Os grupos movimentavam vetores de força que aumentavam a potência de agir. Lembro que o cansaço também fazia parte de nossos encontros e que o excesso de tela provocava desvitalização. Contudo, ao reconhecer esse cansaço na composição dos espaços, conseguimos diferenciá-lo. Pensar sobre os corpos dispostos, ainda que cansados, reposicionou lugares e localizações. Foi um exercício importante para reconhecer e praticar isso que estamos entendendo como acolhimento e educação.

O cansaço nos inseriu em um compromisso ético de revezamento, aproximando-nos de compreensões em relação às possibilidades e impossibilidades de cada um levando em consideração os atravessamentos que compõem a vida em sua singularidade. Courageuse disse que era preciso “esperançar”. E que cuidar do cansaço é diferente de estar indisposta. A indisposição impede as ações e o cansaço diz de um corpo ativo agente das ações. Esse corpo, encontrando rede e revezamento, consegue ampliar os momentos de descanso e agir no tempo das oportunidades operando cisão.

A vida que estou vivendo, embora claramente seja essa vida e não outra, já está conectada com redes mais amplas de vida, e se não estivesse conectada a essas redes mais amplas, eu não poderia realmente viver. Então a minha própria vida depende de uma vida que não é a minha, não apenas da vida do outro, mas de uma organização social e econômica da vida mais ampla. A minha própria existência, a minha sobrevivência, depende desse sentido mais amplo da vida, um sentido que inclui a vida orgânica, ambientes vivos e sustentáveis, e redes sociais que afirmam e apoiam essa relação (BUTLER, 2018, p. 211).

Ao compreender que uma vida é um campo relacional com vários elementos distintos, reivindicamos que, para viver bem, é necessário pensar sobre as “relacionalidades complexas que constituem a vida corporal ao sugerir que não precisamos de mais formas ideais do humano, mas sim entender e cuidar do complexo conjunto de relações sem as quais não podemos existir” (BUTLER, 2018, p. 206).

É difícil imaginar um bem viver sem que existam condições sociais de viver bem. Nos debates dos grupos de extensão, chegamos ao ímpeto de que saúde mental é coletiva e não individual. Coletiva porque numa situação de xenofobia, por exemplo, a própria construção da xenofobia é coletiva. E a ação xenofobia atravessa os corpos de diferentes formas. O sujeito que sofre com essa violência não é responsável pelo ato xenofóbico. Deste modo, esse corpo individualizado dificilmente consegue ressignificar os elementos pelos quais a violência

acontece. A saúde mental não se trata de uma conquista pessoal, mas de uma construção coletiva.

Ao complexificar o debate no âmbito da saúde mental, estamos também intuindo que o modo como vivemos amplia ou restringe os campos de mobilidade. O que nos convoca a uma responsabilidade com a vida que levamos e com as vidas que compartilhamos (BUTLER, 2018). A saúde mental figura como espaço coletivo, diz respeito às diferenças constituintes dos processos de subjetivação. É envolto num campo de relação que se produzem os acontecimentos da vida. Campo permeado por conflitos, ao passo que habitado por diferenças. No reconhecimento das presenças, é que firmamos a legitimidade dos modos de existir (HOOKS, 2013).

## **9.2 Tateando um bem viver: a experiência do AT e seus desdobramentos**

É com base nessa concepção da ampliação do debate em relação à saúde mental que realizamos uma pesquisa que buscou investigar as contribuições do dispositivo do Acompanhamento Terapêutico (AT) nos processos de integração e aprendizagem dos estudantes em situação de refúgio, partindo da premissa que saúde e educação não são processos distintos. Eles se aproximam e se diferenciam produzindo espaços híbridos que nos permitem dialogar com a dimensão da experiência pensando a aprendizagem, integração e permanência na cidade de Porto Alegre e na instituição de ensino.

Retomamos neste capítulo alguns dos desdobramentos do AT traçando um fio condutor dos primeiros encontros até as construções coletivas que produziram a elaboração de uma ideia de bem viver. Esses desdobramentos estão acompanhados de co-moções e por esse motivo entendemos que essa escrita precisaria estar nesse traçado sequencial da pesquisa.

O primeiro encontro do AT ocorreu na cidade onde Courageuse reside. Combinamos num local público de escolha dela. Ela, ansiando pelo seu reconhecimento, enviou fotos para que eu pudesse reconhecê-la em meio ao espaço público. Como não nos conhecíamos previamente, ela destacou instruções, falou sobre as cores de sua roupa e informou sobre algumas características que a diferem de outras pessoas. Meus olhos percorriam o espaço no horário combinado. No momento em que a vi, não tive dúvidas de que era Courageuse a mulher com que eu já havia trocado elementos de uma presença.

Fizemos nossa apresentação e, ainda quando caminhávamos em busca de um local para sentar, ela perguntou se estava louca, pois, na perspectiva dela, só encontrava uma psicóloga quem era louco. Tentei me aproximar da percepção dela de loucura. Afinal, ela

vinha de um outro país. Desde o início do diálogo, a dimensão cultural estava presente na conversa. A perspectiva da loucura e da saúde mental no Haiti converge e diverge das perspectivas do Brasil. No Haiti, o louco é desconsiderado em sua coerência e legitimidade das ações. Lá, pouco se fala em bem estar psíquico e o tema da saúde mental parece mais envolvido por tabus. No Brasil, avançamos no que diz respeito ao acesso e circulação do tema, ainda que tenham ocorrido muitos retrocessos nessa relação de cuidado e liberdade.

Desde nossos primeiros encontros, Courageuse narrava as diferenças culturais. Como é ser mulher no Haiti, como é ser mulher no Brasil. Ela conta que em sua família é importante que a mulher estude e trabalhe, encontre sua independência e depois busque um parceiro e tenha filhos. A constituição de família tradicional é importante para Courageuse. Ela conta que no Haiti não há tanta liberdade quanto no Brasil. Fiquei curiosa com o que ela estava chamando de Liberdade. “No Brasil, as pessoas fazem tatuagem e trocam de parceiros quando querem. Relacionam-se com pessoas do mesmo sexo” (NARRATIVA COURAGEUSE). Ela comenta sobre essa liberdade com certo apreço. Relata que no Haiti frequentava a igreja adventista e que estava habituada a certos costumes. No Brasil, ela também frequenta uma igreja adventista perto de sua casa. Mesmo que seja a “mesma religião”, os costumes são divergentes.

As diferenças eram narradas e fizeram parte de nossos encontros. Nosso primeiro encontro foi presencial e os demais tiveram que ser rearranjados para modalidade on-line em função da troca de bandeira e alteração das restrições da pandemia. Foram dias tensos em que o aumento dos casos e das mortes subiram significativamente e chegamos a perder 4 mil vidas em um único dia. O rearranjo foi pensado para garantir cuidado e proteção em relação à exposição ao vírus da covid-19. A pandemia foi o debate de muitos diálogos que nós tivemos. Afetava várias dimensões como saúde, educação, trabalho, circulação na cidade.

Em nossos diálogos, percebia que Courageuse trazia várias interpelações do convívio social. Ela falava também das dificuldades de ser acolhida sendo mulher negra e afirmava uma sociedade mais ética e inclusiva. Compartilhava que em sua religião existem diretrizes muito rígidas, mas quando ela pensava como sanitarista entendia que precisava acolher a diversidade das pessoas e do mundo. Os pensamentos “da igreja e da saúde coletiva” divergem bastante, porém relata que consegue fazer esses deslocamentos e se posicionar da maneira que entende ser mais coerente, respeitando as pessoas e a diversidade.

Courageuse faz questionamentos em relação à raça, gênero e classe social contando sobre as perspectivas econômicas e culturais de seu país em articulação com o Brasil. Algumas de suas narrativas vêm fomentando debates ao longo deste trabalho. Ela também

incita reflexões no contexto grupal e ocupa os espaços com sua presença questionadora. Courageuse movimentava os espaços com suas interpelações desacomodando os discursos adormecidos. Dito isso, interrogo-me sobre as questões de saúde mental que envolvem ela?

A demanda veio com questões relacionadas à saúde mental, segundo o questionário aplicado pelo Bará (projeto de extensão da UFRGS), levantando a problemática de um sofrimento emocional ou psíquico. A demanda chegou e, a partir do encontro com Courageuse, não correspondia às imagens construídas anteriormente. Existiam divergências envolvendo o que foi destacado como demanda pela instituição e o que encontrei no laço da experiência. Passamos a formular juntas e juntos aquilo que chamamos de saúde, ou de um bem viver das pessoas em situação de refúgio nessa experiência. “Faz-se urgente procurar novas óticas, [...] “aprendizagem de desaprender”. É preciso adentrar novos mundos, novas perspectivas teóricas, sem medo de perder-se nessas outras alteridades, nessas outras formas de ver e conhecer a realidade” (OLIVEIRA *et al.*, 2022, p. 145).

Construímos uma relação pautada no que poderíamos chamar de amizade, pensada aqui a partir da concepção de Nietzsche (1883 *apud* ARAÚJO, 2005), que toma o amigo como um terceiro, entre eu e mim, que me incita à transformação. A dimensão afetiva me trazia notícias de espaços de fala, de testemunho e reconhecimento de um desejo genuíno na habitação que integra as experiências da vida.

Palombini e Rocha (2017) debatem sobre o pesquisar COM que tem inspiração em uma prática performática, por fazer surgir realidades que não estavam postas antes do encontro. Uma prática atenta aos acontecimentos da relação acompanhado e acompanhante, em uma coprodução que afirma um campo relacional. A pesquisa é realizada com o outro e não sobre ou apesar do outro. “Tal posicionamento representa uma via possível de resistência a um modo objetalizado de relação, afirmando aquele com quem se pesquisa como participante ativo do dispositivo de intervenção, em ruptura, portanto, com uma lógica de produção de conhecimento tributária do cientificismo” (PALOMBINI; ROCHA, 2017, p.7).

Podemos dizer que o processo de pesquisa ao qual nos referimos nessa dissertação foi produzido entre vários – acompanhante, acompanhado (e seu entorno), orientador e demais integrantes do projeto de extensão e da pesquisa, além dos profissionais de outros serviços de saúde da cidade de Porto Alegre.

O que entendemos como saúde mental ganha instabilidade à medida que a narrativa promove desvios e provoca questões. A narrativa circula entre vários. “Quando contamos nossa história, seja a nós mesmos ou aos outros, nosso relato desenrola-se entre um início e um fim que não nos pertencem, pois a história da nossa concepção [...] da nossa morte depende de

ações e de narrações de outros que não nós mesmos” (GAGNEBIN, 1999, p. 84).

Durante o acompanhamento, fomos percebendo que a demanda de adoecimento mental estava mais atrelada ao espaço de reconhecimento e legitimação de uma narrativa. Algo comum na escuta dos estudantes em situação de refúgio era a busca pela inserção educacional e cultural. Há um desejo de reviver suas histórias, de sustentar as diferenças e contribuir com a possibilidade de existir sem tantas restrições, sem precisar apenas incorporar uma nacionalidade sem se sentir pertencente a ela, não por uma impossibilidade de adaptação, mas pela negação da diferença que percorre os espaços sociais. Assim, é preciso abrir espaço para compor campos de sentido. Testemunhar a história infinda de um mundo que estamos produzindo.

Nessa zona intervalar em que podemos desenhar um mais além, nem dentro nem fora e, ao mesmo tempo, dentro e fora – como o trabalho do AT (ROLNIK, 1997) –, emergem a experiência e a transmissão de um saber que, nela, se produz como resultante de uma afetação mútua entre heterogêneos que ganha contornos próprios pelo trabalho de pesquisa (PALOMBINI; ROCHA, 2017, p. 10).

Não se trata de colher, por meio do método clínico, um esforço de diagnóstico e de tratamento de um sujeito. Não é sobre reforçarmos a noção de um sujeito carenciado, despotencializado apenas pelo estereótipo das dimensões de refúgio. A prática terapêutica não parte do princípio de que o sujeito está a serviço das compreensões do campo da saúde mental. Sua dignidade não se confere à ciência *stricto sensu* ou uma produção de dados que confirmem um pensamento arraigado *a priori*, mas busca coproduzir esse campo de relações em que a ciência também passa por invenções.

Como inventamos as relações de aprendizagem e saúde mental dos estudantes em situação de refúgio? Ao passo que coproduzir os dados com as realidades em questão acaba por transformar o próprio espaço de aprendizagem e saúde deste campo de relações e, quiçá, dos entendimentos que inserimos no mundo. “No contexto brasileiro, onde a lógica manicomial foi mais um elemento constituído a partir do racismo, epistemicídio e patriarcado, estruturantes e ainda vigentes, a aposta é que sigamos escutando e aprendendo com aqueles que acompanhamos” (OLIVEIRA *et al.*, 2022, p. 147).

Quais demandas de saúde mental? Quais estereótipos circulam nessa demanda? Sujeito carenciado? Os estereótipos provocaram inquietação. Existe sim uma precariedade da vida. E ela perpassa por nós. Não encontrei pessoas adoecidas, encontrei pessoas com dificuldade em lidar com um sistema adoecedor. E surpreendentemente isso me parece saudável. Ser deslegitimado pelas instituições, pelo sistema econômico e pela estrutura racista, parecenormal? Por que a insistência de imbuir um sofrimento psíquico num sujeito o assujeitando o responsabilizando, de maneira individual, de um sofrimento que não é provocado por ele? O encontro produz abalos. O que é mesmo que estamos chamando de saúde mental? (DIÁRIO DE CAMPO).

O conceito de saúde mental universal foi se dissipando e fomos formulando essa desmistificação dos estereótipos para que o sujeito em sua dimensão autoral pudesse aparecer. Atribuindo ao campo de relações e de experimentação de fundar e legitimar as histórias de vida. Surgiu um saber que fecunda saberes e relações de coautorias.

Nessa relação de saberes fecundam nos disponibilizamos a viver o AT na modalidade on-line. E essa foi uma dissolução importante no que diz respeito às presenças. Minha experiência com a psicologia não abarcava encontros on-line. Eu não imaginava conseguir estabelecer uma relação presente, que sustentasse o improvisado, sem a presencialidade do corpo físico num determinado ambiente simultâneo espaço-temporal. Ainda que existam problemas e críticas a respeito dessa modalidade de encontro, a convivência e disponibilidade nos surpreendeu com um campo ativo e afetivo. Como dito no capítulo sobre a experiência do AT, as presenças em mobilidade se tornaram um modo de garantir, de maneira provisória, um campo de relação que produzisse saúde. E foi a partir dessa experiência que fomentamos novas possibilidades de compreensão e apreensão de saúde mental nesse campo em relação aos estudantes em situação de refúgio.

Construímos juntas alguns espaços (encontros on-line, encontros presenciais, espaços do grupos e projetos, os ATs, saídas de campo, coautoria no processo de pesquisa), buscando abertura para a produção de um saber que lhes fizesse sentido. Isso significa o protagonismo dos sujeitos envolvidos no processo de produção de saúde. O posicionamento de implicação e autoria vai em direção da legitimação de uma presença em um campo de relações. Este campo de relação encontra os efeitos e a efetuação desta coprodução que nos parece inventar uma outra composição de saúde mental que fomenta o debate sobre a inclusão, integração que compreende o campo da saúde mental como algo coletivo.

No encontro, rearranjamos os sentidos que se desdobram em novas significações que, engendradas na cultura, podem transcender os lugares determinados, instituindo no mundo uma nova possibilidade de ser estudante em situação de refúgio, em uma universidade federal do Rio Grande do Sul. Espera-se que a universidade também possa recebê-lo como o novo que o mundo pode ser capaz de acolher com menos violência. Que os reparos tenham menos a ver com controle e opressão e mais a ver com abertura e reconhecimento da vida. “Os violentados pela barbárie do Estado ainda vivem à espera do revezamento para a continuidade do que ficou na metade do caminho. Aguardam o desdobrar, o contar mais uma vez, o narrar de outro modo o que foi interrompido” (BAPTISTA; RIBEIRO, 2016, p. 168).

A partir da experiência, surgiram modos de estar em um espaço de convivência. Essa noção de convivência se aproxima com os significados da palavra ANFÒM, trazida pelos estudantes em situação de refúgio, caracterizando um bem viver. Essa foi uma trajetória de partilha e bem viver possível nesse campo de relação entre saúde, educação e pandemia.

O bem viver nessa perspectiva não caracteriza uma solução total, uma instrumentalização do que é viver bem, nem cartilha moral. Trata-se de um campo de abertura e de disponibilidade. Podemos estar cansados frente ao cenário brasileiro, contudo, que o cansaço não nos roube a disponibilidade e abertura. Foi surpreendente saber ou inventar a partir do encontro essa perspectiva de viver bem aberta. Que tem como vestígios uma política do revezamento, do gesto de reconhecer, testemunhar, partilhar e inventar juntas. Que possamos esperar, como diz Corageuse.

Não sabemos como é viver bem para todas as pessoas e também não relativizamos as condições de um bem viver. Entretanto, as narrativas trazem pistas desse percurso de uma trama que se mostrou mais aberta do que fechada. Povoamos essa escrita com narrativas esperando que elas nos socorram do perigo da universalidade. Testemunhar e partilhar dessa abertura surge como dança de roda fazendo corpo uns para os outros, produzindo a ginga necessária para sustentar as dimensões do acolhimento, aprendizagem, integração e permanência nesse campo de relação.

## 10 APRENDIZAGENS: ACESSANDO IMAGENS E INSCREVENDO SONHOS

O que é a vida real? Os fatos? Não, a vida real só é atingida pelo que há de sonho na vida real.

Clarice Lispector

O dia da matrícula no curso de graduação finalmente chegara. Desde menina desejava a oportunidade de estudar. Pela lonjura das oportunidades, esse desejo acabou se tornando sonho. Primeiro um sonho sonhado, ainda distante, imaginativo, mas com força constante. Olhava ao redor e o sonho era vívido. Tanta gente conseguia ingressar numa universidade federal, por que não ela? Pensou em sua posição de gente opaca. As outras gentes brilhavam em visibilidades e privilégios. Será que por esse motivo os sonhos daquelas pessoas pareciam mais vivíveis?

Recusar a sina de uma história determinada parecia uma das poucas possibilidades de manter acesa a potência do sonho “o que mais amedrontava [...] seria cair nas armadilhas da sina. Se caíssem, suas vidas se transformariam em previsibilidade e miséria, fixando-os na retidão do destino” (BAPTISTA, 2020, p.20). Escapar de tal barbárie era um exercício de movimentação e astúcia.

Nos olhos de Ainka, a sensação era de medo. As condições se apresentam precárias, mesmo no Brasil. Ela reluta ao entregar a documentação na secretaria da universidade, o medo da não legitimação estremece seu corpo. A moça da secretaria pergunta: Está tudo aqui? Ela retoma os papéis e confere novamente. Revira os papéis, olha minuciosamente a lista de critérios e confere com a documentação que está em suas mãos. “Sim, está tudo aqui!”. Eles não entendem, mas naqueles papéis há histórias e sonhos. São sonhos de uma realidade árdua que transita nas mãos das instituições.

Esse “tudo” não é todo. Ela precisa confiar que os fragmentos de sua história inscrita nesses papéis inscreverão aberturas e ampliarão as condições de uma vida com menos violências e mais oportunidades. Há uma singularidade nesse gesto de matrícula. Uma estrangeira que atravessa territórios geográficos e existências efetuando possibilidades de vida. Desde o ingresso em uma instituição, é importante afirmar que o “tudo” não é “todo”.

A ideia do todo aniquila a diferença, apaga e violenta, oprime, exclui e por vezes mata. Impede o sonho. Atua como luz totalitária que não deixa dormir, são como holofotes agudíssimos que os algozes acendem sobre a vítima da tortura para não deixa-la descansar.

Ainka sonha alcançar a realidade por meio das aprendizagens, formar-se em serviço social era transgredir os lugares postos pra ela. A realidade cortante quase sempre impede o sonho. A matrícula é um modo de sonhar desperta inscrevendo sua história.

Para algumas pessoas, a ideia de sonhar é abdicar da realidade, é renunciar ao sentido prático da vida. Porém, também podemos encontrar quem não veria sentido na vida se não fosse informado por sonhos, nos quais pode buscar os cantos, a cura, a inspiração e mesmo a resolução de questões práticas que não consegue discernir, cujas escolhas não consegue fazer fora do sonho, mas que ali estão abertas como possibilidades (KRENAK, 2019, p. 28).

O real e o sonho agem anarquicamente para que a invenção apareça e inscreva novas páginas de vida. “Escreva sobre o que mais nos liga à vida, a sensação do corpo, a imagem vista, a expansão da psique em tranquilidade: momentos de alta intensidade, seus movimentos, sons, pensamentos. Mesmo se estivermos famintas, não somos pobres de experiências” (ANZALDÚA, 2000, p. 235).

A conexão com a dimensão sensível da vida está atrelada ao que Ainka chama de comunidade, vida plural e conectiva. Comunidade que enlaça a imensidão do mundo. Todos sabem um pouco e esse saber nunca é igual. “Definitivamente não somos iguais, e é maravilhoso saber que cada um de nós que está aqui é diferente do outro, como constelações” (KRENAK, 2019, p. 18). A diversidade do mundo nos aproxima e nos faz divergir, alterar, alternar. Porque a diferença é como uma chama reminescente, sinais esparsos no tempo, singularidades emitindo vetores de forças que produzem vida.

Na imagem do Vaga-Lume, Didi-Huberman (2011) acende a questão de um corpo que não é todo e nem totalizante, mas sim constituído de fragmentos, intermitências que constituem uma história maior, uma história menor, mutuamente. Fragmentos de um presente vivido.

A imagem de um presente inquietante, atento, e passível de transformação. “Assim, a vida dos vaga-lumes parecerá estranha e inquietante, como se fosse feita da matéria sobrevivente - luminescente, mas pálida e fraca, muitas vezes esverdeada - dos fantasmas” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 11).

Aproximando-me dos escritos de Benjamin (1994) percebi que o saber se articula com a experiência do presente e também com a experiência do mundo. O passado não está apenas no passado, ele compõe o que chamamos de presente e propõe rupturas na continuidade de um tempo linear, onde a história é contada por aqueles que majoritariamente delineiam a força do

gesto que dá seguimento a História. Não se trata apenas de reunir os fatos, de conhecê-los, a fim de confirmá-los numa aprendizagem instrumental e positivista, acentuando dados na era da reprodutividade (BENJAMIN, 1944). A aprendizagem, essa imagem do saber, vem acompanhada de imagens de um cotidiano vívido, uma presentificação da experiência, das surpresas e improvisos de uma ocupação dos espaços movimentada também pelos sonhos.

A aprendizagem, nesse sentido, tem a ver com essas imagens que constituem o mundo e nos atravessam no mundo. Envolve as ações, a vida, a morte, o modo como existimos, interrogamos, nos movimentamos e produzimos vida. Aproximar o tema da aprendizagem à dimensão sensível da experiência sob a ótica da cognição inventiva, é convidar o corpo a fundar uma história que ainda não foi contada. Contar histórias precárias, sempre insuficientes, deixando rastros e abrindo fendas. Uma história legítima e por vezes silenciada. “Ouvir seu silêncio talvez seja uma proposta ética que faça da diferença um promissor aturdimento” (BAPTISTA; RIBEIRO, 2016, p. 389).

Ainka sabe que seu ingresso numa universidade federal é a realização de um sonho de infância. Um sonho que é compartilhado por muitos e muitas pessoas de seus país. Por anos pensou que esse sonho não fosse para ela, as condições de existência a levavam para outros trajetos, mas a imaginação seguia pulsando como ritmo quente que flui nas veias e aquece os afetos e movimentos.

Seguir despertando esse sonho era estar atenta à fruição de um presente ativo às mudanças. Imaginar seu ingresso numa instituição de ensino a levava para lugares e espaços impensados. Tramava qualquer possibilidade de contar mais histórias e interromper a barbárie de um mundo fechado e determinado pela sina do destino. “E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Sepudermos fazer isso, estaremos adiando o mundo” (KRENAK, 2019, p.15). Adiar nessa perspectiva é não tomar o passado como determinado e nem o futuro tão previsível. É tomar o presente como abertura a tudo que há e o que pode haver.

Considerando nesse presente os corpos que compõem a vida ordinária. Sobrevivências reminiscentes pedindo passagem na atualização da história. “Compreender a que ponto esse encontro dos tempos é decisivo, essa colisão de um presente ativo com seu passado reminiscente” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 61). O passado está no presente, constelando junto, produzindo imagens criadoras de sentidos. Sinais inquietantes fazendo questão na temporalidade do presente. Não autorizando a história a se fechar.

A imaginação é política, eis o que precisa ser levado em consideração. Reciprocamente, a política, em um momento ou outro, se acompanha da faculdade de imaginar... momento crucial de seu desenvolvimento, se concentrar em questões de imagem, de imaginação e de “partilha do sensível” (DIDI-HUBERMAN, 2011, p.61).

Sobre a dimensão das imagens e imaginação, Kastrup (2016) explica que a imaginação não está restrita à ludicidade dos conceitos filosóficos, ou apenas à estética da arte. O ato de imaginar e inventar imagens criadoras de sentidos está intrinsecamente ligado à experiência cotidiana que contém em si as dimensões da arte e estética de vida. É na experiência de partilha do sensível que se aguçam processos de atenção cognitivos ricos de aprendizagens. “As grandes e pequenas invenções permeiam o conhecimento, atravessando subjetividades e domínios cognitivos [...] ela atravessa todos os processos e é a potência que a cognição possui de diferir de si mesma” (KASTRUP, 2016, p. 3).

A experiência estética pode ser de difícil apreensão, mas, por ter um caráter inquietante, atrai e mesmo obriga a retornar a determinada imagem diversas vezes, interrompendo e voltando, em um vaivém entre o chamado da obra e o desejo de ir além do que ela suscita. A experiência estética tem, assim, o potencial de desencadear processos de aprendizagem (KASTRUP, 2016, p. 4).

Ao acolher a experiência cotidiana como produção de saber nos processos de aprendizagem, acolhe-se também a dimensão do improviso. Improviso como aquilo que acontece e suspende as manias e os hábitos. Faz furo na clausura do familiar. Interroga sobre uma matrícula que contém “tudo”. Quanto mais nos aproximarmos de uma vida que circula e produz fricção no mundo, mais podemos sonhar despertos com uma realidade que se apresenta como possibilidade e não como metáfora.

Nesta perspectiva, os processos de aprendizagem não estão desconectados da experiência de vida, não falam estritamente de uma inteligência que é atribuída apenas ao intelecto ou que se restringe a universidade, sobretudo, a sala de aula como retenção de conteúdos do saber. “A educação não é uma questão de informação, nem de explicação, nem de formação de opinião. A questão aqui é a da aprendizagem inventiva, que inclui a capacidade de problematizar, de criar novos problemas. Trata-se de instaurar uma política cognitiva da invenção” (KASTRUP, 2016, p. 4).

Tomar a aprendizagem como algo indissociável da experiência de vida nos conecta a um campo de relações com imagens cotidianas. Quanto mais a experiência estiver próxima das dimensões da aprendizagem formal, mais a educação se efetuará como vetor de força

transformando realidades. Força que circula e encontra a colisão com as diferenças que desviam da trajetória linear, estrondos entre outros, outras e com outrens. Sinais que aparecem como sonhos se estampando pelo real de onde nascerá o mundo. “Clarão errático, certamente, mas clarão vivo, chama de desejo e de poesia encarnada” (DIDI-HUBERMAN, 2011. p. 22).

## 11 EDUCAÇÃO E TRANSGRESSÃO: APOSTAS COM VIDAS

Creio que a revolução começa justamente na  
revoluçãoda vida cotidiana.

bell hooks

Uma sala de aula é composta por quatro paredes, muitas classes, cadeiras equivalentes ao número de classes. Quadros brancos, outrora verdes. Rabiscos de giz ou canetas quase sem tintas pigmentando rabiscos que o olho quase não alcança. Uma sala de aula tem raios de sol, pingos de chuva, tem janelas que mostram as nuances do céu e a concretude do chão. Uma sala de aula tem ar denso que, por vezes, embaça as transparências. Pessoas entram, ficam e saem, entram e saem, depois ficam, pessoas transitam. Esse trânsito se dá pelo tanto de vida que acontece fora do quadrante, mas que inevitavelmente estamos sempre levando para sala de aula.

Ao chegar em uma instituição de ensino antes de conhecer uma sala de aula, é necessário um trânsito pela instituição. Fazer um reconhecimento do espaço onde se passará algum tempo. O percurso pode ser cheio de especificidades e reconhecimento de necessidades. Onde ficam os banheiros? Onde é o restaurante universitário? Como faço para acessar a biblioteca? Quantos andares devem ser percorridos? Vai de escada ou elevador? As impressões são feitas onde? Quem pode informar? A relação com a materialidade do mundo acontece neste campo de relações que incita muitas aprendizagens.

Ao ocupar o espaço da sala de aula ninguém chega vazio, como se tivesse começando naquele instante, como se não tivesse algo importante para comunicar. Uma sala de aula do ensino superior necessariamente é ocupada com fragmentos de histórias distintas. Presenças partilhando um tempo e espaço onde a aprendizagem ocorre junto desses elementos vitais que animam a experiência.

Pensar a sala de aula é um exercício que incute movimento. Movimentos históricos, movimentos amorosos, movimentos éticos, cuidadosos, movimentos que ultrapassam a simetria imposta por uma agenda ocidental. *Fayola*, estudante vinda de Guiné Bissau, inscreve sua história em um curso de ensino superior na Universidade Federal da cidade de Porto Alegre e se lança nas modulações das relações de aprendizagem que adentram as portas da universidade.

Havia uma disciplina obrigatória onde colegas se sentiram desconfortáveis e trocaram de turma. Eu permaneci e sentia muita dificuldade no modo como o professor ensinava, explicava. Na sala de aula, tinham também perguntas racistas. Com o tempo, aprendi que sempre que eu estiver em um ambiente social, as pessoas farão perguntas racistas. Outros colegas negros trancaram essa disciplina (NARRATIVA FAYOLA).

Uma “corrente oculta de tensão afetava a experiência de aprendizado” (HOOKS, 2013, p. 14). Essa tensão acontece e é marcada por processos históricos que compõem a aprendizagem, incorporam aspectos subjetivos nessa experiência. O modo tradicional de ensino vem de um modelo eurocêntrico, onde o saber fica centralizado na figura do professor que, na maioria das vezes, é branco. Os colegas em sua grande maioria também são pessoas brancas. E nisso consiste o constrangimento. As pessoas negras ainda são vistas como “não pertencentes” a esses espaços. E isso compõe uma experiência de integração e permanência.

A educação, ou os modos de educação que se perpetuam, sustentam projetos hegemônicos, baseando as aberturas e acesso em uma lógica de ingresso e apagamento das diferenças. A tríade raça, igreja, estado-nação revela uma lógica totalitária que beneficia uns em detrimento de outros justamente por negar a diferença constituinte dos processos de subjetivação (RUFINO, 2017).

A ideia da co-moção se trata de uma tentativa precária e insuficiente de estar atentos às presenças que incorporam o viver e percebê-las, ao passo que, perceber e reconhecer a pluralidades da existência reverbera em um estado de co-moção que legitima e advoga com essas vidas. Assume-se precária e insuficiente justamente por apresentar seu rigor com a vida e complexidade diante do mundo.

Gesto que gesta um mundo onde as presenças vão se tornando mais nítidas, incumbidas de afecções. Afetar-se com as presenças em um campo relacional das diferenças figura como a nascente de uma prática descolonizadora que precisa ser inventada e inventariada, o que caracteriza uma dimensão ética de interação com o mundo e uma responsabilidade com outro (RUFINO, 2017).

Na universidade, há também papéis, auxílios jurídicos, reconhecimento legal, curso preparatórias de língua portuguesa. Nivelamentos, provas, trabalho. Como sustentar um sonho? O vivido não é apenas o sonho sonhado. Adentrar na realidade de um sonho se torna custoso, tendo em vista a desvitalização provocada por um regime eurocêntrico. No caso de

*Fayola*, os elementos para se tornar uma estudante solicito construir uma demanda difícil de acompanhar. O estudante em situação de refúgio precisa adentrar em uma nacionalidade diferente, como também se adaptar aos processos de colonização para, então,

seguir o rumo dos estudos.

Depois deste percurso de reconhecimento, *Fayola* consegue comprovar seu desejo de cursar uma universidade e autentica suas condições frente à instituição. Na secretaria, ela segura os papéis com as mãos trêmulas. Sua sensação é a de que “alguma coisa nesses papéis não será aceita” (NARRATIVA FAYOLA). Seu projeto de vida está em suas mãos que, trêmulas, entregam a instituição. Esse encontro se torna emblemático.

Emblemático porque ao ingressar na universidade federal algo vital também entra, a vida como devir abrindo possibilidades, trazendo o vivo para a educação e provocando uma espécie de transgressão. A entrada de um estudante em situação de refúgio altera os elementos da vida de uma aprendizagem. Esses estudantes invocam uma pluralização de presenças onde existiam ausências, incutem mobilidade onde há conformidade, transgressão onde há apenas normatização e ampliam as possibilidades onde antes havia apenas escassez (RUFINO, 2017).

Habitar esse lugar que, ao mesmo tempo, consegue ser interno e externo, estar dentro e fora, constitui um grande desafio. O anonimato do pensar, este que nos lança em um espaço incerto e arriscado, faz-se presente no colocar-se à prova em um campo minado, em que definições certas abrem espaço para experimentações que recusam os destinos inevitáveis ou as utopias de um mundo ideal (BAPTISTA; CANDIDO; ÁVILA, 2020, p. 345).

A educação, nesse sentido, chega como espaço de experimentação que interrompe a linearidade do destino. Faz uma recusa do pessimismo como fim e também problematiza o percurso otimista, desviando das grandes utopias. A educação opera experimentações de um ínfimo movimento que alterna posições em uma habitação do presente.

“Na chegada, me senti perdida em muitos momentos. Aos poucos, foi descobrindo como andar na UFRGS. Perguntava e observava para aprender” (NARRATIVA FAYOLA).

A ocupação dos espaços lança o corpo em uma experimentação do convívio cotidiano. O desconhecido vai delineando novas formas. Antes de chegar na sala de aula, há muitas aprendizagens ocorrendo que dizem respeito a uma presença ocupando um tempo-espaço. Esse modo de ocupar não é individualizado, há muitos elementos compondo e modulando uma experiência que transforma a si e ao mundo. Elementos históricos e vitais que incorporam as presenças em mobilidade nas aprendizagens que co-movem.

A co-moção não menciona o revezamento como troca de posições, mas fala de uma disposição mútua da experiência onde nada permanece como está. Trata-se de um convite a tramar em um tempo-espaço movimentos que incorporam o viver e produzem outridades e

um compromisso com a vida que amplia o campo de possibilidades.

Teve uma disciplina muito difícil. Não tinha jeito, eu não entendia. Vários colegas meus cancelaram, mas os poucos que permaneceram foram importantes para que eu seguisse realizando as atividades. A amizade me ajudava a lidar com tudo que estava acontecendo na pandemia, tornava as aulas mais leves. Tem alguns professores que foram ferramentas que ajudavam a lidar com a aprendizagem e com a saudade de casa (NARRATIVA ELIKIA).

Uma habitação do presente é envolta por histórias que se constituem na experiência. Nesse sentido, encontrei nas contribuições de Maturana e Varela (1995) a conexão entre aprendizagens e experiências vinculadas aos processos cognitivos de vida em um espaço-tempo subjetivo. A autonomia do ser vivo está intrinsecamente ligada à maneira como ele age e se relaciona com seu meio. O ser vivo produz a si mesmo. Neste sentido, traz uma organização nos processos de produção que estão conectados com diversos elementos, produzindo afecções e múltiplos sentidos.

Maturana e Varela (1995) propõem, com o conceito de autopoiese, uma atitude que envolve sujeitos nos processos de produção. O ensino e a aprendizagem acontecem mutuamente em uma sala de aula. Aquele que ocupa uma instituição de ensino, mais do que responder às questões moralizantes, está também acarretando a produção de corpos pensantes, criativos e autogestivos. Capazes de se conectar com um campo de linguagem que produz diferentes discursos “toda história individual humana é uma epigênese na convivência humana” (MATURANA, 2002, p. 28).

Tomando como horizonte o tema das emoções como ação, a educação trata-se de um processo contínuo que dura a vida toda, aberto a dimensão sensível que nos coloca em contato com a diferença do mundo e com as nossas. O contato com a pluralidade do mundo levanta problemas que interrogam o ser, saber, poder, como instruir-se e intuir-se nos processos educacionais considerando a presença autônoma e emancipatória da vida.

Aprender tem a ver com o intelecto, mas também com uma gama de sensações e afetos. Aprender também é sentir, ser levado em uma direção e não na outra. Lidar com os afetos que estão no mundo e dar nome a eles, às vezes em forma de grito, outras vezes em forma de ciência elaborada, outras em forma de protesto, algumas vezes em forma de sintomas, outras na base do choro ou da fúria. Muitas vezes no encanto e na alegria. Essas sensações, e tantas outras que não estão nomeadas nesse texto, compõem e modulam as aprendizagens que não são iguais. “A educação emerge como uma questão ética, pois está

implicada à dinâmica inevitável de tessitura de experiências com o outro” (RUFINO, 2017, p. 105).

A co-moção chega como esse elemento vivo que necessita de mobilidade para se manter pujante. Elemento dinâmico que propõe circulação e revezamento apostando em uma educação corajosa capaz de acolher a emergência da diferença, seja ela qual for. Borrando as fronteiras do que é imposto assimetricamente, visto que a educação aparece apenas como campo de competências e habilidades que lideram os rankings do mercado.

A educação que nos é ofertada como uma espécie de pedagogia cívica [...] deve ser lida como parte da agenda do colonialismo. Essa forma descomprometida com a vida, pois é contrária à diversidade, à imprevisibilidade, e às possibilidades, é fiel à produção de seres acomodados com a gramática colonial [...] esses são produtos de uma experiência [educação] que se versa como desencante (RUFINO, 2017, p. 105).

Concebendo a educação como prática incorporada ao viver, estamos afirmando que a Educação é uma experimentação de um campo relacional que emerge pluralidade e diferença e, por isso, aprendizagens. Estamos em relação com uma série de elementos que mantêm nosso modo de estar no mundo ativo. O espaço formal de uma sala de aula nunca é o mesmo. Cada aula é uma aula diferente, ainda que algo se repita em certa dimensão. O conteúdo pode ser “o mesmo”, mas a forma como ele circula em uma sala de aula é diferente, varia levando em conta a pluralidade das relações no tocante à própria didática de ensino. Como negar a diferença de cada presença na composição dos espaços?

Os professores questionam meu jeito de escrever, é que eu tenho experiência com o crioulo e com o português de Portugal. Falo bem, me comunico, mas na hora de escrever parece errado porque minha escrita é muito misturada, tem marcas do crioulo. Na escrita, o crioulo atrapalha na léxica com o português brasileiro. E isso me inibe na aprendizagem e na escrita acadêmica (NARRATIVA FAYOLA).

“A pedagogia cívica propagada pelo colonialismo é, antes de um projeto escolar, um projeto de produção de seres que perpassa pela negação de inúmeras outras formas de saber” (RUFINO, 2017, p. 106). Ou seja, quanto mais a sala de aula se torna apenas um lugar de disciplina, mais aumenta a reprodução de violências e opressões que constroem a dimensão sensível das aprendizagens. Quanto mais ignoramos a dimensão da vida que circula e move, mais estaremos a serviço de uma prática colonialista que busca, senão, a manutenção do status quo, status que garante a legitimidade para uns em consonância com atos violentos

em relação às outras.

A Educação como campo complexo produtor de diferença que reconhece e invoca presenças em movimento, opera como ação que transgride os lugares pre-destinados do regime colonial, constituindo outros mundos. “Qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida” (HOOKS, 2013, p.18). O reconhecimento das presenças atua como provocador de entusiasmo e interesse na produção de ideias, na aprendizagem coletiva, em uma sala de aula reconhecida como comunidade. São ações e condições que atuam como sinais do corpo que interagem como catalisadores presentes, movimentando e invocando a vida ao desejo de viver partilhado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nada deixamos de nós senão o que pode provocar vida nos outros

Marcel Proust

O que são esses achados do processo de pesquisa? De que ponto partimos e onde chegamos? Gosto de pensar no final como um fim para algo que continua de uma outra forma<sup>33</sup>. Nesse sentido, houve uma experiência de pesquisa sustentada numa concepção porosa de fazer acadêmico em compromisso com o presente.

Tentei encerrar a pesquisa muitas vezes, construindo considerações para o ponto final, e retorno a produção da pesquisa, pois me vem a sensação de que o processo é algo vivo produzindo movimentos. Cabe dizer, que a pesquisa foi acontecendo de tempo em tempo, ocasionando pequenos sustos que tornavam a experiência mais inteligível. Pouco a pouco é que fui percebendo que estava percebendo as coisas.<sup>34</sup>

No início havia um projeto de pesquisa pensado para um campo. Com a chegada da pandemia, o campo modificou-se e a vida inverteu eixos. Reinventamos o projeto ainda no primeiro semestre de 2020 depois das primeiras aproximações com a complexidade do campo potencializado pelo momento pandêmico.

Uma aprendizagem mediada por vídeos era algo novo para a proposta de acolhimento de estudantes em situação de refúgio e para minha aprendizagem como mestrande. A alteração da modalidade presencial para o on-line foi um desafio. Não só pela alteração de espacialidade, mas também pela diferença dos signos envolvidos. Transitamos de um espaço a outro mediados pela questão remota, que confere um modo diferente de habitação. Contudo, fomos achando jeito de manter a conexão aquecida com os recursos que nos eram possíveis. Experimentamos muitas camadas do improviso nessa imersão em territórios movediços que a pandemia nos trouxe.

Uma das minhas maiores aprendizagens foi inventar, em meio ao período pandêmico, em meio aos encontros, em meio a alteração de conexão, modos de partilhar a experiência e tonificar as presenças. Essa dimensão de implicação e engajamento compartilhado provocou reconhecimento e integração.

A pesquisa passou intensos questionamentos que me chegavam como uma espécie de

---

<sup>33</sup> BEDIN, Luciano. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, v.7, n.2, p. 66-77, mai./ago., 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/106583> . Acesso em: 12 fev. 2022

<sup>34</sup> LISPECTOR, Clarice. Perdoando deus. **Todos os contos**. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 2016.

Contra-etnografia dos estudantes em situação de refúgio. Mais do que oferecer respostas a eles, escutei muitas das perguntas que eles fizeram ao habitar os espaços, e desse encontro entre inquirições e escutas foram surgindo problematizações sobre refúgio, fazer universitário, racialização, concepções de saúde e bem-estar. Esses trânsitos singulares atravessaram instituições, cidades, países, entreprendizagens formais e não formais.

Acolhi a perspectiva que eles trouxeram e levei com rigor durante todo o percurso: *as pessoas concluem cedo demais*. Demorei-me ao lado, prestando atenção nas fendas e aberturas como quem conjura possibilidades, não pela via da ação antecipada, mas na intenção de achar ritmo de uma coreografia singular. Estar ao lado possibilitou que as sensações se comunicassem, instruindo um desejo de construir, a partir das fendas, um modo de existir com menos violências.

E para que haja modos de existir com menos violências foi indispensável que minha presença fizesse laço com as vidas das quais me propus a acompanhar. Nessa trajetória compartilhada, os signos do refúgio perpassam meu corpo. Agiram como catalisadores conectando a um desejo partilhado<sup>35</sup>.

No período em que caminhávamos para as “conclusões finais”, tivemos a notícia de que Moïse havia sido assassinado brutalmente. Moïse era um homem negro, trabalhador de um quiosque à beira-mar no Rio de Janeiro e veio para o Brasil em busca de ampliação das possibilidades, ele estava numa condição de refúgio.

As cenas de violência que circulavam nos meios de comunicação ficavam indo e vindo em meu pensamento e se entrelaçaram aos rostos das pessoas que estive ao lado ao longo da pesquisa. Entendi, naquele momento, que as fronteiras dos modos de existir ficaram bem delimitadas. Um corpo negro estrangeiro transitando pela cidade é diferente de um corpo branco brasileiro em circulação. O romantismo que por vezes surge nos processos de pesquisa sofreu queda brusca (meu romantismo é um privilégio). Meu corpo branco não estava em risco, mas o medo, passou a rondar as subjetividades das pessoas que acompanhei nesse percurso.

A pesquisa sofreu um impacto nesse período em que eu buscava encontrar os achados dessa trajetória. Ao mesmo tempo a presenças dos estudantes em situação de refúgio ficavam indo e vindo provocando intermitências, passagens cintilantes, como as imagens dos vagalumes que emitem seus sinais<sup>36</sup>. Fui inundada da presença desses parceiros com quem tive a honra de traçar caminho por quase dois anos.

---

<sup>35</sup> Inspiração. Bell Hooks (2013).

<sup>36</sup> Didi-Huberman, 2011. A Sobrevivência do Vaga-Lumes.

Estivemos lado a lado mais uma vez num ato por justiça e “luto” articulado no parque da Redenção em Porto Alegre. Me manifestar em oposição à barbárie, fazendo enfrentamento ao racismo e xenofobia que ceifam vidas, era mais uma vez estar ao lado em defesa da vida e das possibilidades de viver com menos violências.

A manifestação foi um momento forte, com muitos depoimentos de pessoas em situação de refúgio. O que eles pediam era “nos deixe viver e trabalhar, nós (estrangeiros) não somos inimigos, somos pessoas querendo oportunidades de viver bem”.

Ao entrar em contato com as narrativas que contavam sensações do refugio, compreendi que a produção dessa pesquisa não é minha *stricto sensu*. A presença dos estudantes pulsa fazendo furo na clausura do familiar. E inquire o nascimento de outras possibilidades de existência que o Brasil deva ser capaz de receber.

Essa pesquisa é uma construção coletiva. A metodologia de autoria compartilhada compôs isso que chamamos de produção e intervenção de uma ciência porosa que produz mundo à medida que ocupa os espaços como agentes ativos. Construimos possibilidades de dizer e afirmar aprendizagens no campo da Educação e também na Saúde, reconhecendo a experiência de refúgio numa dimensão singular entrelaçada à vida de todo dia.

Esse percurso movimentou o desejo de continuar pensando e problematizando a mobilidade dos corpos, adentrando lacunas e apostando numa aprendizagem que não vem para confirmar o que existe, mas para provocar o nascimento de novas condições de reconhecimento, efetuando processos subjetivos capazes de testemunhar e ampliar as possibilidades de vida.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Palestra proferida ao TEDx Talks Global. 7 out. 2009. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg>. Acesso em: 10 abr. 2020. 1 vídeo (19 min).
- ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 1, n. 8, p. 229-236, 2000. Disponível em: <https://www.sertao.ufg.br/up/16/o/anzaldua.pdf>. Acesso em: 13 dez. 2021.
- ARANTES, Esther Maria de Magalhães. Escutar. *In*: FONSECA, Tania Mara Galli.; NASCIMENTO, Maria Lívia do.; MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença**: um abecedário. Porto Alegre: Sulina, 2012. pp. 91-94.
- ARENDDT, Hannah. **Nós, os refugiados**. Tradução Ricardo Santos, Covilhã, Portugal: LusoSofiapress, 2013. Disponível em: [https://hannaharendt.files.wordpress.com/2018/05/20131214hannah\\_arendt\\_no\\_s\\_os\\_refugiados.pdf](https://hannaharendt.files.wordpress.com/2018/05/20131214hannah_arendt_no_s_os_refugiados.pdf). Acesso em: 20 mar. 2020.
- BATISTA, Lazaro.; GUIMARÃES, Marina. **Infâmias, afetos e “manchas urbanas**: fragmentos narrativos de uma pesquisa nas fronteiras da cidade. *In*: X COLÓQUIO INTERNACIONAL “EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE 2016. São Cristóvão-SE. Disponível em: [https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8915/24/infamias\\_afetos\\_e\\_manchas\\_urbanas\\_fragmentos\\_narrativos\\_de\\_uma\\_pe.pdf](https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/8915/24/infamias_afetos_e_manchas_urbanas_fragmentos_narrativos_de_uma_pe.pdf). Acesso em: 15 jul. 2021.
- BAPTISTA, Luis Antonio.; CANDIDO, Mario Cesar Carvalho.; ÁVILA, Raphael Ferreira. A Cidade do Anônimo: Experimentações Éticas. **Psicologia em Revista, Belo Horizonte**, v. 26, n. 1, 2020. p. 336-353.
- BAPTISTA, Luis Antônio. Tartarugas e vira-latas em movimento: Políticas de mobilidade na cidade. **Corpocidade, debates, ações e articulações**. Salvador: Editora EDUFBA, 2010.
- BAPTISTA, Luis Antônio. **Escritos Urbanos**: ensaios sobre subjetividade e política. Curitiba, Editora CRV, 2020.
- BAUM, Carlos.; KROEFF, Renata Fischer da Silveira. **Enação**: conceitos introdutórios e contribuições contemporâneas. **Enação: percursos de pesquisa**, Florianópolis, Editora Edições do Bosque, 2019. p. 19-48.
- BEDIN, Luciano. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, v.7, n. 2, mai./ago., 2014. p. 66-77. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/106583>. Acesso em 12 fev. 2022.
- BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. *In*: Obras Escolhidas Volume I. **Magia e Técnica, Arte e Política**: Ensaios sobre literatura e história e cultura. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. *In: Obras Escolhidas Volume I. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaios sobre literatura e história e cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

BHARTES, Roland. *In: BHARTES, Roland. O Óbvio e o Obtuso*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1990. p. 217-229.

BONDIA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Rev. Bras. Educ.** [on-line]. 2002, n.19, pp.20-28. ISSN 1413- 2478. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 4 jun. 2020.

BUTLER, Judith. A reivindicação da não violência. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. p. 233- 259.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2018.

CARDOSO, Carlos Antônio. A subjetividade, o Fora e a cidade: repensando o sujeito, o espaço e a materialidade. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, p. 242-251, ago. 2016.

COIMBRA, Cecilia.; KNIJNIK, Luciana.; GALLI, Tania. Mara. Qual a cor da farda dos guardiões da ordem? Algumas problematizações sobre a história do Brasil contemporâneo. *In: Alexandra. Ximendes.; Carolina. Reis.; Rafael. Wolski. Entre garantia de direitos e práticas libertárias* (pp.43-49). Conselho Regional de Psicologia, Porto Alegre, 2013.

COSTA, Luis Artur. O corpo das nuvens: ousos da ficção na Psicologia Social. **Fractal. Rev. Psicol.** [on-line], v. 26, n.spe, pp.551-576, 2014. ISSN 1984-0292. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1984-0292/1317>. Acesso em: 20 ago. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DERRIDA, Jacques. **Da hospitalidade**. São Paulo: Escuta, 2003.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

GAGNEBIN, Jeanne, Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GATTO, Veridiana. **Constelando imagens na história: ensaios sobre políticas de subjetivação do ver entre a transgressão e o poder**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2017.

HANDERSON, Joseph. Diaspora. Sentidos sociais e mobilidades haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000100003>

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KASTRUP, Virgínia. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicol. Soc.**[on-line], v.16, n. 3, 2004. pp.7-16. ISSN 1807-0310.  
<https://doi.org/10.1590/S0102-71822004000300002>.

KASTRUP, Virgínia. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicol. Estud.** [on-line], v. 6, n.1, 2001. pp. 17-27. ISSN 1413-7372. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722001000100003>. Acesso em: 22 set. 2021.

KASTRUP, Virgínia. Educação e invenção em tempos de incerteza. *In*: VOLZ, J.; PRATES, V. (orgs.). Incerteza viva: processos artísticos e pedagógicos. Bienal de São Paulo, 32. **Anais [.....]** São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

KROEFF, Renata. Fisher. Silveira.; FARIAS, Nithiane. Capella.; MARASCHIN, Cleci. Emocionar e conhecer. **Enação: percursos de pesquisa**, Florianópolis, Edições do Bosque, 2019. p. 81-97.

LARROSA, Jorge. “O enigma da infância. Ou o que vai do impossível ao verdadeiro”. **Plataforma de Pesquisas - A Casa Tombada**. Disponível em: <http://biblioteca.acasatombada.com.br/items/show/1332>. Acesso em: 19 fev. 2022.

LISPECTOR, Clarice. Perdoando deus. **Todos os contos**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2016.

LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro de Vida**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

MARQUES, Pâmela Marconatto. Pesquisa Empírica em Direito. **Metodologia de pesquisa em Direito: Ensaio Tempestivos**. Porto Alegre: Ed. CirKula, 2020.

MIZOGUCHI, Danichi. **Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

MIZOGUCHI, Danichi. **Escritos urbanos: ensaios sobre subjetividade e política**, Curitiba, Editora CRV, 2020. p. 14-16.

OLIVEIRA, Érika Cecília Soares *et al.* “Meu lugar é no cascalho”: políticas de escrita e resistências. **Fractal: Revista de Psicologia - Dossiê Psicologia e epistemologias contra-hegemônicas**, Niterói, v. 31, n. esp., p. 179-184, set. 2019. [https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i\\_esp/29043](https://doi.org/10.22409/1984-0292/v31i_esp/29043)

OLIVEIRA, Itauane *et al.* Produzir fissuras até ruir muros coloniais-manicomias: apostas éticas para acompanhamento terapêutico antimanicolonial. **Linhas do Tempo: Acompanhamento Terapêutico na Rede Pública**, Porto Alegre, Editora Redeunida, 2022. p. 137-150.

PALOMBINI, Analice. Lima. **Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade**. Contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica da reforma psiquiátrica. Tese

(Doutorado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

PASSOS, Eduardo. Pós-naturalismo e ciência da subjetividade: problema do tempo e da autonomia no cognitivismo contemporâneo. **Cadernos de Subjetividade**, v. 2. n. 1 e 2, 1994. São Paulo: Núcleo de Estudos e Pesquisa da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP. São Paulo: Editora Parma, 1994. pp. 67-78.

PASSOS, Eduardo.; BENEVIDES, Regina de Barros. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo.; KASTRUP, Virgínia.; ESCÓSSIA, Liliana da. (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RIBEIRO, Elton Silva.; BAPTISTA, Luis Antônio dos Santos. Ruídos e silêncios de um corpo na cidade: paradoxos da produção da diferença no contemporâneo. **Psicol. Rev.** (Belo Horizonte) [on-line], v. 22, n. 2, 2016. pp. 374-391. ISSN 1677-1168. Disponível em: <http://dx.doi.org/DOI-10.5752/P.1678-9523.2016V22N2P374>. Acesso em: 12 maio 2021.

ROCHA, Lorena. Pinheiro.; PALOMBINI, Analice. Lima. A clínica do Acompanhamento Terapêutico como pesquisa psicanalítica: Uma escrita compartilhada entre vários. **Ágora (PPGTP/UFRJ)**, v. 20, 2017. p. 732-742. <https://doi.org/10.1590/1809-44142017003012>.

RUFINO, Luis Rodrigues. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas**. 2017. 233 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SILVA, Rodrigo Lages.; BAPTISTA, Luis Antonio dos Santos. Primavera urbana: a ilha deserta interroga as multidões. **Psicol. Soc.** [on-line], v. 26, n. spe, pp.25-35, 2014. ISSN 1807-0310. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000500004>. Acesso em: 16 abr. 2021.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 7-17, jun. 2010. Disponível em: <http://abpnrevista.org.br/revista/index.php/revistaabpn1/article/view/303>. Acesso em: 20, dez. 2021.